

unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS

Newton Ferreira da Silva

**O PENSAMENTO DE CHE GUEVARA: HOMEM NOVO, TRABALHO
E CONSCIÊNCIA NA REVOLUÇÃO CUBANA**



MARÍLIA

2011

Newton Ferreira da Silva

**O PENSAMENTO DE CHE GUEVARA: HOMEM NOVO, TRABALHO
E CONSCIÊNCIA NA REVOLUÇÃO CUBANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rodrigues Ribeiro da Cunha



MARÍLIA

2011

Ficha catalográfica elaborada pelo
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação – UNESP – Campus de Marília

<p>Silva, Newton Ferreira da.</p> <p>S586p O pensamento de Che Guevara : homem novo, trabalho e consciência na Revolução Cubana / Newton Ferreira da Silva. – Marília, 2011. 152 f. ; 30 cm.</p> <p>Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2011</p> <p>Bibliografia: f. 148-152 Orientador: Paulo Ribeiro Rodrigues Cunha</p> <p>1. Socialismo. 2. Revolução Cubana. 3. Trabalho. I. Autor. II. Título.</p> <p>CDD 335.40972</p>

NEWTON FERREIRA DA SILVA

**O Pensamento de Che Guevara: Homem Novo, Trabalho e
Consciência na Revolução Cubana**

Dissertação para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Prof. Dr. Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha
Depto. de Ciências Políticas e Econômicas – FFC/UNESP/Marília

2º Examinador: _____

Prof. Dr. Marcos Tadeu Del Roio
Depto. de Ciências Políticas e Econômicas – FFC/UNESP/Marília

3º Examinador: _____

Prof. Dr. Paulo Alves de Lima Filho
IBEC – Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos

Marília, 17 de janeiro de 2011

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço e dedico este trabalho à minha esposa e companheira Cristiane. Muitos momentos delicados dessa trajetória acadêmica somente puderam ser superados graças à sua compreensão e carinho.

Agradeço igualmente aos meus pais (José Bezerra e Francinete) pelo apoio incondicional e pela presença constante e importante em minha vida e aos meus irmãos (Ricardo, Wagner e Viviane) por termos uma relação ainda próxima e amistosa.

Jamais poderia esquecer-me de agradecer, tanto pela amizade sincera quanto pelos conhecimentos passados ao longo do tempo (desde a graduação em Araraquara, 1997-2001), ao meu grande mestre Paulo Alves de Lima Filho. Calmo, ponderado e sábio, soube como ajudar-me nos momentos mais pedregosos desse longo caminho. Ademais, foi um texto seu que me estimulou a aventurar-me sobre o pensamento de Che Guevara.

Ao professor Paulo Cunha também registro o meu muito obrigado. A sua recepção, presteza e apoio foram essenciais para que eu finalmente concluísse essa etapa de minha vida acadêmica. Outras duas pessoas muito importantes nessa reta final de meu Mestrado foram os professores Marcos Del Roio e Jair Pinheiro. Agradeço aos três pela rica contribuição dada a esta dissertação e pela atenção dedicada a mim e à minha pesquisa.

Não poderia deixar de citar três amigos que, cada um a seu modo, foram muito importantes auxiliando-me a superar obstáculos teóricos e pessoais ao surgirem com a sua presença em momentos complicados e decisivos. Obrigado ao meu caro Lalo, ao meu amigo Pita e ao meu camarada Lúcio Flávio.

“Por sua entrega total à luta revolucionária, assim como por suas excepcionais qualidades humanas, o inesquecível guerrilheiro se transformou em um símbolo, e hoje a sua vida e a grande força de seu exemplo continuam sendo fonte de inspiração para milhões de seres humanos, porque homens da sua estirpe se agigantam com o passar do tempo.”

Victor Perez-Galdos

"Um pensamento livre e profundo, perseverante no esforço de compreender racionalmente a vida e um total desprezo pela vaidade estúpida do mundo, eis os dois bens supremos do homem."

Anton Tchékhov

“Os escritos de Che, o pensamento político e revolucionário de Che terão um valor permanente no processo revolucionário cubano e no processo revolucionário na América Latina. E não duvidemos que o valor de suas idéias, de suas idéias tanto como homem de ação, como homem de pensamento, como homem de depuradas virtudes morais, como homem de insuperável sensibilidade humana, como homem de conduta inatacável, tem e terão um valor universal.”

Fidel Castro

RESUMO

Nesta dissertação pretendemos fazer um estudo pormenorizado de três pontos essenciais presentes no pensamento de Ernesto Che Guevara: o homem novo, a consciência e o trabalho. Envolvido diretamente em todo o processo de conquista do poder enquanto comandante de uma das colunas guerrilheiras existentes em Sierra Maestra, Che Guevara, a partir da vitória dos insurrectos cubanos em 1959, passou a encarar um novo desafio: como fazer a transição do capitalismo miserável e dependente de Cuba para o socialismo e o comunismo. Utilizando-se de uma base teórica marxista, tentou esboçar uma teoria de um homem novo que, conscientemente e através de uma nova relação com o trabalho, seria capaz de construir uma nova sociedade, não somente com um novo modo de produção, mas, principalmente, com uma nova moral.

Palavras-chave: 1.Consciência; 2.Socialismo; 3.Revolução; 4.Trabalho.

ABSTRACT

In this dissertation we intend to introduce a detailed study of three essential points present on the Ernesto Che Guevara's thought: the new man, the conscience and the work. Directly involved in the whole process of conquest of power while commandant of a guerrilla warfare column existent at Sierra Maestra, Che Guevara, from the Cuban insurrects victory's in 1959 on, has begun to face a new challenge: how to make the transition from the dependent and miserable capitalism of Cuba to the socialism and the communism. Applying a Marxist theoretician base, he tried to sketch a theory about a new man that, consciously and by a new relation with his work, would be capable to build a new society, not only with a new production system, but mainly with a new moral.

Key words: 1.Conscience; 2. Socialism; 3.Revolution; 4.Work.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 – O Homem Novo de Che Guevara	
1.1 Notas Introdutórias: Trabalho, Estranhamento e Alienação em Marx.....	25
1.2 A Construção de uma Nova Civilização a partir de um Novo Homem.....	43
Capítulo 2 – A Sociedade como Escola e a Vanguarda como Exemplo	
2.1 O Papel da Educação na Tomada de Consciência do Homem Novo.....	71
2.2 Vanguarda Revolucionária e Institucionalidade Revolucionária.....	82
Capítulo 3 – Novas Relações de Produção e a Busca pela Objetividade Consciente	
3.1 Trabalho Voluntário e Novo Trabalho.....	102
3.2 Estímulo Material vs. Estímulo Moral.....	116
3.3 Planificação: Controle Econômico e Social.....	130
Considerações Finais.....	140
Referências.....	148
Bibliografia Consultada.....	151

Introdução

Ainda durante a minha graduação em Ciências Econômicas, interessei-me pelas questões pertinentes à consciência e à alienação dos seres humanos, mais especificamente enquanto sujeitos ativos no processo produtivo que garante a sua reprodução social. Foi a partir dessa motivação que em minha monografia optei por estudar a alienação originada do trabalho executado sob a lógica capitalista. Baseando-me quase que integralmente nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* de Karl Marx, tentei elaborar uma modesta exegese que abordasse alguns conceitos marxianos relacionados ao trabalho alienado e estranhado. Objetivando estender o escopo tangente à problemática da consciência e sua relação com o modo de produção praticado pelos seres humanos sob determinado sistema econômico a outro patamar, defrontei-me, então, com o desafio de investigar as concepções de um notório guerrilheiro e revolucionário argentino sobre essas mesmas questões em um contexto em que se buscava construir uma sociedade socialista e comunista.

Assim, a opção por estudar o pensamento de Ernesto Che Guevara surge como uma continuação da investigação que tento desenvolver concernente à relação da formação da consciência do homem com a sua atividade produtiva material e sensível. Cabe ressaltar, contudo, que tal iniciativa nessa fase igualmente se explica pela, podemos dizer, atração que a Revolução Cubana e, naturalmente, a figura dos seus dois principais líderes, Fidel Castro e Che Guevara, exercem sobre o autor desta dissertação – ambos símbolos, acima de tudo, de luta por uma sociedade justa e igualitária, onde os dias de exploração de um homem pelo outro encontrariam o seu fim.

Ernesto Che Guevara ficou mundialmente famoso e marcou definitivamente o seu nome na história mundial, e mais especificamente na da América Latina, quando comandou uma das principais colunas guerrilheiras da Revolução Cubana de 1959. Liderada por Fidel Castro, grande parceiro e amigo de Guevara, a revolução na ilha caribenha determinou novos rumos ao continente ao se proclamar socialista. Localizada a meros 140 km da principal potência militar e econômica que já existiu na história da humanidade, Cuba – a despeito de seu tamanho e do seu profundo subdesenvolvimento – optou deliberada e conscientemente por enfrentar o enorme desafio de tentar criar uma nova sociedade mais justa e menos desigual em meio ao caos econômico e social que marcava o seu presente e o seu passado.

Ex-colônia da Espanha, Cuba foi praticamente subsumida ao então ascendente e nascente império ianque no momento em que, finalmente – e após duas guerras de libertação (a primeira delas ocorrida entre os anos 1868-1878) – conseguiu conquistar oficialmente a sua independência no ano de 1898. Os Estados Unidos, não respeitando a soberania do país vizinho recém-libertado, passaram o próximo meio século impondo governos títeres e ditatoriais aos cubanos com o objetivo de manter Cuba como um grande balneário turístico e um grande bordel para a elite capitalista norte-americana¹. Obviamente, também controlavam toda a economia cubana – forçada à monocultura do açúcar, à exportação de produtos primários e à importação de produtos manufaturados do vizinho mais poderoso.

Em 26 de julho 1953, um ataque ao quartel de Moncada, liderado por Fidel Castro, foi o estopim do novo processo revolucionário em Cuba que culminaria com a derrubada do poder ditatorial de Fulgêncio Batista em 1959. Neste interregno, marcado pelo fracasso daquela primeira iniciativa, pela prisão de Fidel até 1955 e pelo posterior exílio voluntário no México² – onde passou a preparar o retorno dos guerrilheiros revolucionários a Cuba, o líder da Revolução Cubana conheceu o personagem principal cujo pensamento será analisado neste trabalho por nós: Ernesto Che Guevara.

De nacionalidade argentina, Ernesto Guevara graduou-se como médico em 1953, quando, segundo ele próprio, ainda não tinha consolidado todos os conceitos revolucionários que desenvolveria ulteriormente através de outras tantas aventuras e viagens que viria a fazer pela América Latina – tudo isso assentado sobre a sólida base cultural legada por seus pais³. Base esta também mais bem desenvolvida a partir do momento em que Guevara passou a ter contato e estudar as obras de Karl Marx e dos principais seguidores do pensamento do grande filósofo alemão.

Após viagem doméstica por várias províncias da Argentina, iniciada em 1º de janeiro de 1950 e na qual percorreu mais de 4500 km em uma bicicleta motorizada, Guevara partiu

¹ “Em 1º de janeiro de 1899, quando as guarnições militares espanholas arriaram suas bandeiras, o que se viu sobre as praças e fortalezas não foi o hasteamento da bandeira cubana, mas o da bandeira estadunidense. A intervenção militar e a ocupação que se seguiu impediram o surgimento de um Estado soberano e preservaram as estruturas econômicas e políticas preexistentes. A desmobilização do *Ejército Libertador*, a imposição da *Enmienda Platt* à Constituição Cubana, o estabelecimento da base naval de Guantánamo e a formação de um Exército Nacional, organizado e ideologicamente influenciado pelos EUA constituíram os aspectos mais evidentes de que Cuba não havia se tornado livre, mas apenas trocado de amo” (MAO JÚNIOR, 2007, p.379)

² Fidel Castro afirmou: “[...] havíamos demonstrado a impossibilidade de prosseguir a luta por vias abertas e legais. Por isso fomos para o México com a intenção de preparar de fora a etapa seguinte da luta.” (RAMONET, 2006, p.162)

³ Fidel define seu amigo Che como “um homem de elevada cultura, [...] um homem de grande inteligência.” (RAMONET, 2006, p.167)

em 29 de dezembro do ano seguinte, junto com seu amigo Alberto Granados, para o que seria a grande jornada até então de sua vida e que marcaria definitivamente a percepção e o conhecimento do argentino em relação aos problemas econômicos e sociais vividos pela classe trabalhadora no continente americano. Ao passar quase oito meses em um périplo que contou com passagens por muitos países da América Latina – percorreu mais de 9000 km – Guevara parece ter cristalizado e aguçado a sua sensibilidade em relação à miséria e à exploração sofridas cotidianamente por milhões de proletários e camponeses naqueles rincões esquecidos pelo opulento e opressor mundo capitalista.

Logo depois de retornar à Argentina e concluir sua graduação, Che fez nova viagem em julho de 1953 – agora já com o título de médico em mãos – em que partiu para a Venezuela com o intuito de reencontrar seu amigo Granados. Os eventos que iriam se seguir marcariam, somados às outras experiências pretéritas supracitadas, definitivamente a vida e a trajetória de Guevara. O próprio Che narra essa sua transformação:

Salvo Haiti e Santo Domingo, todos os demais países da América foram, de alguma forma, visitados por mim. E pelas condições em que viajei, primeiro como estudante e depois como médico, comecei a entrar em estreito contato com a miséria, com a fome, com as doenças, com a incapacidade de curar um filho por falta de meios, com o embrutecimento que provocam a fome e o castigo contínuo [...]. E comecei a ver que havia coisas que, naquele momento, me pareciam quase tão importantes como ser um pesquisador famoso ou fazer alguma contribuição substancial à ciência médica: e era ajudar a essa gente.⁴

De passagem pela Bolívia, Che parte para Lima, Peru. Na capital peruana entra em contato com exilados latino-americanos que lhe relatam como medidas populares e progressistas do presidente da Guatemala Jacobo Arbenz estavam precipitando o enfrentamento deste com os Estados Unidos e com a reação interna⁵. Dentre as medidas mais importantes, destaca-se, indubitavelmente, o decreto de 1952 em que o governo da Guatemala expropriou 164 mil hectares da empresa monopolista estadunidense United Fruit, então maior proprietária de terras do país centro-americano (era dona de 225 mil hectares no total). Arbenz

⁴ GUEVARA, Ernesto Che. *El Medico Revolucionario*. Discurso en el acto de inauguración del curso de adoctrinamiento organizado por el Ministerio de Salud Publica el 20 de agosto de 1960a. Ernesto «Che» Guevara. Obras. 1957-1967 Casa de Las Américas. La Habana. 1970. Tomo II. Pp. 70-80. Extraído do sítio <http://www.archivo-chile.com> em 17/08/2008, tradução nossa.

⁵ Jacobo Arbenz havia sido eleito em 1950 e estava aprofundando a política de reformas sociais e econômicas de seu antecessor Juan José Arévalo (1944-1950).

planejava fazer a Reforma Agrária em uma nação estrangulada e dominada economicamente por 2% de proprietários que detinham 70% das terras.

Diante da descrição desse cenário, Guevara, provisoriamente, abandonou seu propósito inicial de ir à Venezuela para poder chegar à efervescente Guatemala. No caminho em direção à nação guatemalteca, Guevara conheceu alguns cubanos que haviam participado do ataque aos quartéis Bayamo e Moncada em julho de 1953. Finalmente, em janeiro de 1954, após breve passagem pela Nicarágua, Che chega ao país onde aconteceriam os fatos que precipitariam a consolidação da sua formação ideológica e da sua auto-definição como revolucionário.

As tensões na Guatemala cresciam e se avolumavam a tal ponto que o seu presidente denunciou, no dia 29 daquele mês, a preparação de uma agressão militar ao país comandada pelos Estados Unidos. Quando, em 18 de junho de 1954, iniciou-se a invasão de um exército mercenário na Guatemala organizada pela CIA (Agência Central de Inteligência dos EUA, principal responsável pela elaboração de golpes, sabotagens e ataques a países que não se alinham à política imperial norte-americana) e com a cobertura de 6 aviões da força aérea ianque, Che deixou claro a sua disposição de defender o governo Arbenz e pediu para ser enviado ao *front*. Em texto publicado postumamente no jornal cubano *Granma*, na sua edição de 16 de outubro de 1967, podia ser lido:

Não, nunca ocupei cargos nesse governo. Mas, quando ocorreu a invasão norte-americana, tratei de formar um grupo de homens jovens como eu para fazer frente aos aventureiros fruteiros da United Fruit. Na Guatemala era necessário lutar e quase ninguém lutou. Era necessário resistir e quase ninguém quis fazê-lo. (GUEVARA *apud* PEREZ-GALDOS, 1988, p.17-8, tradução nossa)

Em 28 de junho de 1954, o governo Arbenz é derrubado e a situação dos exilados latino-americanos fica extremamente difícil na Guatemala. Sobre o que ocorreu neste período no país, Che escreve o texto “*Yo vi la caída de Jacobo Arbenz*”. Segundo Perez-Galdos, “a agressão norte-americana contra o governo de Arbenz lhe [em Guevara] causou um grande impacto e lhe serviu de grande experiência.” (1988, p.18, tradução nossa) Sintetizou o amigo

Ricardo Rojo: “Guevara perdera na Guatemala, de uma vez para sempre, confiança nos meios pacíficos para conquistar o poder ou retê-lo”⁶ (ROJO, 1968, p.50)

A despeito da ajuda que deu a vários exilados para entrar na embaixada argentina, o próprio Che negou-se a entrar no avião que o levaria à sua terra natal, preferindo pedir um visto para conseguir chegar ao México. Na capital mexicana começou a trabalhar como fotógrafo ambulante e, posteriormente, como médico na área de alergia do Hospital Geral da Cidade do México. É justamente neste local que reencontra, fortuitamente, o exilado cubano Antonio Níco Lopez, amigo que houvera conhecido na Cidade da Guatemala, capital da nação há pouco vitimada por aquele golpe de Estado acima descrito. O contato com os cubanos, que agora formavam o Movimento 26 de Julho, tornou-se mais freqüente e não tardou para Che conhecer Fidel Castro, recentemente anistiado em Cuba e emigrado voluntariamente para o México com o objetivo de reconstruir e liderar o processo revolucionário cubano. Nas palavras do próprio Che, uma pequena narrativa deste primeiro encontro:

[...] levado e trazido pelas ondas dos movimentos sociais que convulsionavam a América, tive a oportunidade de conhecer, devido a estas causas, outro exilado americano: Fidel Castro. Conheci-o em uma dessas frias noites do México e lembro que nossa primeira discussão foi sobre política internacional. A poucas horas da mesma noite — na madrugada — era eu um dos futuros expedicionários.⁷

De fato, o aceite imediato da empreitada cubana por Che somente pôde ser observado graças a tudo que ele já tinha visto, lido e vivido nas suas jornadas pelos devastados e abandonados territórios latino-americanos. O golpe patrocinado pelos EUA, que derrubou o governo progressista de Jacobo Arbenz na Guatemala, foi sintomático para Guevara ao demonstrar que tudo haveria de ser feito pelo império estadunidense no intuito de garantir o seu domínio (dos seus monopólios) político e econômico no continente – nada deteria o ímpeto e a voracidade do capital norte-americano na sua busca frenética por riqueza e poder, a não ser uma verdadeira revolução de caráter (com apelo e ressonância) popular e antiimperialista. Conforme sintetizou Fidel sobre a experiência prévia de Guevara:

⁶ Concernente a essa ‘descoberta’ de Guevara, Éder Sader sintetizou: “É nesse momento que ele sente mais fortemente a barbárie do imperialismo, escondida atrás da ‘defesa da democracia’: fuzilamentos, derrubada de um governo constitucional, devolução das terras à United Fruit e abolição dos direitos dos trabalhadores. E de outro lado comprova a fragilidade dos governos e partidos reformistas, prisioneiros das estruturas do poder burguês.” (SADER, 2004, p.19-20)

⁷ GUEVARA, Ernesto Che. *Una Historia de la Revolución Cubana*. Revista “O Cruzeiro”. Brasil, 1959b. Extraído do sítio <http://www.archivo-chile.com> em 17/08/2008, tradução nossa.

Só quem viveu como ele toda aquela experiência, com aquela vocação revolucionária, com aquele espírito de luta, com seu profundo desprezo pelo imperialismo, que sabia o que fizemos e o que estávamos planejando, e quais eram nossas idéias, poderia estar totalmente de acordo. [...] [Che] via uma revolução de libertação nacional, uma revolução antiimperialista, não via ainda uma revolução socialista, mas estava feliz, e se juntou rapidamente, se alistou imediatamente. (RAMONET, 2006, p.163-4)

Foi então nesse momento que Guevara decidiu juntar-se aos insurgentes cubanos para fazer a revolução na ilha caribenha – era, *a priori*, o médico do agrupamento de 82 homens que desembarcaria em Cuba no dia 2 de dezembro de 1956 do iate *Granma*. Teria sido na fase mexicana da preparação dessa expedição o período crucial tanto da maturação ideológica de Che quanto do desenvolvimento de seu conhecimento teórico⁸. Através dos treinamentos militares e do estudo sistemático e mais aprofundado das obras de Marx e de Lênin, forjou-se o guerrilheiro e o pensador marxista que iriam mudar a história da América Latina. Conforme asseverou Ricardo Rojo (1968, p. 57 e p.65):

Guevara forjou sua personalidade definitiva no México, pois suas preocupações científicas passaram a um plano secundário, sua formação ideológica alcançou um alto nível teórico e, graças ao ‘professor de inglês’⁹, teve uma educação militar eficiente. [...] [Foi ali que] se considerou perfeitamente compenetrado de seu compromisso com a revolução latino-americana.

Portanto, a partir do momento que passou a enxergar a necessidade imperiosa de transformações radicais na América Latina e os revolucionários cubanos como vanguarda dessa possibilidade de mudança, Che encontrou um sentido, um empreendimento onde poderia dedicar todas as suas potencialidades – teóricas, éticas, médicas, guerrilheiras e, principalmente, libertadoras. Em suas andanças pelo continente latino americano, constatou a objetiva e abjeta situação de miséria e opressão sob as quais sobreviviam os povos. Faltava

⁸ Afirmou Fidel Castro que, em entrevista concedida ao jornalista Ignacio Ramonet, Che Guevara já era marxista na época em que se conheceram: “Ainda que não militasse em nenhum partido, já era, naquela época, um marxista de pensamento. [...] essa coincidência em muitas idéias foi talvez uma das coisas que favoreceram muito minha afinidade com Che.” (RAMONET, 2006, p.163)

⁹ Tratava-se do general espanhol Alberto Bayo, responsável pela preparação militar (ministrou um curso de tática de guerra) da tropa cubana de Fidel Castro no México. Bayo considerava o argentino Che seu melhor aluno. Posteriormente, ao se destacar por uma série de qualidades, entre elas coragem e disciplina, Che passou de médico do agrupamento a comandante de uma das colunas guerrilheiras instaladas em *Sierra Maestra* (extremo oriente de Cuba).

estudar as causas de tamanha desigualdade e violência – e foi o que Che passou a buscar (e encontrar) nas páginas do marxismo. Finalmente, havia achado algo valioso ao qual podia se dedicar, com a sua vida e seus esforços encontrando um sentido naquela empreitada liderada por Fidel.

As idéias ordenaram-se de fora para dentro, primeiro percebeu a barbárie, a exploração e a miséria da América Latina, depois estudou a fundo as causas. Por esta investigação apaixonante, Guevara abandonou tudo o que antes o atraía. [...] O universo cultural do europeu foi abandonado por ele em tudo aquilo que não servia à liberação do latino-americano mestiço, índio, negro ou branco. [...] Sua capacidade de trabalho, criativa e silenciosa, *tomou o rumo definitivo* e, por fim, houve paz na consciência exaltada de Guevara. (ROJO, 1968, p.67, grifos nossos)

No México, Che começa a estudar e analisar processos políticos buscando determinantes que possibilitavam o fracasso ou a vitória das revoluções. Já se considerava marxista e havia deixado na Guatemala as suas últimas ilusões quanto à possibilidade de mudanças estruturais de um país pela via “democrática” burguesa – tinha ciência que um golpe seria, novamente, a resposta imediata e óbvia do império e da elite entreguista e vendida local para qualquer tentativa de verdadeira reforma e transformação social. A seguir, Fidel faz uma síntese da cultura e da formação político-ideológica de Che e de suas matrizes teóricas na época em que estavam no México preparando a chegada a Cuba.

Ele havia lido espontaneamente os livros e as teorias de Karl Marx, de Engels e de Lênin... Ele era marxista. Nunca o ouvi falar de Trotski. Ele defendia Marx, defendia Lênin e atacava Stalin. Quer dizer, criticava o culto à personalidade, os erros[...] Ele era leninista e, de certa forma, reconhecia até alguns méritos em Stalin. Na verdade, a industrialização e alguma dessas coisas. (RAMONET, 2006, p.169)

Segundo Paco Ignacio Taibo II, no final de 1955 Che passou a estudar economia com mais afinco, tendo contato com o primeiro volume de *O capital* de Karl Marx: “Nos últimos dias do ano de 1955, Ernesto [...] lê muitos livros de economia, inclusive o primeiro volume de *O capital* de Marx...” (TAIBO II, 2008, p.84). Ao conquistar o poder em 1959, junto aos guerrilheiros liderados por Fidel Castro que derrubaram o regime discricionário de Fulgêncio Batista, Che passaria a tentar aplicar todo o seu conhecimento adquirido até então – e também aquele que adquiriria ulteriormente mediante mais estudo e interação com a realidade objetiva

cubana –, para transformar radicalmente Cuba e a América Latina. No calor da batalha de uma tempestuosa edificação revolucionária socialista, Guevara tentou forjar um pensamento que correspondesse aos anseios da vanguarda da Revolução cujo intuito maior passou a ser a construção de uma sociedade comunista.

Isto posto, o objetivo principal desta dissertação é justamente estudar e analisar o pensamento deste revolucionário argentino-cubano. Célebre pelos seus heróicos atos guerrilheiros em territórios latino-americanos e africanos, Guevara ainda não tem reconhecido entre os seus méritos a qualidade de intelectual marxista que demonstrou possuir através de textos e discursos apresentados ao longo de sua vida. Refletindo *in loco* sobre a complexa transição de uma sociedade subdesenvolvida terceiro-mundista de matriz colonial rumo a uma sociedade socialista, Che Guevara contribuiu para a ampliação do arcabouço teórico que versa a respeito da transformação radical que aspira ao comunismo.

Dessa forma, poderá ser observado, ao longo deste trabalho, que a figura histórica de Ernesto Che Guevara nos oferece muito mais do que tão-somente atos heróicos e de bravura em defesa dos povos oprimidos da América Latina e da África. Após ampla pesquisa dos escritos de Che, acreditamos que talvez já seja possível afirmar que o revolucionário argentino-cubano deu uma significativa contribuição teórica à questão da transição socialista em países capitalistas miseráveis, cuja infra-estrutura industrial incipiente obstaculizava grandemente o desenvolvimento da nova ordem econômica, social, política e cultural trazida com a Revolução.

Baseado nos pilares do homem novo, do novo trabalho, da planificação e, principalmente, do desenvolvimento de uma nova consciência (epicentro de suas reflexões sobre a transição), Guevara esboçou uma teoria – lapidando-a e testando-a diretamente na dura objetividade de uma revolução socialista num país terceiro-mundista – que buscava alterar radicalmente as relações sociais em Cuba. Sobre os desafios justapostos à vanguarda daquela revolução auto-proclamada socialista, Lima Filho (1997, mimeo) assim sintetizou:

[...] talvez o centro do imbróglio teórico-prático é o da repetida excepcionalidade de mais uma revolução nas periferias capitalistas do mundo. [...] como fazer estas revoluções aportar no país socialista do futuro após travessia que, de antemão, sabia-se turbulenta e incerta: permaneceriam ou não as categorias mercantis e qual o sentido da produção e trocas; quais seriam as relações existentes no período de transição entre a moral revolucionária e a expansão das forças produtivas e qual o verdadeiro motor

de sua expansão; qual a importância do planejamento e como, enfim, conduzir a reprodução social no sentido socialista?

Dentre os temas preferidos por Che, a questão da consciência ocupa lugar central – para ele, uma verdadeira revolução socialista deveria sempre redundar em não apenas desenvolvimento tecnológico-econômico que beneficiasse material e igualmente a todos¹⁰, mas, antes, deveria propiciar o advento de homens e mulheres conscientes, livres da alienação e do estranhamento tão típicos da sociedade do capital e da sociabilidade fundada na propriedade privada. A grande lição de Guevara, que a despeito de seu suposto limite não pode ser jamais subestimada –, sob pena de não se apreender nada de uma reflexão fundamental sobre as questões da transição comunista, foi assim sintetizada por Fidel: “[...] *o que ficou de maior foram realmente os valores morais, a consciência*. Che simbolizava os mais altos valores humanos, um exemplo extraordinário.” (RAMONET, 2006, p.281, grifos nossos)

A necessidade de erigir-se um homem novo, proveniente de uma nova sociedade, de uma nova civilização, sempre foi muito cara a Che. A sua postura pessoal talvez indicasse, na prática e na realidade, como seria esse homem do futuro, desalienado e livre. Na verdade, esses seres humanos conscientes nunca poderiam ser, na concepção guevarista, somente o resultado de tal processo revolucionário, deveriam já participar conscientemente da construção dessa nova sociedade, dessa nova civilização. Conforme afirmou F. Fernandes (1979, p.149, grifos do autor): “*O homem novo e a sociedade nova* não constituem produtos finais. São o ponto de partida do verdadeiro desenvolvimento do socialismo e da superação deste pelo comunismo: a garantia de que a revolução permanente persistirá e se fará na direção certa.”

Nesse contexto surge o homem novo teorizado por Che, aquele ser consciente desde a transição, que luta diariamente – tanto na produção quanto mediante a educação – contra os valores e condutas morais derrotadas na primeira etapa da Revolução, tentando objetivar e estabelecer as novas relações sociais mais avançadas e solidárias trazidas no bojo daquele movimento revolucionário cubano liderado por Fidel Castro e pelo próprio Che Guevara.

¹⁰ “O socialismo é um regime a que se chega historicamente e que tem por base a socialização dos bens fundamentais de produção e a distribuição equitativa de todas as riquezas da sociedade [...]. [Portanto] o processo de construção do socialismo é o processo de desenvolvimento de toda nossa produção.” (GUEVARA, 2004f, p.244)

Desprezando qualquer tipo de especulação ou elucubração teórica que não acompanhasse fielmente os movimentos da realidade histórica do mundo e de Cuba na sua época, Che pôde tentar aplicar os princípios teóricos marxianos na ilha caribenha sem asfixiar a dialética do concreto com nenhum tipo de dogma ou intransigência¹¹. Internacionalista, aspirava construir um mundo comunista, onde todos os habitantes do planeta teriam as mesmas oportunidades e as mesmas condições materiais de existência.

Meticuloso e dedicado em seu trabalho e no estudo – características que queria ver disseminadas por toda a ilha (e, para tanto, servia conscientemente como exemplo) – Che, baseado no amplo conhecimento que tinha das obras de Marx e de Lênin, ainda na década de 1960, teceu profundas críticas à conduta política e econômica da União Soviética em relação à Cuba e a países socialistas menores, bem como viu na organização do seu modo de produção os germes que determinariam o regresso do capitalismo naquela região.

Ao contrário do que sempre se observou no Brasil – e, obviamente, em todos os países de economia capitalista, sendo eles centrais ou periféricos (a situação destes últimos obviamente mais agravada), o crescimento econômico de Cuba (ou aumento do seu PIB) tinha que, obrigatória e logicamente, após a vitória da Revolução de 1959, significar e redundar sempre em ganhos objetivos para toda a população. Crescer por crescer, concentrando permanentemente e cada vez mais a renda era uma idéia inaceitável para o Governo Revolucionário de Cuba, que proclamava a primazia do bem-estar do povo como centro de sua política. Além disso, diferentemente do que foram os anos stalinistas na URSS, Cuba jamais poderia ou aceitaria desenvolver-se através da superexploração e da fome dos trabalhadores. Guevara recusar-se-ia em forçar à população quaisquer medidas contrárias à sua liberdade. Assim sentenciou Che:

[...] este é um governo que caminha para o desenvolvimento, e para o desenvolvimento acelerado. Mas um desenvolvimento acelerado que corresponda às necessidades da população, ao *benefício material da população e a seu benefício espiritual*. Isso significa que é, pois, *impossível pensar que este governo venha a assentar-se sobre o sacrifício e a fome do povo*. (GUEVARA, 1982a, p. 30, grifos nossos)

Em contraposição ao marxismo soviético, que considerava dogmático e mecanicista e que privilegiava acima de tudo as conquistas materiais simbolizadas no desenvolvimento

¹¹ “Che levou as idéias do marxismo-leninismo à sua expressão mais fresca, mais pura, mais revolucionária.” (CASTRO, 1967)

tecnológico e no aumento da produtividade, Che formulou um pensamento que afirmava que mais importante do que desenvolver-se industrialmente (fornecendo a contento os bens de consumo necessários à população do país), era construir uma verdadeira revolução socialista-comunista que possibilitasse, antes de qualquer coisa, o advento de uma nova civilização e de um homem novo. Essa concepção, de fato, tornou-se o grande *leitmotiv* de toda a teoria guevarista da revolução e da transição socialistas.

Diferente do que observou na URSS, Che queria erigir uma sociedade em que os trabalhadores tivessem plena consciência do que estavam fazendo e que, por isso mesmo, não necessitariam de estímulos materiais que os incitassem a quaisquer atitudes revolucionárias. Segundo Guevara, o entendimento da importância de uma determinada tarefa e a ampliação da consciência via educação e exemplo da vanguarda, seriam fatores suficientes para que homens e mulheres sentissem a Revolução e se dedicassem a ela pelo dever moral que compreendia.

Portanto, o homem novo deveria pavimentar o caminho rumo à sociedade socialista de maneira consciente e sabendo onde queria chegar. Um “novo homem” era imprescindível para a Revolução, de acordo com Che, porque somente seres humanos desprovidos do ranço do individualismo típico da civilização capitalista poderiam construir uma verdadeira nova sociedade. A introjeção de uma nova moral solidária (em contraposição a anterior) e a aquisição de uma nova perspectiva (coletivista e gregária ao invés de parcial e alienada) seriam, igualmente, fatores fundamentais para tornar factível a existência desse novo tipo de ser humano incumbido da construção do socialismo em Cuba.

No intuito de investigar de maneira pormenorizada esse conceito do homem novo guevarista, surgiu naturalmente a necessidade de pesquisar a sua origem e inspiração teórica marxiana, fato que provocou o estabelecimento de nexos entre essa teoria de Che e o conceito de ser social do comunismo tratado por Karl Marx nos seus escritos de juventude. Em seu item introdutório, o primeiro capítulo da presente pesquisa aborda essa conceituação marxiana a partir de dois livros do pensador alemão, a saber, *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* e *A Ideologia Alemã* (escrita em parceria com F. Engels).¹² Ambos foram escolhidos porque neles se encontram sínteses fundamentais relacionadas a dois conceitos muito caros a Marx e essenciais à nossa pesquisa, a saber, *trabalho alienado* (no primeiro) e *materialismo histórico-dialético* (enquanto metodologia por nós adotada, no seguinte).

¹² *Formações Econômicas Pré-Capitalistas* de Karl Marx não faz parte da produção marxiana da juventude mas também é um das principais referências por nós utilizada no primeiro capítulo.

Nesta primeira parte do capítulo inicial da dissertação, tentaremos sumarizar a problemática do ser social na relação com a sua atividade produtiva de reprodução social mediante análise de conceitos-chave do pensamento de Karl Marx, tais como estranhamento, alienação e emancipação do trabalho. É nosso propósito primeiro aproximarmo-nos da compreensão dos fatos históricos que determinaram o fracionamento do homem – procuraremos verificar quais eventos objetivos marcaram a supressão da noção do seu ser gregário universal e o advento do estranhamento entre os seres humanos. Assim, nosso interesse fundamental é analisar como ocorreu, no solo objetivo das relações reais, a ruptura da unidade primitiva que havia entre os homens e a natureza e entre os homens consigo mesmos.

O que exige explicação não é a *unidade* de seres humanos vivos e ativos com as condições naturais e inorgânicas de seu metabolismo com a natureza e, portanto, sua apropriação da natureza; nem isto é o resultado de um processo histórico. O que tem que ser explicado é a *separação* entre essas condições inorgânicas da existência humana e a existência ativa, uma separação somente completada, plenamente, na relação entre o trabalho-assalariado e o capital. (MARX, 1991, p.82, grifos do autor)

Veremos então o advento do estranhamento, fruto da imposição da propriedade privada e da subsequente diferenciação entre os homens, agora proprietários e não-proprietários. A divisão social do trabalho ampliou o alcance desse estranhamento, à medida que significou a perda da condição genérica da atividade do homem e da sua identificação com o seu ser gregário – não conseguindo mais enxergar-se como membro de uma comunidade. Doravante, a consciência tornar-se-ia de diferenciação e não de pertencimento a um mesmo coletivo.

Com o desenvolvimento ulterior do modo de produção e organização social baseado na propriedade privada e na divisão social do trabalho, seria agregada ao fenômeno do estranhamento uma nova qualidade. Retirando a propriedade dos meios de produção de quem efetivamente produz e retirando igualmente a concepção e elaboração do objeto a ser produzido de quem de fato o manipula, o capital acrescenta à já obliterada consciência humana a alienação em seu mais alto grau e amplitude. Isto é, o produto do trabalho do operário lhe é alienado por um poder estranho e superior e a concepção e a decisão de executar determinada atividade lhe é imposta – o mundo passa a ser construído à sua revelia e compõem-se tão-somente com a sua energia, não com seu espírito criativo potencial.

O homem desapossado do sistema capitalista não participa da discussão e da decisão a respeito da necessidade ou não de produzir algo. Como mencionado logo acima, tanto este fator como a concepção/elaboração do objeto lhe é imposto externamente. Não se reconhece na atividade nem no resultado (produto) dela – tão-somente a prática, de fato, porque é obrigado, porque só assim poderá assegurar a sua subsistência física. Portanto, ele é escravo desse trabalho e é escravo também do ritmo imposto pelas máquinas e pela produção.

Che Guevara buscou com a sua teoria e prática – intercalando-se e conectando-se continuamente – romper com esse modo de produção que bestializa os seres humanos. À frente do Ministério das Indústrias de Cuba, após a tomada do poder em 1959, Che objetivou proporcionar as condições ideais para que florescesse o homem novo, consciente e cujo trabalho respondesse a estímulos e ponderações éticas e não a uma obrigação exterior. Tinha ciência que o homem só seria livre e somente poderia realizar-se integralmente como ser humano (dentro de suas inúmeras potencialidades e possibilidades) quando a sua atividade fosse espontânea, quando ele pudesse exercê-la por opção consciente e não por imposição de necessidades materiais imediatas. Além disso, passaria a se “recriar espiritualmente diante de sua obra” porque a conceberia – seria uma emanção de seu espírito tal produto por ele fabricado.

A constatação da importância vital do desenvolvimento econômico do socialismo (mediante crescimento infra-estrutural e avanço tecnológico), nunca permitiu que Che esquecesse outro componente fundamental que deveria ser transformado no decorrer da construção do novo sistema social, a *consciência* – e esta preocupação tornar-se-ia o principal legado do pensamento guevarista para uma teorização da transição do capitalismo ao socialismo. “Naturalmente, temos de falar muito sobre esses problemas da nova etapa histórica que estamos vivendo, explicar muito claramente que, além desta fase puramente econômica, há uma fase de consciência, que é sumamente importante.” (GUEVARA, 1982a, p.53)

Assim, no segundo tópico do mesmo capítulo, aprofundaremos um dos temas principais da dissertação ora em voga, qual seja, a teorização do homem novo feita por Che. Através de suas definições de socialismo e dos objetivos por ele traçados para a Revolução Cubana, poderemos vislumbrar como Guevara possuía consciência dos desafios teóricos e concretos que se colocavam à sua frente e à frente do povo de Cuba. Tornar-se-á clarividente a o esforço de Che Guevara para a construção de “um país onde o povo chegue a ser

realmente o criador de sua história e o dirigente de sua história, onde chegue a construir a felicidade com suas próprias mãos.” (GUEVARA, 1982e, p.146)

No capítulo dois, *A Sociedade como Escola e a Vanguarda como Exemplo*, avançaremos sobre as reflexões de Guevara em relação à importância da educação na formação de uma nova consciência mais atinente àquele contexto revolucionário vivenciado em Cuba dos anos 1960. Ao tentar fazer de toda a sociedade cubana uma grande escola, Che buscará alcançar o seu homem novo não só mediante a educação formal, mas igualmente através da inspiração provocada pelos membros da vanguarda revolucionária em toda a população cubana. Caberá então aos dirigentes da revolução que lá se descortinava, o papel de, através do exemplo de sua conduta, envolver todo o povo cubano naquela difícil transição socialista. Outro ponto que iremos abordar neste capítulo é justamente aquele que versa a respeito da importância de tal vanguarda na liderança desse processo revolucionário e como esse fato determinou, ao menos *a priori*, uma grande centralização do poder decisório e, subsequentemente, uma tímida institucionalização da revolução socialista iniciada em 1959 em Cuba.

No terceiro capítulo, pretende-se aprofundar o estudo do pensamento guevarista mediante análise de outros três temas essenciais para se compreender o legado de Che Guevara, a saber: a importância do trabalho voluntário (e a sua preocupação em alterar o sentido e o significado do trabalho), a questão dos estímulos materiais e morais e a planificação econômica. Por serem questões muito caras a Guevara, elas sempre tiveram grande destaque entre as suas maiores inquietações teóricas e práticas. A primeira delas porque a partir de sua prática, acreditava Guevara, poder-se-ia pavimentar de maneira mais rápida o longo caminho da transição comunista. Isto é, o exercício do trabalho voluntário tanto seria já uma demonstração de um maior nível de consciência como, concomitantemente, também ensejaria uma ampliação desse grau de conscientização dos trabalhadores.

Para tanto, tal incentivo (à execução de sobretrabalho – trabalho voluntário não remunerado) não deveria ser baseado em benefícios materiais individuais e sim na nova moral socialista que girava em torno da revolução. Che acreditava que, a despeito do desenvolvimento econômico que pudesse propiciar em um primeiro momento, o estímulo material reforçaria o individualismo e a falta de consciência solidária, típicos da sociabilidade burguesa. Ademais, o objetivo final da revolução para Che – a libertação do homem de sua

alienação – somente seria alcançado se a construção da nova sociedade já fosse feita baseada em uma nova ética, a ética comunista do homem novo.

Dentre os métodos que auxiliariam a vanguarda e, posteriormente, a população a dirigir e organizar conscientemente a produção coletiva e a vida social, a planificação se estabelece como o mais fundamental, principalmente porque é mediante ela que aumentaria o controle do povo sobre o que se construiria na sociedade. Che freqüentemente exaltava a importância da planificação e da previsão de eventuais problemas que poderiam influenciar a vida econômica do país – a improvisação não poderia existir. Além disso, mais do que simplesmente discutir e apresentar o plano de desenvolvimento econômico da vanguarda revolucionária referente ao ano seguinte somente para diretores de empresas e dirigentes sindicais, Che queria que os trabalhadores estivessem a par dele – queria que o plano fosse conhecido completamente e que houvesse ampla e real discussão ao seu respeito. Assim, dedicaremos a última parte deste capítulo para apreender mais essa vertente do pensamento de Guevara. Ignacio Ramonet asseverou a esse respeito:

Che acreditava que a planificação era muito mais que um mero recurso técnico para dirigir a economia. Era a via para aumentar a racionalidade humana, diminuindo progressivamente as cotas de fetichismo nas quais se sustentava a crença em uma ‘autonomia das leis econômicas’. (RAMONET, 2006, p. 554, notas)

Dentre os objetivos traçados ao se conceber e idealizar a presente dissertação está o de valorizar e o de debruçar-se cientificamente sobre o pensamento de Che Guevara, analisando-o naquilo que tem de mais filosófico, em um recorte que passa ao largo das suas formulações a respeito das guerras de guerrilhas e das narrativas de suas aventuras também guerrilheiras. O propósito, afinal, é mesmo apontar o Che como mais um pensador marxista que tem bastante a oferecer aos estudiosos das autoproclamadas revoluções socialistas do século XX (foi um dos primeiros a encarar o árduo desafio de tentar teorizar a transição do capitalismo terceiro-mundista para o socialismo) e àqueles que querem transformar o mundo.

Capítulo 1 – O HOMEM NOVO DE CHE GUEVARA

1.1 Notas Introdutórias: Trabalho, Estranhamento e Alienação em Marx

Para garantir a sua subsistência e a reprodução de sua espécie, os homens devem estabelecer uma interação produtiva com o meio em que se desenvolvem. A atividade simplesmente coletora não é capaz de suportar as demandas das diversas comunidades que da natureza dependem. Justamente neste fato reside o principal diferencial entre os seres humanos e os demais animais: a produção é uma capacidade inerente da espécie humana, não sendo – de nenhum modo – passível de ser estendida a qualquer outro membro do reino animal. Somente os homens têm a capacidade de criar, a partir de sua atividade objetiva e produtora, um mundo por eles mesmos concebidos.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a *produzir* seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. (MARX & ENGELS, 1987, p.27, grifo dos autores)

Muito mais do que garantir a sua sobrevivência, a auto-atividade humana tornara-se uma representação, isto é, uma verdadeira emanção da essência dos seres humanos. “O homem carrega consigo, agora, a capacidade de humanizar o mundo, através do processo em que ele produz a si mesmo.”¹³ Em tais objetos, frutos dessa interação consciente e produtiva com o meio-ambiente, eram encontrados não só utilitarismos triviais e valores de uso em geral, mas, principalmente, os reflexos de uma consciência cada dia mais livre e sabedora da sua conexão intrínseca com os demais seres e com a Natureza – corpo inorgânico do homem.

O modo e o que era produzido definiam o caráter e a expressão dos diferentes produtos. Manifesta-se, portanto, a correspondência e a relação direta que existe entre a forma (material, objetiva) pela qual o homem produz e a sua consciência; isto é, a sua atividade – o modo através da qual a prática – acaba por determinar a sua apreensão e o seu enxergar da

¹³ SILVA, Newton F. *A Alienação no Trabalho em Marx nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Monografia de Conclusão do Curso de Ciências Econômicas. Unesp/Araraquara. Mimeografado, 2001. Este primeiro capítulo da dissertação é baseado, em certa medida, no trabalho supracitado.

realidade, fazendo com que em cada fruto de seu trabalho posto à sua frente encontre-se a síntese das relações (sociais) que ele estabelece com os outros homens. Marx e Engels assim resumiram este pensamento:

Não se deve considerar tal modo de produção de um único ponto de vista, a saber: a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se, muito mais, de uma determinada forma de atividade dos indivíduos, determinada forma de manifestar sua vida, determinado *modo de vida* dos mesmos. Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com *o que* produzem, como com o modo *como* produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção. (1987, p.27-8, grifos dos autores)

Antes de iniciarem esse contato produtivo com a natureza, os seres humanos encontravam-se isolados e a sua relação com o meio-ambiente pouco se diferenciava em comparação a dos outros animais. Agindo como um simples animal coletor, o homem – incapacitado de extrair da terra mais do que ela oferecia naturalmente – era impelido a sempre mudar de habitat assim que os recursos de determinada região eram por ele completamente consumidos. “[...] originalmente, o ato de produção do indivíduo resume-se à reprodução de seu próprio corpo através da apropriação dos objetos previamente preparados pela natureza para consumo...” (MARX, 1991, p.86).

Em que pese o fato de que, com o passar do tempo, o primata ter agregado companhia e constituído família, o nomadismo ainda continuou presente neste ciclo da evolução humana. Somente a partir da união de sua família com outras, dividindo o mesmo espaço e formando as primeiras tribos, é que o homem finalmente estipulou e estabeleceu um pedaço de terra como sua moradia estável. “O primeiro pressuposto desta forma inicial da propriedade da terra é uma comunidade humana, tal como surge a partir da evolução espontânea: a família, a tribo formada pela ampliação da família ou pelos casamentos entre famílias, e combinações de tribos.” (MARX, 1991, p.66) Desse ponto em diante, a atividade produtiva humana efetivamente começou – a comunhão e a reunião em coletividades iriam determinar e transformar eternamente as relações dos homens com a natureza. Agora, com a criação de uma comunidade e a fixação da mesma em um território – através do advento da propriedade comum da terra – o homem passou a interagir criativa e produtivamente com o solo que o circundava e que constituía sua nova morada. Marx (1991, p.78) assim definiu esse momento histórico da sociabilidade:

Um indivíduo isolado, do mesmo modo que não poderia falar, não poderia ser proprietário do solo. Quando muito poderia viver dele, como uma fonte de suprimentos, como vivem os animais. A relação com a terra, como propriedade, nasce da sua ocupação, pacífica ou violenta, pela tribo, pela comunidade em forma mais ou menos primitiva ou já historicamente desenvolvida. [...] Tomando como pressuposto que lhe pertencem as condições objetivas de seu trabalho, deve-se também pressupor que o indivíduo pertença subjetivamente a uma comunidade que serve de mediação de sua relação com as condições objetivas de seu trabalho.

Destarte, o homem não se apropria de um pedaço de terra para produção e nem fala sozinho; ele precisa – como condição *sine qua non* no intuito de desenvolver tais características – pertencer a uma comunidade, para, logo em seguida, assentar-se sobre um solo e iniciar a reprodução de sua vida através da interação com a natureza e com os demais homens e mulheres. A posse comunal da terra dá início ao processo produtivo de criação de valor de uso, assim como possibilita, concomitantemente, a apropriação de todas as condições naturais e objetivas da produção. “Desde o início mostra-se, portanto, uma conexão materialista dos homens entre si, condicionada pelas necessidades e pelo modo de produção, conexão esta que é tão antiga quantos os próprios homens...” (MARX & ENGELS, 1987, p. 42)

Nesse momento em que os indivíduos possuem a terra – e os meios de produção concebidos a partir dela – de maneira coletiva, a consciência do pertencimento ao ser gregário universal (que corresponde ao coletivo de homens e mulheres – humanidade) alcança grande amplitude e não há subjetiva ou objetivamente nenhum fator que possa dirimi-la ou fracioná-la; pelo contrário, apreende-se de maneira cada vez mais profunda, a partir do mundo objetivo (“os homens são condicionados pelo modo de produção de sua vida material, por seu intercâmbio material...”¹⁴), que a existência de cada um é não só individual, mas, primordialmente, social. São seres sociais cuja atividade de reprodução material é social e, concomitantemente, genérica.

[...] a minha existência *própria* é atividade social; por isso, o que eu faço de mim, faço de mim para a sociedade e com a consciência de mim como um ser social. [...] O indivíduo é o ser social. A sua exteriorização de vida –

¹⁴ MARX, Karl & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 6ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

mesmo que ela não apareça na forma imediata de uma exteriorização de vida *comunitária*, levada a cabo simultaneamente com outros – é, por isso, uma exteriorização e confirmação da *vida social*. A vida individual e a vida genérica do homem não são *diversas...* (1994, p.95, grifos do autor)¹⁵

O estabelecimento de relações cada vez mais intensas com o seu corpo inorgânico – a Natureza – e com os outros seres humanos faz o homem afastar-se de maneira definitiva de seu primitivismo. De tal sorte que o processo de objetivação das formas de sociabilidade humana cria, não só um novo mundo objetivo externo, como também altera a capacidade e a inteligibilidade humanas. Há o desenvolvimento da fala e do raciocínio, concomitantemente ao avanço nas técnicas produtivas que garantem a subsistência de toda a população. Esse duplo desenvolvimento se dá graças à interação cada vez maior do homem com o meio-ambiente e do homem com os objetos de sua produção. Assim Marx (1991, p.88) definiu:

O ato de reprodução, em si, muda não apenas as condições objetivas – e.g. transformando aldeias em cidades; regiões selvagens em terras agrícolas, etc. – mas os produtores mudam com ele, pela emergência de novas qualidades transformando-se e desenvolvendo-se na produção, adquirindo novas forças, novas concepções, novos modos de relacionamento mútuo, novas necessidades e novas maneiras de falar.

Advém do trabalho humano a possibilidade de se construir um mundo objetivo completamente concebido e emanado da própria consciência dos homens. Sobretudo essa capacidade teleológica do homem no processo de realização da sua atividade é o que o diferencia em relação aos outros animais – que têm a manutenção da sua vida posta em prática de maneira inconsciente e instintiva. À medida que emana o que há em seu espírito, segundo sua concepção e decisão conscientes, o homem, mediante suas diversas atividades, passa a fazer de toda a sua vida a sua própria objetivação – ele materializa sua essência em cada um de seus atos criadores. O ser social se desenvolve em sua plenitude: o mundo por ele visto foi por ele concebido

¹⁵ Doravante, passaremos a colocar em notas de rodapé outra tradução do mesmo trecho do livro de Karl Marx, *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, editada pela Boitempo em 2004 e que tem como tradutor Jesus Ranieri. A colocação das duas citações da mesma obra, para fins de comparação, se faz necessária neste momento porque ainda não conseguimos determinar qual delas possui maior fidedignidade com a obra original do pensador alemão. Há a intenção de, futuramente, avançarmos nesse diagnóstico mediante cotejamento de ambas com o original em alemão. Vejamos, então, o trecho traduzido na versão de Ranieri: “[...] a minha *própria* existência é atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social. [...] O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ela também não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com outros – é por isso, uma exteriorização e confirmação da *vida social*. A vida individual e a vida genérica do homem não são *diversas...*” (MARX, 2004, p.107, grifos do autor)

O contato com o produto de seu trabalho ou do trabalho alheio amplia a consciência do homem, e o objeto existente na realidade mostra-se ao ser social na sua totalidade de qualidades e características. Através do contato com esses objetos, frutos de atividades produtivas de talhe coletivo (cuja apropriação é coletiva), o homem apreende a realidade em sua essência. Nos próprios objetos – sociais – encontram-se explícitas todas as relações sociais de igualdade concernentes diretamente a essa forma de sociabilidade e de organização da produção. De acordo com que afirmou Marx: “Vimo-lo, o homem só não se perde no seu objeto se este se tornar para ele objeto *humano* ou homem objetivo. Isto só é possível na medida em que se lhe torna objeto *social*, em que ele próprio se torna ser social, assim como a sociedade se torna para ele ser nesse objeto.” (1994, p.97, grifos do autor)¹⁶

Desse modo, o objeto apresenta-se para o homem humanamente e o seu criador, ao objetivar-se no mesmo, se torna visível a qualquer um que usufrua do seu trabalho de concepção e execução. Há uma correspondência e uma identificação entre o mundo interior individual e o mundo externo material e social. Como podemos ver em Marx: “O objeto do trabalho é, portanto, a *objetivação da vida genérica do homem*, na medida em que ele se duplica não só intelectualmente, como na consciência, mas também operativamente, realmente, e intui-se por isso num mundo criado por ele.” (1994, p.68, grifos do autor)¹⁷

Nesse sentido, ainda para esse autor, a atividade produtiva dos homens surge como “a condição básica e fundamental de toda a vida humana”, de forma que – para usarmos uma expressão de Engels, “até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”¹⁸, sendo ele, de fato, o principal responsável por propiciar o advento da sociabilidade humana. É proveniente especificamente de sua atividade produtiva a capacidade do homem conceber um mundo que a ele é estranho ou que, por outro lado, pode refletir e emanar a sua consciência livre e criadora.

Nas primitivas formações econômico-sociais baseadas na posse coletiva dos meios de produção (sendo a terra o principal deles), o homem via-se em mundo exterior totalmente

¹⁶ “Nós vimos. O homem só não se perde em seu objeto se este lhe vem a ser como objeto *humano* ou homem objetivo. Isto só é possível na medida em que ele vem a ser objeto *social* para ele, em que ele próprio se torna ser social (*gesellschaftliches Wesen*), assim como a sociedade se torna ser (*Wesen*) para ele neste objeto.” (MARX, 2004, p.109, grifos do autor)

¹⁷ “O objeto do trabalho é portanto a *objetivação da vida genérica do homem*: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativa, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele.” (MARX, 2004, p.85, grifos do autor)

¹⁸ ENGELS, F. *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. 1ª ed. Neue Zeit, 1896. Extraído do sítio <http://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm> em 23/08/2006.

refletido a partir de sua auto-atividade (atividade cujo produto destinava-se e era apropriado por ele – mesmo que por vias coletivas – e não por um poder estranho) e a sua identificação com o meio-ambiente circundante tornava-se natural e automática: os produtos do seu trabalho – que visavam à manutenção da reprodução social humana, ornamentavam e formavam toda a paisagem ao redor da qual estava estabelecido¹⁹. A sua atividade produtiva tinha caráter social e coletivo, fazendo dos homens que conviveram sobre estas bases verdadeiros seres sociais.

Ainda pertinente a esse modo de produção e organização social, cabe aqui ressaltar que não existia nenhum tipo de categorização (objetiva ou subjetiva) das funções de produção na comunidade. O trabalhador era ao mesmo tempo o “proprietário” e – de modo inverso – não existia proprietário que também não fosse trabalhador – sempre considerando tal propriedade de forma coletiva e não individualizada. Somente com o advento da propriedade privada e a subsequente separação dos homens em classes de proprietários e não-proprietários, é que se delimita clara e objetivamente a diferença entre quem é trabalhador e quem é proprietário. Antes, tais categorias personificavam uma figura só. “A posição do indivíduo como *trabalhador*, em sua nudez, é propriamente um produto *histórico*.” (MARX, 1991, p.66, grifos do autor)

A ruptura da consciência humana gregária depreende-se, primariamente, da extinção de seu pressuposto básico, a propriedade comum das terras. A imposição da propriedade privada – ocasionada por inúmeros fatores, entre eles a guerra – proporcionou que, pela primeira vez, fosse identificada uma distinção entre os seres sociais: doravante passa a existir a classe dos proprietários de terra e a classe dos não-proprietários. Já é impossível, a partir de então, que o homem se veja como membro de uma comunidade igualitária – as relações entre os homens passam a ser estabelecidas de forma estranhada. Assim:

A nova organização social cria uma forma de contradição permanente, situada na raiz das condições de vida dos indivíduos, predeterminando alguns dos aspectos fundamentais da atividade destes indivíduos e lançando-os uns contra os outros, dividindo-os ao nível dos seus interesses vitais em detentores da propriedade e excluídos dela. (KONDER, 1965, p.46-7)

¹⁹ “Em contraposição com o animal, que tem o seu produto aglutinado imediatamente ao seu corpo físico, o homem tem a possibilidade de enfrentar livremente o objeto do seu trabalho colocado a sua frente.” (SILVA, Newton F., *op. cit.*, p.30-1)

Desde o advento dessa forma de organização e reprodução social baseadas na propriedade privada, o homem vem buscando o reencontro com o seu ser gregário universal – ser que se sabe parte de um coletivo e que tem a exata noção do reflexo e da importância do seu trabalho para a comunidade que o cerca – justamente por ser a sua atividade produtiva uma atividade social e de cariz e apropriação comunitárias. A ruptura da comunidade espontânea e a subsequente distinção entre proprietários de terra e não proprietários são consideradas o primeiro momento de clivagem interna do ser social²⁰. É neste que o fenômeno do estranhamento impõe-se e passa a gerar um cada vez maior distanciamento dos seres humanos entre si e dos homens perante o meio-ambiente em que vivem. Segundo Konder (1965, p.45),

Já não é mais razoável esperar que cada indivíduo veja realmente no próximo um seu semelhante, isto é, um indivíduo potencialmente igual a ele, porque, com a diferenciação das condições sociais e a pertinência a diferentes classes, a semelhança entre os indivíduos sofre um esvaziamento de sentido.

Não obstante a perda da consciência gregária pelo homem, advinda com o surgimento da propriedade privada, esta passou a determinar um novo modo de reprodução da espécie humana – daquele contexto histórico em diante alicerçado pela divisão social do trabalho. Tal divisão, se por um lado elevou a capacidade produtiva, possibilitando a criação de excedentes econômicos, por outro aprofundou o processo de não apreensão da realidade pelo homem. Assim, o advento da propriedade particular e a especialização em uma determinada função social provocaram nos distintos trabalhadores a cristalização de uma perspectiva parcial inevitável. Ademais, o ato de produzir humano passou de atividade produtiva social e coletiva para uma atividade de talhe individualista – que busca somente a satisfação das necessidades do indivíduo tomado isoladamente.

Conforme Marx, a divisão do trabalho tornou-se “o pôr *alienado, desapossado*, da atividade humana como uma *atividade genérica real* ou como *atividade do homem como ser genérico*.” (1994, p.141, grifos do autor)²¹ A divisão social do trabalho conflagrou-se, desse modo, como limitativa e castradora no que concerne às possibilidades criadoras do intelecto

²⁰ “A propriedade privada *material*, imediatamente *sensível*, é a expressão material sensível da vida *humana alienada*” (MARX, 1994, p.93, grifos do autor)

→ “A propriedade privada *material*, imediatamente *sensível (sinnliche)*, é a expressão material-sensível da vida *humana estranhada*.” (MARX, 2004, p.106, grifos do autor)

²¹ “o assentar (*Setzen*) *exteriorizado, estranhado*, da atividade humana como uma *atividade genérica real* ou enquanto *atividade do homem como ser genérico*.” (MARX, 2004, p.149-50, grifos do autor)

humano. Isto porque tal divisão, segundo a abordagem marxiana, aprisiona os seres em determinados ramos de produção, dos quais só se vêem livres – se quiserem garantir o seu sustento – no fim de sua vida. Essa diferenciação profissional contribuiu sobremaneira para a continuidade da não identificação recíproca entre os indivíduos enquanto membros da mesma e interdependente comunidade humana. Desse modo,

[...] a divisão do trabalho nos oferece, desde logo, o primeiro exemplo do seguinte fato: desde que os homens se encontram numa sociedade natural e também desde que há cisão entre o interesse particular e o interesse comum, desde que, por conseguinte, a atividade está dividida não voluntariamente, mas de modo natural, a própria ação do homem converte-se num poder estranho e a ele oposto, que o subjuga ao invés de ser por ele dominado. Com efeito, desde o instante em que o trabalho começa a ser distribuído, cada um dispõe de uma esfera de trabalho exclusiva e determinada; que lhe é imposta e da qual não pode sair; o homem é caçador, pescador, pastor ou crítico crítico, e aí deve permanecer se não quiser perder os seus meios de vida...(MARX & ENGELS, 1987, p.47)

Ainda:

[...] no curso do desenvolvimento histórico e precisamente devido ao inevitável fato de que, no interior da divisão social do trabalho, as relações sociais adquirem uma existência autônoma, surge uma divisão na vida de cada indivíduo, na medida em que uma vida é pessoal e na medida em que está subsumida a um ramo qualquer do trabalho e às condições a ele correspondentes. [...] sua personalidade está condicionada e determinada por relações de classe bem definidas...(MARX & ENGELS, 1987, p.119)

Essa especialização em uma profissão, que redundou em elevação da capacidade produtiva e, subseqüentemente, em excedentes potencialmente permutáveis, trouxe à baila um novo sistema de trocas recíprocas, ulteriormente desenvolvido na forma do que é conhecido hoje como comércio. Esse movimento – iniciado e baseado na afirmação da propriedade particular – foi fundamental para o estabelecimento e aprofundamento contínuo do processo de estranhamento entre os seres humanos.

Unicamente no ponto culminante do desenvolvimento da propriedade privada se evidencia de novo o seu segredo, a saber: por um lado, que ela é o *produto* do trabalho desapossado e, em segundo lugar, que ela é o *meio*

através do qual o trabalho se desapossa, a *realização deste desapossamento*. (MARX, 1994, p.71, grifos do autor)²²

A propriedade privada, o comércio e a divisão do trabalho refletem, de fato, um modo de organização social e econômica que impõem um trabalho despossuído da generidade típica da atividade humana. A outrora atividade (potencialmente) total passa a ser circunscrita e limitada. De acordo com Marx: “A consideração da *divisão do trabalho* e da *troca* é do maior interesse, porque são as expressões *perceptivelmente desapossadas* da *força essencial e atividade* humanas, como uma atividade e força essencial *conformes ao gênero*.” (1994, p.145, grifos do autor)²³

Os três principais fatores responsáveis pelas novas relações sociais passam a se determinar e a se afirmar entre si num grande movimento dialético que redundaria finalmente no estabelecimento do sistema capitalista de produção e na entronização da propriedade privada como “uma energia cosmopolita, universal, que derruba todo o limite e todo o vínculo para se pôr na posição de *única* política, *única* universalidade, *único* limite e *único* vínculo...” (MARX, 1994, p.86, grifo do autor)²⁴ A divisão social do trabalho e a propriedade privada passam a fazer parte tanto do processo de crescimento da capacidade de reprodução material humana quanto também ampliam, significativamente, o estranhamento dos homens frente à realidade objetiva.

A divisão social do trabalho, o aparecimento da propriedade privada e a formação das classes sociais (três aspectos de um mesmo processo) não tiveram apenas um efeito positivo, impulsionando o desenvolvimento econômico [...]. Coube-lhes outra consequência, além de terrivelmente trágica, historicamente negativa: a dilaceração do homem, o fracionamento da humanidade, a ruptura da comunidade espontânea, a destruição da unidade humana primitiva. (KONDER, 1965, p.43)

O homem, desde que vive e produz coletivamente, carrega dentro de si um sentimento de universalidade em relação à sua espécie, ou seja, reconhece-se como um ser pertencente a

²² “Somente no derradeiro ponto de culminância do desenvolvimento da propriedade privada vem à tona novamente este seu mistério, qual seja: que é, por um lado, o *produto* do trabalho exteriorizado e, em segundo lugar, que é o *meio* através do qual o trabalho se exterioriza, a *realização desta exteriorização*. (MARX, 2004, p.88, grifos do autor)

²³ “A consideração da *divisão do trabalho* e da *troca* é do maior interesse, porque elas são as expressões *manifestamente exteriorizadas* da *atividade e força essencial* humanas como uma atividade e força essencial *conformes ao gênero* (*Gattungsmässige*).” (MARX, 2004, p.155, grifos do autor)

²⁴ “uma energia *cosmopolita*, universal, que derruba toda barreira, todo vínculo, para se colocar na posição de *única* política, [*única*] universalidade, [*única*] barreira e [*único*] vínculo...” (MARX, 2004, p.100, grifos do autor)

um ser gregário universal – reconhece-se, desde que convivendo e produzindo coletivamente, como um ser social que faz parte de uma comunidade e do todo chamado Natureza. O aprofundamento do fenômeno do estranhamento no homem e sua crescente individualização conseqüente passaram a ampliar-se significativamente enquanto o desenvolvimento das técnicas de produção continuou a ocorrer baseado na propriedade particular e na atividade comercial – já que este (desenvolvimento) avultava o alcance e a profundidade da negação daquela unidade social prévia. “O homem só é individualizado [...] mediante o processo histórico. Originalmente, ele se mostra como *um ser genérico, um ser tribal, um animal de rebanho* [...] A troca, em si, é um agente principal desta individualização. Torna supérfluo o caráter gregário e o dissolve.” (MARX, 1991, p.90, grifos do autor)

O movimento de tráfico recíproco é tanto determinado como é determinante da divisão social do trabalho – que cada vez mais aumenta a intensidade da diferenciação das funções entre os individualizados seres humanos. A especialização crescente dos produtores, com o objetivo de ampliar seus excedentes, e o avolumamento da atividade comercial acabam por dificultar o reencontro do homem com o seu ser gregário universal (já invisível e fragmentado para ele). A expansão do comércio (alavancado sobretudo pelas novas experiências e descobertas ultramarinas e pelo projeto colonialista europeu), a acumulação primitiva de capital dele decorrente e o crescimento da participação na economia do capital usurário redundaram, *grosso modo*, no desenvolvimento da manufatura e da indústria e, conseqüentemente, no estabelecimento do novo modo de produção capitalista.

Dadas as novas formas de acumulação de que faz uso o capital – revestido agora em moldes industriais – reitera-se na sociedade a contradição própria do paradigma da propriedade privada, qual seja, proprietários e não proprietários. Entretanto, esta se dá em diferentes termos – a luta de classes agora é exposta no conflito permanente entre capitalistas (donos dos meios de produção) e operários (somente possuem a sua força de trabalho). Segundo Marx:

Toda a riqueza se tornou riqueza *industrial, riqueza* do trabalho, e a *indústria* é o trabalho consumado, tal como o *sistema fabril* é a essência desenvolvida da *indústria*, i. é, do trabalho, e o *capital industrial* é a figura objetiva consumada da propriedade privada. Vemos também como só agora a propriedade privada pode consumir a sua dominação sobre o homem e

tornar-se, em forma mais universal, um poder histórico-mundial. (1994, p.89, grifos do autor)²⁵

O desenvolvimento da manufatura e do capitalismo industrial provocou uma alteração substancial no processo de estranhamento presente naquele momento na sociabilidade humana: a partir de então, não só a ciência do seu caráter gregário (humanidade) será estranha ao homem, como também a sua própria atividade (por não ser mais por ele concebida – divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual – e decidida) e o seu respectivo fruto lhe serão estranhos à medida que não lhe pertencem, à medida que aquela lhe é imposta e este lhe é alienado por um poder exterior (à sua atividade em si). A alienação capitalista propriamente dita surge neste contexto em que o capital invade as oficinas e transforma a todos em proletários. O homem, a partir de então, deve executar uma tarefa não concebida por ele – a concepção pertence a outro ser e, portanto, não consegue mais identificar-se na prática dela.

O meio pelo qual a alienação procede é ele próprio um meio *prático*. Pelo trabalho alienado o homem gera, portanto, não só a sua relação com o objeto e o ato da produção como homens estranhos e hostis a ele; gera também a relação na qual outros homens estão com a sua produção e o seu produto e a relação em que ele está com estes outros homens. (MARX, 1994, p.70, grifo do autor)²⁶

Destarte, tão nociva à consciência dos trabalhadores quanto a imposição do caráter particularista da propriedade e da divisão social do trabalho foi a separação dos homens de suas condições materiais de trabalho e a imposição do trabalho livre (de propriedade e de meios de produção – não vinculado de modo vitalício a nenhum pedaço de terra ou patrão)²⁷, pois tal movimento possibilitou a subsequente e já mencionada divisão entre concepção e execução nas atividades de produção.

Mesmo no decorrer de sua atividade produtiva sob o regime feudal, o trabalhador era, na maior parte das vezes, o proprietário dos meios através dos quais desenvolvia sua produção

²⁵ “Toda a riqueza se tornou *riqueza industrial*, *riqueza* do trabalho, e a *indústria* é o trabalho completado, assim como a *essência fabril* [é] a essência desenvolvida da *indústria*, isto é, do trabalho, e o *capital industrial* é a figura objetiva tornada completa da propriedade privada. Conforme podemos constatar agora, somente a propriedade privada [a partir de seu surgimento] pode exercer o seu pleno domínio sobre o homem e tornar-se, na forma mais universal, um poder histórico mundial.” (MARX, 2004, p.102, grifos do autor)

²⁶ “O meio pelo qual o estranhamento procede é [ele] mesmo um [meio] *prático*. Através do trabalho estranhado o homem engendra, portanto, não apenas a sua relação com o objeto e o ato de produção enquanto homens que lhe são estranhos e inimigos; ele engendra também a relação na qual outros homens estão para a sua produção e o seu produto, e a relação na qual ele está para com outros homens.” (MARX, 2004, p.87, grifo do autor)

²⁷ As mudanças nas relações de produção no campo, propiciando a expulsão de milhares de camponeses – que foram formar a massa de força de trabalho desapropriada requeridas pelo novo sistema produtivo – criaram o pano de fundo ideal e fundamental para o aparecimento e consolidação deste.

– principalmente das ferramentas que usaria para cultivar o seu solo e o do suserano. Obviamente, esse tipo de propriedade de talhe individualista não arrefecia o vigor do processo de desmantelamento e estranhamento da consciência do ser gregário universal – partido de diversas formas em diferentes momentos históricos. E, embora vicejasse na comunidade a divisão do trabalho em diversos tipos, cada atividade – individualmente tomada – tinha dentro de si um mecanismo de participação do artesão ou do camponês em todas as etapas da fabricação do produto, desde a sua concepção até a sua execução. Na “fórmula ‘capital’, [...] o trabalho vivo se apresenta numa relação de não-propriedade relativamente à matéria prima, aos instrumentos e meios de subsistência necessários durante o período de produção...” (MARX, 1991, p.93). Ainda:

O conceito de capital implica que as condições objetivas do trabalho – que são o próprio produto do capital – adquirem uma *personalidade* contra o trabalho, ou, o que vem a ser o mesmo, que passem a constituir propriedade alheia, não do trabalhador. O conceito de capital contém o capitalista. (MARX, 1991, p.110, grifo do autor)

Desse instante em diante, há um recrudescimento no processo de estranhamento do trabalhador frente à realidade, na medida em que todos os fatores de produção (terra, equipamentos etc.) pertencem a outrem – a única exceção é a sua força de trabalho. A não posse das condições objetivas de produção provoca a perda de autonomia do agora proletário dentro do trâmite produtivo, uma vez que o mesmo passa a produzir um objeto que não foi por ele elaborado e cuja produção não foi lastreada em uma decisão e iniciativa suas – é impelido pelo sistema socioeconômico a exercer qualquer atividade a ele imputada sob o risco de não sobreviver²⁸. Cabe a esse trabalhador manual somente produzir o que lhe foi determinado e da forma que lhe foi determinado. Com a consciência divorciada da prática, além do homem não mais sentir-se como um ser social que faz parte do ser gregário universal humano, o produto do seu trabalho passa a se portar como algo estranho para ele – justamente pelo fato de não ter sido uma emanção de seu intelecto criador.

O trabalho exterior, o trabalho no qual o homem se desapossa, é um trabalho de auto-sacrifício, de mortificação. [...] a exterioridade do trabalho para o operário aparece no fato de que ele não é trabalho seu mas de um outro, em

²⁸ “E a vida produtiva (atividade vital) aparece ao homem apenas como um meio para a satisfação de uma necessidade: manutenção da existência física. O trabalho não é mais uma atividade livre, não mais propicia auto-realização e fruição para o homem – tem um caráter impositivo, ao passo que é obrigatório a execução do mesmo para a sobrevivência do, agora, operário.” (SILVA, Newton F., *op. cit.*, p.30)

que ele não lhe pertence, em que nele não pertence a si próprio mas a um outro. [...] a atividade do operário não é a sua auto-atividade. Ela pertence a um outro... (MARX, 1994, p.65)²⁹

Na sociedade industrializada, a atividade do trabalhador é incessantemente parcelada – graças ao objetivo capitalista de acumulação infinita –, o que resultará num cada vez maior esvaziamento do conteúdo da mesma. Cabe aqui ressaltar que, além da divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, há na etapa específica da execução um constante dividir de tarefas que acaba por torná-las cada vez mais simplórias e desinteressantes³⁰ – haja vista toda a potencialidade criativa dos seres humanos. A perda gradativa de conteúdo e sentido da atividade individual de cada operário é óbvia e notória, juntamente ao fato do homem se portar cada vez mais claramente como uma simples peça, como um simples apêndice da máquina justaposta em sua frente. Esse fato fará com que o trabalhador, com a sua atividade extremamente simplificada e especializada, fique completamente refém das arbitrariedades capitalistas – haja vista sua falta de aptidão e preparo para desenvolver outra função na sociedade.

Enquanto a divisão do trabalho eleva a força produtiva do trabalho, a riqueza e o refinamento da sociedade, ela empobrece o operário até a condição de máquina. Enquanto o trabalho provoca o amontoamento de capitais e, com isso a crescente prosperidade da sociedade, ela torna o operário cada vez mais dependente do capitalista... (MARX, 1994, p.19)³¹

O trabalho especializado e “desqualificado” reduz, assim, todas as potencialidades da atividade humana a uma só, totalmente simplória, vazia de complexidade e, conseqüentemente, interesse. O trabalhador é “corpórea e espiritualmente reduzido à máquina – e de homem a uma atividade abstrata e a um estômago”, além disso, torna-se, como acabamos de demonstrar, “cada vez mais puramente dependente do trabalho, e de um trabalho

²⁹ “O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto-sacrifício, de mortificação. [...] a externalidade (*Äusserlichkeit*) do trabalho aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro. [...] a atividade do trabalhador não é a sua auto-atividade. Ela pertence a outro...” (MARX, 2004, p.83)

³⁰ “O advento das máquinas, culminado pelo estabelecimento da Revolução Industrial, propiciou a centralização do processo de concepção em pequenos grupos de cientistas, que estudavam a elaboração de novos equipamentos para substituir a mão-de-obra do trabalhador nas fábricas, ao mesmo tempo que estudavam também como limitar e parcializar cada vez mais as tarefas dos operários – a consecução desse objetivos foi efetivada e redundou numa progressivamente maior imbecilização da atividade do operário intra-fábrica.” (SILVA, Newton F., *op. cit.*, p.16)

³¹ “Enquanto a divisão do trabalho eleva a força produtiva do trabalho, a riqueza e o aprimoramento da sociedade, ela empobrece o trabalhador até [a condição de] máquina. Enquanto o trabalho suscita o acúmulo de capitais e, com isso, o progressivo bem-estar da sociedade, a divisão do trabalho mantém o trabalhador sempre mais dependente do capitalista...” (MARX, 2004, p.29)

determinado muito unilateral, maquinal”, ficando completamente “dependente de todas as oscilações de preço de mercado, da aplicação dos capitais e do capricho do rico.” (MARX, 1994, p.16)³²

A piora nas condições de trabalho dos agora operários, através da imposição de um trabalho repetitivo e sem conteúdo, semelhante ao exercício de uma máquina, passa a causar a repulsa destes em relação à sua própria atividade prática em si. Igualmente sempre presente é o estranhamento por ela, pois executa algo que não emanou de seu espírito potencialmente inventivo e realizador e cujo fruto lhe é tomado, alienado. “Se o produto do trabalho não pertence ao operário, é um poder estranho perante ele, então isso só é possível porque ele pertence a um *outro homem que não o operário* [...] só o próprio homem pode ser este poder estranho sobre o homem.” (MARX, 1994, p. 70, grifos do autor)³³ O poder de governo do capital – alienando do trabalhador o que ele próprio produziu – reflete-se substancialmente na relação sujeito-objeto que o proletário tem para com o seu objeto durante o processo produtivo.

Portanto, a divisão do trabalho foi não só decisiva no processo de intensificação do estranhamento entre os homens, como também se configurou qualitativamente diferente a partir do espraiamento desse novo sistema manufatureiro-industrial e da ascensão da divisão parcelar das funções. Isto significa que um objeto anteriormente concebido e materializado integralmente pelo mesmo trabalhador passa a ser feito parceladamente por vários destes, de forma que cada vez mais a função do proletário especifica-se e simplifica-se, tornando também agora a sua atividade uma prática estranha e distante para ele – pois, como já afirmamos, está executando e fabricando algo que não elaborou nem decidiu por fazer. Conseqüentemente, não se reconhece no objeto fruto de sua participação na produção e nem no mundo objetivado por todo coletivo de trabalhadores – o mundo por eles visto não foi por eles concebido.³⁴

³² Para facilitar a compreensão, reproduzimos a seguir toda a afirmação – já incorporado o trecho com a tradução alternativa (J. Ranieri, 2004). Vejamos: O trabalhador é “corpórea e espiritualmente reduzido à máquina – e de um homem [é reduzido] a uma atividade abstrata e uma barriga”, além disso, torna-se, como acabamos de demonstrar, “sempre mais puramente dependente do trabalho, e de um trabalho determinado, muito unilateral, maquinal”, ficando completamente “dependente de todas as flutuações do preço de mercado, do emprego dos capitais e do capricho do rico.” (MARX, 2004, p.26)

³³ “Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, um poder estranho [que] está diante dele, então isto só é possível pelo fato de [o produto do trabalho] pertencer a um *outro homem fora o trabalhador*. [...] apenas o homem mesmo pode ser este poder estranho sobre o homem.” (MARX, 2004, p.86, grifos do autor)

³⁴ “E quanto mais a classe dos operários se esmera no cumprimento da atividade a qual foi designada, tanto mais o mundo exterior sensível criado a sua frente torna-se misterioso e exterior à sua essência e tanto mais pobre tornam-se eles e o seu mundo interior. Tudo o que é objetivado na realidade – fruto do desempenhar prático dos

O produto do trabalho, na sociedade produtora de mercadorias, tem uma existência exterior e autônoma em relação ao seu produtor. Por não ter concebido o produto nem ter arbitrado sobre a possibilidade de produzi-lo ou não, o trabalhador jamais consegue identificar-se com o resultado da sua própria atividade, muito menos controlar a independência adquirida por esse objeto desde a sua feitura até a sua expropriação. Todo o produto de seu esforço e labor lhe é tomado e alienado por um poder estranho – que detém a propriedade dos meios de produção sobre os quais emprega a sua força de trabalho – e que compõe a realidade à sua revelia e sem a sua participação consciente. De acordo com Marx:

[...] com respeito ao operário, o qual se *apropria* da natureza pelo trabalho, a apropriação aparece como alienação, a auto-atividade como atividade para um outro e como atividade de um outro, a vitalidade como sacrifício de vida, a produção do objeto como perda do objeto para um poder estranho, para um homem *estranho* [...].(1994, p.73, grifos do autor)³⁵

Ainda:

O poder social, isto é, a força produtiva multiplicada que nasce da cooperação de vários indivíduos exigida pela divisão do trabalho, aparece a estes indivíduos [...] não como seu próprio poder unificado, mas como uma força estranha situada fora deles, cuja origem e cujo destino ignoram, que não podem mais dominar e que, pelo contrário, percorre agora uma série particular de fases e de estágios de desenvolvimento, independente do querer e do agir dos homens e que, na verdade, dirige este querer e agir. (MARX & ENGELS, 1987, p.49-50)

Uma vez que o produto do seu trabalho não pertence ao operário – mas sim ao capitalista – o sentido da sua atividade também não, o que configura à mesma um caráter de estranhamento e exterioridade e, por isso, antes o operário se nega do que se afirma na execução de suas tarefas. Tarefas essas que, conseqüentemente, só trarão infelicidade, mortificação física do proletário e ruína de seu espírito. Nessa forma de organização social, cujo corolário é a propriedade particular, o homem torna-se vítima da sua própria atividade – que não é mais de auto-realização e sim de perda de sua essência, à medida que ele

diversos homens – não carrega a essência dos mesmos e conseqüentemente não possibilita uma identificação entre o binômio ativo sujeito-objeto.” (SILVA, Newton F., *op. cit.*, p.26)

³⁵ “[...] com respeito ao trabalhador que se *apropria* da natureza através do trabalho a apropriação aparece como estranhamento, a auto-atividade como atividade para um outro e como atividade de um outro, a vitalidade como sacrifício da vida, a produção do objeto como perda do objeto para um poder estranho, para um homem *estranho*...” (MARX, 2004, p.90, grifos do autor)

desintegra-se continuamente no decorrer de sua vida produtiva e social.³⁶ Marx assim asseverou:

Tal como faz da sua própria produção a sua desrealização, o seu castigo, tal como faz do seu próprio produto a perda, um produto que não lhe pertence, assim ele gera a dominação daquele que não produz sobre a produção e sobre o produto. Tal como aliena de si a sua própria atividade, assim também atribui ao estranho como própria a atividade que não lhe é própria. (1994, p.70-1)³⁷

Assim, o esmagamento das qualidades humanas e individuais do trabalhador sofreu um substancial agravamento com o advento da industrialização. A expansão capitalista proporcionou a disseminação do estranhamento (inerente ao sistema de propriedade privada), fazendo com que a alienação atingisse as mais diversas esferas da atividade social humana e assumisse – desde então – um caráter universal. Toda a auto-atividade dos homens se tornou uma atividade para um poder estranho (cujo produto é tomado por um poder estranho), uma atividade que não reflete uma concepção e uma iniciativa próprias, afinal, uma atividade que não mais materializa e objetiva o que emana de um livre e emancipado espírito humano.

Na economia política burguesa – e na época de produção que lhe corresponde – este completo desenvolvimento das potencialidades humanas aparece como uma total alienação, como total destruição de todos os objetivos unilaterais determinados, como sacrifício do fim em si mesmo em proveito de forças que lhe são externas. (MARX, 1991, p.81)

O sistema econômico capitalista é originariamente contraditório, pois carrega em seu bojo a contraposição primeira surgida entre os homens – a propriedade privada – em sua forma mais desenvolvida e que se apresenta, desde o advento e estabelecimento da industrialização, na batalha permanente entre os burgueses donos dos meios de produção e os proletários, simples possuidores de sua força de trabalho. Todos os demais antagonismos existentes nesta sociedade regida pelo capital não são mais que decorrências daquela contradição inicial. O fim do trabalho estranhado tão-somente poderia consumir-se a partir do

³⁶ “[...] o processo de produção de mercadorias, também torna a realização do objeto do trabalho uma desrealização para o operário, ao passo que o seu produto é alienado do seu produtor, não [lhe] pertencendo e nem refletindo mais a sua essência.” (SILVA, Newton F., *op. cit.*, p.26-7)

³⁷ “Assim como ele [engendra] a sua própria produção para a sua desefetivação (*Entwirklichung*), para o seu castigo, assim como [engendra] o seu próprio produto para a perda, um produto não pertencente a ele, ele engendra também o domínio de quem não produz sobre a produção e sobre o produto. Tal como estranha de si a sua própria atividade, ele apropria para o estranho (*Fremde*) a atividade não própria deste.” (MARX, 2004, p.87)

momento em que fosse construída e instituída a forma de organização social e econômica comunista, baseada na posse coletiva de todos os bens existentes sobre a Terra.

O *comunismo* como supressão *positiva* da *propriedade privada* (enquanto *auto-alienação humana*) e por isso como *apropriação* real da essência *humana* pelo e para o homem; por isso como regresso completo, consciente e advindo dentro de toda a riqueza do desenvolvimento até agora, do homem a si próprio como um homem *social*, i. é, humano. [...] ele é a verdadeira resolução do conflito do homem com a Natureza e com o homem, a *verdadeira* resolução da luta entre existência e essência, entre objetivação e autoconfirmação, entre liberdade e necessidade, entre indivíduo e gênero. Ele é o enigma da história resolvido e sabe-se como essa solução. (MARX, 1994, p. 92, grifos do autor)³⁸

Da mesma forma que a luta de classes entre patrões e trabalhadores reflete e sintetiza hoje a batalha de toda a humanidade contra um modo de produção que aliena do homem o valor por ele produzido e que aprisiona seu espírito criador e seu intelecto em uma atividade que não lhe pertence, a emancipação específica dessa classe despossuída – mediante extinção da propriedade privada e advento do comunismo - significaria a completa libertação de todos os membros que compõem a sociedade humana. Assim definiu Marx (1994, p. 72, grifos do autor):

Da relação do trabalho alienado com a propriedade privada segue-se ainda que a emancipação da sociedade da propriedade privada, etc., da servidão, se exprime na forma *política* da *emancipação dos operários*, não como se se tratasse apenas da emancipação deles, mas antes porque na sua emancipação está contida a emancipação universalmente humana, mas esta está aí contida porque toda a servidão humana está envolvida na relação do operário com a produção e todas as relações de servidão são apenas modificações e conseqüências dessa relação.³⁹

³⁸ “O *comunismo* na condição de supra-sunção (*Aufhebung*) *positiva* da *propriedade privada*, enquanto *estranhamento-de-si* (*Selbstentfremdung*) humano, e por isso enquanto *apropriação* efetiva da essência *humana* pelo e para o homem. Por isso, trata-se do retorno pleno, tornado consciente e interior a toda riqueza do desenvolvimento até aqui realizado, retorno do homem para si enquanto homem *social*, isto é, humano. [...] Ele é a *verdadeira* dissolução (*Auflösung*) do antagonismo do homem com a natureza e com o homem; a verdadeira resolução (*Auflösung*) do conflito entre existência e essência, entre objetivação e auto-confirmação (*Selbstbestätigung*), entre liberdade e necessidade (*Notwendigkeit*), entre indivíduo e gênero. É o enigma resolvido da história e se sabe como esta solução.” (MARX, 2004, p.105, grifos do autor)

³⁹ “Da relação do trabalho estranhado com a propriedade privada depreende-se, além do mais, que a emancipação da sociedade da propriedade privada etc., da servidão, se manifesta na forma *política da emancipação dos trabalhadores*, não como se dissesse respeito somente à emancipação deles, mas porque na sua

Segundo Che Guevara, as idéias de Marx são postulados – da onde deve se partir para se fazer qualquer análise sociológica e econômica da realidade – das Ciências Sociais e tem a mesma importância da teoria newtoniana para o desenvolvimento da física e da de Pasteur para a biologia. As teorias dos três grandes pensadores foram (e são ainda, obviamente) “degraus necessários” para a evolução posterior da ciência. Não se discute interminavelmente os corolários de Newton, assim como não se deve tentar desconstruir todo o arcabouço teórico marxista e sua metodologia materialista, histórica e dialética. Sentenciou Che:

Existem verdades tão evidentes, tão incorporadas ao conhecimento dos povos, que já não é mais necessário discuti-las. [...] Por isso, reconhecemos as verdades essenciais do marxismo como parte integrante do acervo cultural e científico dos povos e o fazemos com uma naturalidade própria daquilo que não precisa mais ser discutido. (GUEVARA, 2004b, 115)

A despeito do desconhecimento do pensamento de Marx, e mesmo não se nomeando um movimento revolucionário marxista, os rebeldes cubanos de Sierra Maestra – ao organizar a insatisfação popular para a derrubada do velho sistema semi-colonial capitalista de exploração, estavam cumprindo os desígnios e estavam agindo em consonância com o que propugnava o clássico pensador alemão. A teoria, segundo o “guerrilheiro heróico”, poderia ser a guia principal do processo revolucionário mesmo que os sujeitos históricos que o comandam e que o realizam no solo objetivo da realidade material não tenham conhecimento a seu (da teoria) respeito. Assim, segundo Che, os revolucionários cubanos – quer soubessem ou não – estavam materializando as previsões de Marx a respeito da destruição do sistema capitalista:

Nós, revolucionários práticos, ao iniciar nossa luta, estamos simplesmente cumprindo as leis previstas por Marx [...] as leis do marxismo estão presentes nos acontecimentos da revolução cubana independentemente do que seus líderes preferem ou sabem claramente, de um ponto de vista teórico, a respeito dessas leis. (GUEVARA, 2004b, p.113)

Do ponto de vista ideológico, o que selou definitivamente a relação entre Guevara e a teoria marxiana foi o fato de o arauto desta última ter conseguido explicar toda a exploração e desigualdade que Che pôde assistir durante as suas inúmeras viagens pelos rincões da América Latina. Além disso, apontou a luz que indica o caminho de libertação desses

emancipação está encerrada a [emancipação] humana universal. Mas esta [última] está aí encerrada porque a opressão humana inteira está envolvida na relação do trabalhador com a produção, e todas as relações de servidão são apenas modificações e conseqüências dessa relação.” (MARX, 2004, p. 88-9, grifos do autor)

vilipendiados do capitalismo. “Marx pensava na libertação do homem e via o comunismo como a solução das contradições que produziram a sua alienação...”. (GUEVARA, 1982i, p.184)

Assim, inspirado pela força e pela profundidade da teoria do pensador alemão, Che, após a tomada do poder em Cuba e a definição daquela revolução como socialista, passou a tentar, empírica e teoricamente, construir um homem novo consciente – portador de uma nova moral e de uma nova ética e plenamente livre da alienação e da miséria capitalistas. A partir do legado de Marx, Che tentou construir – sobre os escombros de uma sociedade subdesenvolvida – uma teoria e uma realidade que possibilitassem aos cubanos a realização da utopia comunista.

1.2 A Construção de uma Nova Civilização a partir de um Novo Homem

Segundo Paco Ignacio Taibo II, um dos principais biógrafos de Ernesto Guevara, a questão do homem novo foi o “centro de todas as obsessões” de Che. Michael Löwy afirmou que tal concepção foi a pedra de toque fundamental do pensamento do revolucionário argentino-cubano, permeando e alinhavando toda a sua teoria (e prática) da transição do sistema capitalista terceiro-mundista ao sistema socialista. Transição esta que deveria significar, na transformação radical que propunha, mais do que uma “simples” alteração do modo de produção e repartição social dos bens elaborados pelos trabalhadores: para Che era imperativo que ocorresse uma revolução também na consciência das pessoas, para que estas adquirissem uma nova concepção de mundo e novos valores, assim estabelecendo novas relações sociais – mais solidárias e avançadas do ponto de vista humanista. Assim, Guevara afirmava que a tarefa suprema e última da Revolução era libertar o homem da alienação criando o homem novo. “Por isso estamos empenhados em criar completamente o novo. Isto é, o homem que provenha da classe operária, da classe camponesa, que seja um produto da Revolução.” (GUEVARA, 1982a, p.47)

Guevara acreditava que, antes de qualquer coisa, o comunismo era uma nova moral – que tal arcabouço conceitual e ético precederia até mesmo o próprio modo de organização da produção associado e cooperado preconizado pela doutrina comunista. Afirmava que a moral de uma nação comunista tinha que ser diametralmente oposta à moral de um país capitalista –

e isso deveria se refletir tanto internamente (na consciência solidária de sua população) quanto na relação com as outras nações. A moral, para Che, era o fundamento do comunismo. “Sua ênfase toda estará no desenvolvimento de uma nova moral, capaz de remover as montanhas dos antigos valores.” (SADER, 2004, p. 37) Essa concepção consolidou-se como a base do seu ideário da imprescindibilidade da emergência de não apenas um novo modo de produção e novas relações de produção mas, principalmente, de uma nova civilização. Segundo Ricardo Rojo (1968, p.79), Che proferiu a seguinte afirmação:

[Não podemos] supor que uma nação comunista tenha a mesma moral de uma nação capitalista, o que equivale a negar os próprios fundamentos do comunismo. Antes de ser um método de desenvolvimento econômico de distribuição de oportunidades e conquistas materiais, o comunismo é uma moral, uma moral internacional.

Portanto, mais do que alterar a lógica exploradora do modo de produção então vigente na Cuba pré-1959, Che sempre objetivou uma transformação radical e profunda de toda a sociabilidade, criando de fato um novo tipo de civilização de vanguarda. “Nós já nos colocamos como objetivo, a sociedade comunista. E nossos olhos [...] estão voltados para a sociedade nova, absolutamente nova...” (GUEVARA, 1982e, p.144). A produção material coletiva deveria ter a sua apropriação social e igualitária e a consciência solidária e fraterna tinha que se desenvolver e se expandir ao máximo. O senso comum individualista e egoísta teria que ter o seu fim decretado (e construído objetivamente).

O desenvolvimento das forças produtivas também teria que ser o mais alto possível para assim se viabilizar todos os produtos necessários aos seres humanos. O crescimento deveria ser sempre material (tecnologia, bens de consumo) e espiritual (consciência solidária, princípios éticos e culturais mais avançados). “[...] o comunismo é um fenômeno social a que somente se pode chegar através do desenvolvimento das forças produtivas, da supressão dos exploradores, da grande quantidade de produtos colocados a serviço do povo e da consciência que está nascendo nessa sociedade.” (GUEVARA, 1982e, p.144)

Para Che, socialismo é igual à produção e consciência – dois processos que devem intercalar-se e se desenvolver infinitamente. Sem aumento da produtividade (que gere cada vez mais bens de consumo e de produção para suprir as necessidades humanas) e alargamento da consciência (ao ponto onde todos possam dirigir democrática e coletivamente a produção e a vida sócio-política) não existe socialismo. Em um discurso a operários destacados no Ministério das Indústrias em 30 de abril de 1962, Che assim asseverou:

[...] a definição do socialismo é muito simples, se define pela produtividade que é dada pela mecanização, pelo emprego adequado das máquinas a serviço da sociedade, e por um crescente aumento da produtividade e da consciência [...]. Produtividade – ou seja, maior produção, mais consciência – é socialismo. E nós, o que temos de fazer agora é construir o socialismo, aumentar a produtividade e aumentar a consciência a cada dia. (GUEVARA, 1982g, p.149)

Nada mais óbvio então que as duas principais metas da Revolução Cubana na fase guevarista serem o desenvolvimento das forças produtivas (elevação do nível técnico, da produtividade e da produção) e o desenvolvimento das relações de produção (comunistas e solidárias) – estas que poderiam (e deveriam) ser mais avançadas que o nível da infraestrutura econômica de Cuba naquele período inicial. Assim definiu sinteticamente Che (2004f, p. 244): “Existem duas tarefas fundamentais que se repetem constantemente e estão na base de todo o desenvolvimento da sociedade: a produção, o desenvolvimento dos bens para o povo; e o aprofundamento da consciência.” Manolo Pérez reitera essa concepção de Guevara: “Para o Che, a construção socialista estava relacionada com a necessária convergência de dois elementos básicos: incremento substancial da produtividade do trabalho social e elevação ininterrupta da consciência. No crescimento de ambas encontrar-se-ia a garantia do processo.” (PÉREZ, 2001, p.68)

Após a conquista do poder pelos revolucionários cubanos em 1959, Che Guevara tornou-se presidente do Banco Nacional de Cuba em 27 de novembro do mesmo ano. Passado pouco mais de um ano e alguns meses, foi nomeado pelo Conselho de Ministros para assumir o recém-criado (23 de fevereiro de 1961) Ministério das Indústrias. No comando dessa pasta Che passa a combater as relações mercantis e capitalistas presentes no processo de desenvolvimento do socialismo em Cuba. Acreditava efetivamente que não bastava simplesmente nacionalizar e dividir a riqueza social produzida, tinha-se que criar (mediante o trabalho e a educação) uma nova mentalidade, que negasse a alienação e o individualismo proveniente da organização social e econômica tipicamente burguesa. A nova consciência estaria naturalmente em consonância com o espírito transformador da Revolução, servindo como base e impulsionando a criação de uma nova civilização – mais nobre e humanista em seus meios e fins. Como bem definiu Eder Sader (2004, p.25 e p.36):

[o ministro Che] se ocupa em demonstrar que a construção socialista não se reduz a um simples desenvolvimento das forças produtivas nacionalizadas,

mas deve introduzir novos valores e relações sociais. [...] Assim, junto com o desenvolvimento de uma nova base material, deve-se criar um ‘homem novo’. E os dois processos são estritamente inseparáveis.

A prática de Che à frente do Ministério das Indústrias e como um dos líderes do Partido Unido da Revolução Socialista (PURS)⁴⁰ estava em plena consonância com o que ele propugnava em seus escritos – a sua preocupação com os aspectos ideológicos da transformação socialista era constantemente abordada em seus pensamentos e reflexões. Conforme afirmou Eder Sader (2004, p. 30), Che sempre fez “uma ousada reflexão sobre os aspectos ideológicos e econômicos da construção da nova sociedade, sobre a luta entre as heranças capitalistas e os projetos socialistas na intrincada fase de transição...”. E justamente o homem novo surge como esse homem da transição que tem que lutar (no plano objetivo e no ideal) contra o ranço do *modus vivendi* burguês enquanto tenta construir uma nova civilização com novos valores e com uma nova conduta. Tem-se a intenção então que esse novo “velho” (pois é advindo do sistema que se pretende em ruínas) homem adentre em um moto-contínuo de colaboração consciente ao desenvolvimento econômico da sociedade e auto-educação transformadora. Ao mesmo tempo em que ergue a nova sociedade, o homem novo tem o seu pensamento solidário e a sua nova postura fraterna reafirmadas pelo que vive e vê na realidade objetiva. É o homem da sociedade de transição, “motivado pelos valores da solidariedade e do compromisso com o povo, do combate radical a todas as injustiças.” (SADER, 2004, p.30)

Enquanto esteve à frente do Ministério e a partir do momento em que foi declarado o caráter socialista da Revolução⁴¹ por ele e Fidel capitaneada, Che Guevara sempre ressaltou o fato de que a simples declaração dessa característica do movimento revolucionário cubano, não garantia a instauração completa e “automática” desse modo de produção e sistema de organização social. De acordo com Che, todos teriam que se esforçar muito para construí-lo diariamente, com a matéria objetiva do real. Socialismo significava novo modo de produzir e nova consciência – somente o título não bastava, não determinaria nada. Assim asseverou Guevara (1982a, p.51): “Estamos em uma época, em uma Revolução que se proclamou socialista, e o socialismo não são palavras, mas o resultado de fatos econômicos e fatos de consciência. Por isso é que falta trabalhar muito nesse sentido.”

⁴⁰ Esse partido se transformaria, alguns anos depois, no atual Partido Comunista cubano.

⁴¹ A declaração foi feita pela primeira vez em 16 de abril de 1961 por Fidel Castro: “Esta é a Revolução socialista e democrática dos humildes, pelos humildes e para os humildes.” Foi reiterada pelo mesmo Fidel, alguns dias depois, durante o 1º de maio, ao proclamar que Cuba era já uma “república socialista”.

Che acreditava que o desenvolvimento das forças produtivas não redundaria automaticamente na criação das novas relações de produção e no advento do ser social do comunismo. Na sua concepção era inverossímil a hipótese do marxismo “oficial” russo da época de primeiro alcançar-se certo nível das forças produtivas para depois, como num passe de mágica, fazer-se surgir um novo tipo de homem. O progresso intelectual, cultural, enfim, da consciência, deveria ocorrer no mesmo ritmo, quiçá mais rápido, que o crescimento econômico-estrutural da sociedade⁴². Caso não houvesse sincronismo nos processos, correr-se-ia o risco de se desenvolver materialmente sem mudança qualitativa na moral e, portanto, na atitude das pessoas. “[...] uma alteração real das estruturas socioeconômicas, mesmo sendo determinante, não antecede a alteração cultural e ideológica, mas tem de ser concomitante. Sem homens motivados já por novos valores, a alteração estrutural será apenas formal.” (SADER, 2004, p.39)

De fato, o homem novo não poderia ser apenas o resultado da construção socialista, seria antes forjado (através da educação e da experiência solidária) durante o processo de estabelecimento do novo sistema social e econômico. Destarte, para se conseguir construir o socialismo com as categorias, ideologia e comportamento socialistas é necessário que o responsável por tal intento seja um homem que, mesmo antes do advento da sociedade comunista – na verdade ainda no período de transição, de construção da nova civilização –, possua já a consciência comunista. E o homem novo de Che é aquele que na difícil construção do socialismo já possui uma consciência a frente de seu tempo “material”. Isto é, apesar do atraso das forças produtivas, as relações de produção podem e devem estar mais avançadas⁴³.

Desse modo, para Che, somente o homem novo pode construir o comunismo com categorias comunistas (solidariedade, voluntarismo etc.). “Para construir o comunismo, paralelamente à base material, há que se fazer o homem novo”. (GUEVARA, 2004d, p.254) O homem que carrega ainda dentro de si grande ranço do antigo sistema (individualismo,

⁴² Ernest Mandel (1982, p.169) comenta essa concepção guevarista-castrista: “A nosso entender, esta posição de Che Guevara e Fidel Castro está de acordo com a tradição e a teoria marxista. Os que colocam o postulado absoluto do desenvolvimento prévio das forças produtivas, antes que se possa expandir a consciência socialista, pecam todos de um pensamento mecanicista à semelhança daqueles que acreditam poder suscitar por meios puramente subjetivos (a educação, a propaganda, a agitação etc.) idêntica consciência de maneira imediata. Há uma interação constante entre a criação de uma infra-estrutura material necessária para a expansão da consciência socialista e o desenvolvimento desta mesma consciência.”

⁴³ Segundo Guevara (1982d), nem sempre – haja vista os momentos de ruptura e revolução social – as relações de produção correspondem ao nível de desenvolvimento das forças produtivas, vide o estágio inicial de desenvolvimento industrial/tecnológico da economia russa no primeiro quartel do século XX. “A União Soviética, com efeito, não é um exemplo de país capitalista plenamente maduro que passou para o socialismo. O sistema, tal como o encontrou o poder soviético, não estava desenvolvido...” (GUEVARA, 1982h, p.58)

ganância) só pode e consegue construir uma “caricatura de socialismo”, onde a base material até pode estar desenvolvida, mas a consciência e as expectativas continuariam no mesmo patamar anterior de egoísmo e ausência de noção da existência individual como existência gregária.

Os novos valores se sintetizariam, portanto, nesse novo tipo de ser humano, denominado por Che como “homem novo”, o principal e mais importante fruto proveniente de uma verdadeira revolução socialista, da “nova sociedade, na qual os homens terão características diferentes: a sociedade do homem comunista.”(GUEVARA, 2004d, p.256) Che Guevara nunca esquematizou e formatou teoricamente essa sua concepção. Há apenas indicações e esboços desse seu ideário que perpassam a maioria dos seus textos e discursos.

Che tinha plena ciência dessa lacuna e assumia a não sistematização desse pensamento – fato que o incomodava: “Sua preocupação era encontrar uma maneira clara e sedutora de formular a sua tese do homem novo.” (ROJO, 1968, p.82). Os próprios revolucionários cubanos ainda não sabiam como criar esse novo tipo de homem – segundo Guevara, teriam que forjá-lo (e também a sua respectiva teoria) a partir das bases teóricas legadas pelo marxismo-leninismo confrontadas com as dificuldades econômicas e militares (ameaça permanente de invasão estrangeira) daquele período especial.

Nós, os revolucionários, carecemos dos conhecimentos e da audácia intelectual necessários para encarar a tarefa do desenvolvimento de um novo homem por métodos diferentes dos convencionais [...]. A desorientação é grande e os problemas da construção material nos absorvem. [...] Nós nos forjaremos na ação cotidiana, criando um homem novo com uma nova técnica. (GUEVARA, 2004d, p.261 e 268)

Che Guevara afirmou que nem a experiência revolucionária cubana tinha sido teorizada até então – não havia ainda teorias marxistas que versassem sobre a transição ao comunismo em países de economia subdesenvolvida e Cuba encontrava-se em uma fase não prevista pelo próprio Marx⁴⁴.

O caminho é longo e em parte desconhecido; conhecemos nossas limitações. Faremos o homem do século 21; nós mesmos (GUEVARA, 2004d, p.268).

⁴⁴ “A análise de Marx se baseia em um certo tipo de desenvolvimento do capitalismo, até a precipitação das contradições, que definitivamente dá origem à sociedade de transição. Esta hipótese não se verificou, porque depois de Marx se desenvolveram o capitalismo monopolista e o imperialismo, e daí a teoria de Lênin sobre o elo mais fraco da corrente, aplicada à União Soviética.” (GUEVARA, 1982h, p.58)

Ainda:

[...] é preciso dedicar-se a investigar todas as características primordiais deste período antes de elaborar uma teoria econômica e política de maior alcance. A teoria resultante dará maior importância aos dois pilares da construção: a formação do homem novo e o desenvolvimento da técnica. (GUEVARA, 2004d, p.259)

Che alegava que este novo ser humano não poderia ser concebido e forjado somente à luz das idéias do século XIX ou XX, teria sim que ser inventado por um novo esforço teórico, ideológico e prático – não havia fórmulas ou caminhos seguros e já traçados que levassem à sua criação, era uma teoria que ainda estava sendo moldada e que se encontrava em pleno movimento. Com a orientação da própria metodologia marxiana⁴⁵ e com a vivência diária e objetiva da construção do socialismo em Cuba, Che pretendia que a teoria do homem novo se tornasse a contribuição da Revolução Cubana ao pensamento marxista-leninista internacional.

O homem do século 21 é aquele que devemos criar, mesmo que ainda seja uma aspiração subjetiva e não sistematizada. Este é precisamente um dos pontos fundamentais do nosso estudo e do nosso trabalho e, à medida que consigamos êxitos concretos sobre uma base teórica, ou, vice-versa, se extraíam conclusões teóricas de caráter amplo sobre a base de nossa pesquisa concreta, teremos dado uma contribuição valiosa ao marxismo-leninismo, à causa da humanidade. (GUEVARA, 2004d, p.262-3)

Guevara faz uma dura crítica à tentativa de criar modelos herméticos a partir da teoria marxista. Com uma postura totalmente avessa a dogmas, afirma que não se pode nunca perder de vista, mesmo baseando-se em algumas verdades absolutas, as peculiaridades que conformam cada etapa histórica. A construção do socialismo nunca será igual em dois lugares – irá sempre responder às vicissitudes econômicas, históricas e sociais do local onde se propõe erigi-lo.

[...] existem condições peculiares, e os membros do Partido Unido da Revolução deverão ser criadores, deverão manipular a teoria e criar a prática de acordo com a teoria e com as condições próprias deste país em que vivemos e lutamos. [...] a tarefa de construção do socialismo em Cuba deve se realizar fugindo do mecanicismo como se foge da peste. (GUEVARA, 2004f, p.243)

⁴⁵ “[...] o marxismo é somente um guia para a ação. [...] utilizando o materialismo dialético como arma, interpreta-se a realidade em cada lugar do mundo.” (GUEVARA, 2004f, p.243)

De fato, nunca houve um molde – através de erros e acertos sucessivos foi se aprendendo a pavimentar o longo e errático caminho da construção da transformação social em Cuba. O caráter anti-dogmático do pensamento de Che e a sua aplicação pragmática (que responde às especificidades de Cuba e do momento, tentando não perder o essencial que há na teoria marxiana) fica claro nessa passagem: “A prática vai ensinando a cada momento o que é o mais justo, e em todo esse aparato não há nada que seja dogma – tudo, continuamente, dialeticamente, vai mudando com as circunstâncias.” (GUEVARA, 1982a, p.32)

Che afirmava que o mais importante na fase de transição socialista em um país pouco desenvolvido economicamente era sempre buscar uma harmonia entre a aplicação dos novos preceitos solidários, coletivistas e libertários trazidos pela Revolução e as necessidades objetivas e práticas de determinado momento. Assim sintetizou:

[...] quando o atraso é muito grande, a correta ação marxista deve ser amenizar o máximo possível o espírito da nova época, que tende para a supressão da exploração do homem pelo homem, com as situações concretas deste país; e assim fez Lênin na Rússia recém-liberada do czarismo... (GUEVARA, 1982d, p.262-3)

Mesmo não sendo explicitada esquematicamente, através de um tratado ou um ensaio específico, a teoria do homem novo de Che pode ser apreendida, em sua generalidade, a partir do que foi por ele escrito. Desde a sua definição de socialismo, já surge no seu pensamento a questão da consciência – que é sempre colocada como até mais importante que o desenvolvimento das forças produtivas. E justamente o homem novo é, antes de tudo e primordialmente, um ser consciente. E consciente e presente não apenas a partir do “estabelecimento” do modo de produção socialista, mas desde a transição rumo a esse sistema, desde a sua construção. O socialismo constrói o homem novo e, concomitantemente, é e foi construído (conscientemente) por ele.

Segundo Che Guevara, o desenvolvimento de uma nova consciência é mais importante que o desenvolvimento acelerado das forças produtivas para o estabelecimento do sistema socialista (em um primeiro momento principalmente) devido às novas características das sociedades do século XX. A tomada de consciência tende a acelerar a velocidade das transformações sociais e, haja vista todo o desenvolvimento tecnológico de nossa era, tal conscientização repercute de maneira muito mais produtiva no processo revolucionário. “O essencial, portanto, é chegar a esta consciência, usá-la como uma espécie de arma para extinguir a alienação e ir diretamente do socialismo ao comunismo.” (FERNANDES, 1979,

p.147) Trabalhadores conscientes criam e dedicam-se mais, e essa dedicação adicional significa, em época de técnica avançada, maiores níveis de produtividade e de produção. A conscientização faz mais pelo desenvolvimento socioeconômico a curto, médio e longo prazo que a dedicação exclusiva ao crescimento produtivo. Ademais, ao ampliar-se a consciência mediante estudo e formação ideológica, há uma probabilidade maior de se garantir a perenidade e as conquistas da revolução.

[...] o processo de desenvolvimento histórico das sociedades pode em determinadas condições ser abreviado [...] Mas esses processos de aceleração vão deixando muita gente pelo caminho. A velha sociedade pesa e seus conceitos pesam constantemente na consciência dos homens. É ali que o fator de aprofundamento da consciência socialista adquire tanta importância. (GUEVARA, 2004f, p.246)

Desse modo, em uma sociedade ainda não comunista, as atitudes comunistas (extemporâneas) aceleram a velocidade das transformações radicais perpetradas e estimuladas pelo movimento revolucionário. Aumenta-se a produção, desenvolve-se a técnica (a dedicação e o entusiasmo refletem-se materialmente) e amplia-se a consciência até patamares nunca antes alcançados. *Grosso modo*, Che objetivava proporcionar o desenvolvimento das forças produtivas através do desenvolvimento da consciência, e não o desenvolvimento desta última somente após e com o desenvolvimento das forças produtivas. Assim definiu Guevara (1982d, p.264): “As esperanças em nosso sistema estão dirigidas para o futuro, para o desenvolvimento mais acelerado da consciência e, através da consciência, das forças produtivas.”

Para tanto, esperava-se que, quando mais consciente, mais o trabalhador dedicar-se-ia ao trabalho, aumentando a produtividade e ajudando a inventar novas técnicas – atos que impulsionariam o desenvolvimento material e tecnológico da sociedade. Não obstante o fato de que da Revolução Socialista cubana deveria resultar homens e mulheres com um grau de conscientização muito mais avançado do que do período anterior, cabe aqui ressaltar que Che Guevara tinha plena ciência que esse processo de transformação profunda deveria redundar igualmente em um maior provimento de bens de consumo (produtos) à população – o que melhoraria objetiva e materialmente a qualidade de vida do povo de Cuba.

Com a libertação cada vez maior do homem em relação ao trabalho, restaria a ele mais tempo para fruir e evoluir espiritual, cultural e moralmente; além de o mesmo poder visualizar objetivamente o fruto de sua ação consciente e solidária. Somente estando supridos

materialmente (alimento, roupa, saúde), os seres humanos poderão buscar a plena e infinita evolução (dialética) da humanidade. O consumo, consciente e daquilo que é realmente necessário para uma vida confortável, tinha que alcançar níveis mais altos – sempre em busca da elevação do bem-estar a coletividade.

É indiscutível que a partir de agora, quando a Revolução obteve uma solidez integral na sua política econômica, os bens de consumo duráveis deverão ser incrementados para satisfazer de forma crescente as necessidades da vida moderna. Os planos que se elaboram para o futuro prevêem a elevação em termos absolutos e relativos destes artigos... (GUEVARA, 1982f, p.23)

Mesmo frente à constatação de que durante certo período da transição não se poderia abrir mão da aplicação de alguns tipos de estímulos materiais – mecanismo tipicamente capitalista – para provocar um aumento de produtividade dos trabalhadores, Guevara sempre fez questão de contrapor essa concepção com um investimento cada vez maior no desenvolvimento da consciência dos cubanos – fator que para ele, agiria como um catalisador na luta pela construção de uma sociedade socialista. “O que me parece fundamental, não sei se para outros, é o desenvolvimento da consciência. (...) o certo é que o desenvolvimento da consciência permitirá um acesso mais rápido à sociedade socialista.” (GUEVARA, 1982h, p.58)

Assim, quando se luta conscientemente por um ideal, a dedicação e a entrega variam na exata proporção do grau de consciência de cada um e quanto mais o homem estiver identificado com o seu trabalho (estando consciente e sabendo o seu significado) maior será seu devotamento a ele. Tal identificação constrói-se com formação político-ideológica e trabalho organizado. Compreendendo-se o processo em que se está inserido e percebendo a legitimidade daquele embate real e coletivo, o sujeito envolvido pode dispor até de sua vida para alcançar um objetivo, a seu ver, justo. Conforme afirmou Guevara (1982a, p.46): “Obtêm-se novas forças quando se tem a convicção que há um ideal e que existe uma justiça à frente, que levam o indivíduo, se necessário, enfrentar até a morte, e então se trabalha com entusiasmo redobrado.”

E para se transformar radicalmente um país é necessário que se empregue a técnica com convicção, paixão e entrega. Não pode ser nunca um trabalho mecânico, tem que haver profundidade; é preciso de algo a mais – este que só virá a partir da convicção advinda da conscientização. “A construção de um país é o produto do trabalho de todas as horas do dia e de uma paixão depositada nessa construção; por isso é preciso sentir o que está fazendo.”

(GUEVARA, 1982a, p.47) Cabe aqui reiterar que tão-somente é possível “sentir” o que se faz possuindo consciência e identificação com as tarefas propostas e executadas.

O homem novo de Che é antípoda e antagonista do ser humano presente na sociedade burguesa (o *homo economicus* da Economia Política Clássica) – tanto do trabalhador alienado quanto do capitalista individualista e egoísta. É a negação de ambos e afirmação de uma nova consciência e prática comunistas ainda em um momento de transição rumo a esse sistema. Segundo Che, não só a próxima geração – nascida já sob os auspícios socialistas, mas a sua própria geração e toda a população de Cuba, deveriam esforçar-se no sentido de compreender e incorporar o “novo” que é trazido e propiciado por aquele momento revolucionário. O modo burguês e alienado de enxergar a vida e vivê-la deveria ser substituído, mediante educação, auto-educação e trabalho, por uma perspectiva e uma prática humanista, solidária e gregária. Assim definiu: “[...] quase tudo o que pensávamos e sentíamos naquela época passada, deve arquivar-se e deve criar-se um novo tipo humano. E se cada um for o próprio arquiteto desse novo tipo humano, muito mais fácil será para todos criá-lo[...] que seja o expoente da nova Cuba.”⁴⁶

O individualismo, símbolo máximo do homem fracionado, era combatido o tempo todo por Che em suas proposições e manifestações. Desde quando chegaram ao poder, mesmo ainda que com um cariz político e pragmático, Che chamava à união todos os atores sociais progressistas que queriam acabar com aquela herança de miséria e exploração deixada por mais de 400 anos de espoliação imperialista espanhola e estadunidense em Cuba. A estimulação de um pensamento coletivista que inserisse cada indivíduo no grande todo representado pelo povo e o conscientizasse da interconexão que há entre todos os seres humanos era uma constante no discurso guevarista. Invocava a fraternidade e exorcizava o individualismo. “Todo o seu empenho se dirige para a participação consciente de todos numa obra gigantesca de libertação social.” (SADER, 2004, p.41)

A atividade de cada membro da sociedade deveria passar a ter uma nova conotação, deveria ser contextualizada como uma prática social – aquela que não objetiva benefícios individuais imediatos somente, mas antes (e principalmente) benefícios coletivos. Este membro sabe que através do desenvolvimento social ele será naturalmente beneficiado em sua individualidade. “O individualismo como tal, como ação única de uma pessoa em um meio

⁴⁶ GUEVARA, Ernesto Che. *El Medico Revolucionario*. 20 de agosto de 1960a. Extraído do sítio <http://www.archivo-chile.com> em 17/08/2008. Tradução nossa.

social, deve desaparecer em Cuba. O individualismo deve ser, no dia de amanhã, o aproveitamento de todo indivíduo em benefício absoluto de uma coletividade.”⁴⁷

Che colocava dois fatores como essenciais e determinantes diretos do sucesso da empresa revolucionária cubana, a saber, a ajuda dos países socialistas e a decisão do povo cubano de levar a cabo todo esse processo de transformação. A colaboração dos países socialistas seria de fundamental importância para que se tornasse exequível o desenvolvimento da economia e do parque industrial cubano nos idos de 1960, porque este que, antes da Revolução, praticamente inexistia. Sem nunca ignorar esse internacionalismo praticado pelas nações não subordinadas ao Império ianque – ao qual mais de uma vez fez referências e agradecimentos, Guevara sempre preferiu ressaltar o papel protagonista do povo e dos trabalhadores de Cuba na construção de sua nova nação. Dizia que todos deveriam sentir e construir Cuba com paixão e consciência. Esta última propiciando aquela. Sabia que o futuro da ilha seria determinado pelo grau de dedicação e conscientização das massas. A elevação da produtividade e da produção não conseguiria ser viabilizado se a constatação de sua necessidade não se prendesse na massa – o aumento da produção deveria ser compreendido no seu valor estratégico. A expansão da consciência e a mudança subsequente da postura de cada um eram essenciais para tanto.

A construção do socialismo está baseada no trabalho das massas, na capacidade das massas de poder organizar e dirigir melhor a indústria, a agricultura, toda a economia do país; na capacidade das massas superarem dia a dia seus conhecimentos; [...] na capacidade das massas criarem mais produtos para toda nossa população; na capacidade das massas de ver o futuro, saber vê-lo próximo como está nesse momento – próximo na dimensão da história, não da vida de um homem –, e empreender com todo o entusiasmo o caminho em direção a esse futuro.⁴⁸

O homem novo constrói e é fruto da nova sociedade. Nesta, o trabalho ganha um outro significado, principalmente à medida que os meios de produção são de posse coletiva e, conseqüentemente, a apropriação dos seus produtos realiza-se socialmente e não mais privada e individualmente. Conforme Guevara (1982a, p.53): “[...] devemos saber que o socialismo se

⁴⁷ *Ibidem.*

⁴⁸ GUEVARA, Ernesto Che. *Hoy*. No. 206, Ano XXIV, 22 de agosto de 1962, p.5. *Apud* PÉREZ-GALDÓS, V. *Un hombre que actua como piensa*. La Habana: Editora Política, 1988. p.118. Tradução nossa.

caracteriza pela posse por parte do povo dos meios de produção, colocados a serviço do povo.”

Che acreditava que o homem novo era aquele homem que enxergava o seu trabalho já com essa nova perspectiva (adquirida a partir da realidade material e objetiva) e que o executava também de uma nova maneira (com mais dedicação e empenho haja vista o significado revelado do mesmo para o trabalhador).

É certo que o fato de a produção não se destinar mais ao lucro privado dava já ao trabalho um significado social diferente daquele que tem nas sociedades capitalistas. E os trabalhadores que viam seu trabalho servir para uma distribuição mais igualitária, podiam dar-se conta desse fato. (SADER, 2004, p.40-1)

Por isso, o homem novo propugnado por Che sabia que a transição era um momento de sacrifício coletivo onde não se poderia apenas buscar a locupletação individual através de benefícios materiais. “Trata-se precisamente do indivíduo se sentir mais pleno, com muito mais riqueza interior e com muito mais responsabilidade.” (GUEVARA, 2004d, p.265). Esta nova condição seria o principal encorajador das suas ações solidárias e conscientes – sentir-se-ia como sujeito da história, percebendo a importância factual de suas novas atitudes para que se consiga avançar na construção de um país justo e desenvolvido.

O trabalhador é educado, informado e tende a compreender com mais profundidade a importância de sua tarefa e de sua contribuição individual para o todo social. Ter ciência do significado de sua função na comunidade é um fator estimulante para o novo homem cubano em construção. E o que o estimula é então, antes de tudo, uma nova moral – esta advinda de uma nova consciência que brotou de um novo contexto objetivo social-revolucionário. Desse modo, o trabalho em Cuba, segundo cria Che na época, estava adquirindo de fato uma nova significação – estava passando (era uma longa e duríssima transição) de uma necessidade, de uma atividade penosa e alienada, para uma atividade que se praticava por vontade própria, pelo desejo consciente de fazer do país onde se vive um lugar melhor para todos.

No modo de produção regido pelo capital, o operário vende a sua força de trabalho por necessidade, para não morrer de fome. A sua atividade não é voluntária e livre – ele é obrigado a executá-la sob pena de não conseguir sobreviver. Além disso, o fruto do seu trabalho lhe é alienado (retirado) e ele não participa da concepção do mesmo, é simplesmente a peça de um maquinário e naquela atividade encontra-se somente o seu corpo e não o seu

espírito potencialmente criativo. Nega-se em um trabalho sem alma e sem consciência alguma (não sabe como foi concebido, não decidiu por fazê-lo e não sabe qual é o significado dele para essa sociedade onde tudo é feito à sua revelia e ao bel-prazer dos donos do capital) que oferece no mercado, como já afirmado, tão-somente para que se satisfaçam as suas necessidades fisiológicas mais primitivas. O reconhecimento de si mesmo através de qualquer obra justaposta na realidade objetiva torna-se, nesse contexto, impraticável.

Pelo fato do homem, no capitalismo, não determinar o que, como e porque algo deve ser produzido – e assim não ser sujeito da história que se constrói à sua frente e sem a sua participação consciente, ele acaba por adquirir a característica de uma simples engrenagem que produz energia para a grande máquina capital continuar seu funcionamento e acumulação. A única variável que rege tal sistema é a lei do valor – e tudo estará subsumido a sua lógica e corolários, inclusive a possibilidade ou não do trabalhador sobreviver.

Nessa sociedade, o homem é dirigido por uma ordem fria que habitualmente escapa ao domínio de sua compreensão. O indivíduo alienado tem um cordão umbilical invisível que o liga à sociedade no seu conjunto: a lei do valor. Ela atua em todos os aspectos de sua vida, modela seu caminho e seu destino. (GUEVARA, 2004d, p.251)

Che queria que o trabalho deixasse de ser uma mercadoria já na nova sociedade em construção e preocupava-se profundamente em propiciar um “renascimento” em sua conotação – acompanhando, harmônica e logicamente – a ascensão do homem novo. Tal objetivo passava pela questão em que o trabalho se transformasse de obrigação penosa (ao praticá-lo o operário não se reconhece em sua obra e é impelido, sob risco de morte, a executá-la) para uma atividade livre e voluntária a que o trabalhador se dispõe por saber o seu significado e relevância para o meio social do qual ele, conscientemente, faz parte.

Isto posto, o trabalho, por ser livre, tornar-se-ia uma emanção do verdadeiro espírito criador humano, não mais tolhido pela alienação do produto em si e pela alienação da concepção da atividade. O indivíduo se reconheceria (se objetivaria, se materializaria) na sua atividade e no produto dela, passando a viver em um mundo totalmente concebido e identificado por ele. Finalmente, intuir-se-ia numa realidade criada por ele – lá estaria o resultado de sua alma criativa e de seus braços executores. “Uma característica essencial do trabalho liberado é o fato de que ele deixa de ser um meio para assegurar a mera sobrevivência, para tornar-se a própria expressão da vivência, a contribuição pessoal pela qual o indivíduo se exprime e se reconhece enquanto tal.” (SADER, 2004, p.40)

Para a consecução da emancipação do trabalho e conseqüente advento do homem novo, os meios de produção deveriam, obviamente, ser de propriedade social. A máquina passaria a se sujeitar aos ditames dos homens – o trabalhador não seria mais submisso ao ritmo de seus processos tendo que a ele adaptar-se como mais uma simples peça de engrenagem. Ela deveria ser, primordialmente, o instrumento através do qual os seres humanos poderiam materializar algo concebido por eles, algo que tenha emanado de seu espírito criador – reflexo material externo de seu interior. Como a decisão de fazê-lo e a concepção do produto partiram do próprio homem, o novo trabalhador exerce a sua atividade livremente, não a pratica “simplesmente” para poder sobreviver. Ele optou, conscientemente, por assim fazer, como um dever social e não mais um sacrifício.

O homem começa a libertar seu pensamento da obrigação penosa que tinha de satisfazer suas necessidades animais através do trabalho. Ele começa a se ver retratado em sua obra e a compreender sua magnitude humana através do objeto criado, do trabalho realizado. [...] significa uma emanção de si mesmo, uma contribuição à vida comum, em que se reflete; o cumprimento do seu dever social. (GUEVARA, 2004d, p.258)

Nesse auge do processo emancipatório o homem atinge a sua “plena condição humana”, pois age usando o raciocínio e a consciência (prerrogativas exclusivamente humanas) para decidir-se sobre algo, ao invés de portar-se bestial e animallescamente tentando satisfazer as suas necessidades fisiológicas a todo custo. Nesse ponto, os seres humanos já praticam o verdadeiro trabalho voluntário, “embasado na concepção marxista de que o homem realmente alcança a sua plena condição humana quando produz sem a compulsão da necessidade física de se vender como mercadoria.” (GUEVARA, 2004d, p.258)

Che sabia que em Cuba os trabalhadores ainda não haviam alcançado tal estágio de emancipação. Havia coerção até nos programas de trabalho voluntário idealizados por ele, haja vista que muitos cubanos só se dedicavam a tal iniciativa apenas por existir uma coação (em forma de pressão) do meio, e não por ter já introjetado os novos valores e as necessidades urgentes da Revolução. O objetivo de Che era que o homem agisse livremente, decidindo tudo mediante reflexão e ponderação de idéias – não sendo jamais impelido tão-somente por um tipo de pressão moral ou física (fome, p.ex.) externa. Sobre o trabalhador da Cuba pós-revolução, Che afirmou: “Ainda lhe falta conseguir a plena recriação espiritual diante de sua obra, sem a pressão direta do meio social, mas ligado a ele pelos novos hábitos. Isto será o comunismo.” (GUEVARA, 2004d, p.259)

Guevara chega a apontar na condição do operário cubano algumas semelhanças com a condição geral do proletariado pertencente ao sistema capitalista. Sabia, igualmente, que tinham que investir na transformação do modo em que se executavam as atividades produtivas – havia de se romper com o isolamento e a frieza, estimulando um maior vínculo e comunicação entre os trabalhadores.

Todos se sentem isolados, sentem que todas essas horas de trabalho não são parte de sua vida. Temos que terminar com essa maneira de trabalhar juntos. [...] Construimos um sistema socialista feito por gente honesta, por gente sacrificada, e essa gente ainda não consegue entrar em comunicação. (GUEVARA, 1982h, p.66)

No socialismo de Che, proposto naquela fase incipiente de desenvolvimento econômico cubano, também se trabalhava para se sustentar minimamente – porém esse já não deveria ser o propulsor fundamental da atividade consciente. O sentido do dever sim, juntamente à identificação e à responsabilidade com todos que dividem aquela realidade. Deveria trabalhar-se pelo alcance do bem-estar coletivo e, mediante este, cada indivíduo alcançaria o seu naturalmente. Havia que se buscar os “progressos da consciência dos indivíduos, que dessa forma são movidos no sentido das relações socialistas, do trabalho para a coletividade.” (SADER, 2004, p.48-9)

Che buscava contribuir com as suas idéias e com a sua prática para que Cuba alcançasse o estágio mais avançado de produção social e de consciência humana, qual seja, o comunismo. Nesse sistema, o trabalho seria final e completamente livre e quem o executasse e o elaborasse o faria tendo plena noção de seu significado e importância para a sociedade. Ademais, o fruto do trabalho não seria mais alienado do trabalhador (nem em seu sentido e concepção, nem fisicamente), pertencendo-lhe à medida que pertence a toda a humanidade da qual ele faz parte. O homem emancipado e livre praticaria uma atividade produtiva não mais porque é impelido pela fome e necessidade, mas simplesmente porque tem consciência de que sem produção não há vida. Segundo Eder Sader, Che baseia-se nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*, de Karl Marx, para defender a sua concepção de transição socialista fundamentada na centralidade do homem consciente como motor e resultado do processo.

Na polêmica que então se trava sobre os modelos de transição socialista, ele vai procurar apoiar-se num estudo aprofundado dos textos de Marx sobre o comunismo. Retomando os “Manuscritos econômico-filosóficos”, ele se funda na concepção marxista do comunismo [...] como processo real de

apropriação de sua [do homem] essência e, portanto, como fenômeno consciente. [...] Retornando assim à concepção original de Marx, ele afirma que o comunismo não pode ser o resultado 'objetivo' do desenvolvimento econômico sob um Estado 'socialista', mas somente o processo pelo qual a humanidade se apropria de seu ser social. (SADER, 2004, p.34-5)

O homem novo, de acordo com a concepção guevarista, deveria estar presente desde a construção/transição rumo ao comunismo, porém e obrigatoriamente – dada à conjuntura momentânea –, ainda em um estágio menos avançado de consciência e participação política. O homem novo seria o ser social comunista (ápice do desenvolvimento da consciência humana) ainda na sociedade em transformação. Está no caminho da desalienação completa e a alcançará a partir do momento em que sua participação consciente na sociedade se estender para além da produção direta, chegando à área planejadora. Guevara sabia que a libertação completa dos seres humanos não seria factível já naquela sociedade de transição. O homem novo de Che, e da transição socialista, é o ser social do comunismo de amanhã – aquele ser consciente que acabou de se construir e que finalizou o processo de transição rumo à sociedade comunista.

Além das forças produtivas e da consciência, outra variável é fundamental para se definir o quanto uma sociedade já avançou em direção ao comunismo, a saber, o grau de controle dos trabalhadores sobre o conjunto da produção e da vida social. Afinal, o objetivo principal e derradeiro da verdadeira Revolução comunista é que todos tenham controle sobre a sua própria vida, agindo sempre coletivamente e sendo sujeitos conscientes da história. “Por isso o aspecto determinante será o avanço na participação coletiva, decisória e consciente a partir desses novos valores.” (SADER, 2004, p.39)

Sem consciência e sem participação popular efetiva na tomada de decisões não há como erigir ou manter-se uma sociedade socialista. Sociedade essa que é genuinamente democrática porque se configura e se organiza de acordo com as aspirações do povo. A democracia verdadeira, na acepção mais exata da palavra⁴⁹, com participação direta, contínua e consciente de todos, é um sistema de organização sócio-político somente exequível a partir de uma sociabilidade comunista.

[...] sem essa consciência clara dos direitos e deveres do povo na nova etapa, não se poderá entrar realmente e trabalhar realmente em uma sociedade

⁴⁹ Do grego *démokratía*, de *dêmos* 'povo' + *kratía* 'força, poder'. 1. governo do povo; governo em que o povo exerce a soberania. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0.5a. Novembro de 2002.

socialista, como nós aspiramos, uma sociedade socialista que seja absolutamente democrática, democrática por definição, porque se baseia nas necessidades do povo, em suas aspirações, e onde o povo tenha participação efetiva em todos os pontos de decisão. (GUEVARA, 1982a, p.54)

O homem livre e desalienado de Marx dos *Manuscritos de 1844* – o próprio ser social do comunismo – tem o controle total da vida social e da produção coletiva, participando plenamente desde a etapa da decisão do que deve ser feito até a sua elaboração (concepção) e execução. Nada mais se impõe ou é imposto a esse ser humano comunista. Como é o “único” (em sua *generidade* humana) sujeito histórico, nenhuma instituição existe acima dele. Age de acordo com a coletividade da qual faz parte e atende sempre, dessa forma, aos anseios de sua individualidade e da humanidade.

Um dos objetivos principais e finais de uma verdadeira revolução comunista é acabar com qualquer tipo de discriminação (étnica, de gênero etc.) e de diferenciação (proprietário/não-proprietário; capitalista/trabalhador; trabalho manual/trabalho intelectual; pobre/rico) entre os seres humanos. A partir dela, os indivíduos poderiam reencontrar-se e identificar-se com o seu ser gregário universal, tendo plena noção e clareza do seu pertencimento a um grande coletivo de iguais – onde qualquer tipo de fração ou divisão tenderia a se extinguir, com o mundo passando a ser apreendido cada vez mais em sua plenitude e totalidade. Toda a sorte de diferenciações (tanto na produção como na organização social) seria abolida. Todos seriam efetivamente iguais e conseguiriam se enxergar assim, despertando, naturalmente, o espírito de solidariedade universal.

Desse modo, a igualdade de oportunidades e a igualdade econômica são os propósitos básicos do comunismo. A maior perspectiva da visão humana proporcionada por tal sistema, possibilitaria aos homens estabelecer relações de quaisquer eventos entre si – compreendendo completamente o significado particular e geral de tudo que diz respeito à vida. Não havendo mais diferenciações do tipo camponês/operário, campo/cidade etc., adviriam apenas os homens e mulheres no planeta Terra participando consciente e ativamente de tudo o que concerne à produção e à sociedade. Todos seriam trabalhadores, proprietários, engenheiros, operários, administradores concomitantemente. Segundo Che, há um longo caminho a percorrer “até [essa] sociedade perfeita que será a sociedade sem classes, a sociedade na qual desapareçam todas as diferenças...” (GUEVARA, 2004f, p.238)

Para se alcançar tal ponto evolutivo, os trabalhadores devem ser plenamente conscientes e senhores do seu trabalho. Enquanto não estiverem executando uma tarefa

concebida e planejada por eles mesmos, não é completa e torna-se difícil a identificação no e através do trabalho. Isso pressupõe a extinção da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual: todos os trabalhadores devem decidir coletivamente o que e como produzir (participando da organização e planejamento), assim como todos também, consciente e voluntariamente, devem participar da execução (da atividade prática em si) do que foi por eles elaborado e pensado. “O homem deixa de ser escravo e instrumento do meio para converter-se em arquiteto de seu próprio destino.” (GUEVARA, 2004b, p.116). Ademais, teria que haver uma abolição de órgãos somente diretivos, fazendo com que os trabalhadores participassem tanto da direção quanto do chão de fábrica, tendo noção completa do significado e abrangência de sua atividade para a sociedade desde a sua origem.

Che chega a tecer algumas críticas aos dirigentes, membros do partido ou sindicatos, que orientam e determinam o que as massas devem fazer mas não chegam a trabalhar em nenhum dia da semana (nem aos dedicados ao trabalho voluntário – geralmente os domingos) no campo ou nas fábricas. Também alvo de críticas de Che foi a postura adotada por alguns técnicos permanecidos em Cuba após a Revolução de 1959 que, apenas por terem um trabalho que exigia uma maior qualificação, faziam questão de diferenciar-se de toda massa trabalhadora cubana. Guevara ressaltou, diante desse diagnóstico, que era imprescindível a criação e o advento do técnico novo, proveniente das classes operárias e camponesas e completamente identificado com elas, “que se sentirá completamente unido ao povo, que não experimentará o menor sentimento de inferioridade ou de superioridade diante de ninguém.” (GUEVARA, 1982a, p.48)

Até mesmo do ponto de vista funcional, Guevara já alertava que era contraproducente o modo fracionado em que estava organizada a produção no capitalismo (e ainda na transição socialista em Cuba) através da divisão social e parcelar do trabalho. Chegou a comentar a necessidade prática – respondendo aos problemas imediatos e objetivos da Revolução – de se diminuir o hiato que existia entre o trabalho conceitual e o trabalho manual. Segundo Che, o projetista (geralmente engenheiro ou técnico qualificado) tinha que estar “mais vinculado à execução, abolindo a absurda separação entre o intelectual que faz o projeto e depois não se preocupa mais e quem o executa é quem tem que resolver sozinho os problemas que surgem no transcurso da execução do projeto (...)” (GUEVARA, 1982h, p.62)

Che, a partir dessa postura, já demonstra que possuía a noção de que deveria extinguir-se, em uma sociedade mais desenvolvida, a diferença entre os trabalhadores manuais e os

trabalhadores intelectuais. Pensava que todos deveriam estar envolvidos no processo geral de desenvolvimento da sociedade – desde a elaboração de planos até a execução dos mesmos. Tratava-se de um mecanismo fundamental para se garantir que o trabalho de um indivíduo não se tornasse alienado para ele.

Desse modo, a libertação verdadeira só se consolidará plenamente quando os trabalhadores estiverem produzindo o que foi estipulado e criado por eles mesmos. Não podem estar submetidos nem a capitalistas (donos das empresas) nem a nenhuma burocracia estatal socialista. A democracia operária comandaria, controlaria e participaria de todo o processo de produção, desde a concepção (“trabalho intelectual”) até a execução (“trabalho manual”) e acabaria, na realidade objetiva, com essa dualidade. Eder Sader assevera: “[...] se queremos ir à raiz, aquela transformação de que falava Marx (e que Guevara cita) pela qual o trabalho aparece como verdadeira expressão social humana, só se dá na medida em que os trabalhadores dirijam efetivamente esse processo.” (2004, p.41)

Assim, o homem novo de Che é ainda o ser social da civilização capitalista (em convulsão revolucionária, na trilha da transição socialista). No entanto, já consciente nesta fase (supõe-se) e muito embora não deixe de receber instruções e orientação da vanguarda em relação ao que deve fazer enquanto ator social e força de trabalho fundamental. É claro que o sentido da produção determinada por um capitalista é completamente diferente do sentido de algo que é estipulado por um governo revolucionário a cidadãos que, através da auto-educação e da propaganda, sabem exatamente o significado daquilo a que se dedicam – mesmo que tal atividade não tenha sido nem concebida nem decidida por eles. Mais: o resultado dela não será apropriado privadamente, mas sim coletivamente.

Che Guevara, ao teorizar a construção do socialismo sob os determinantes de um Estado revolucionário muito presente, estava respondendo às vicissitudes daquele específico contexto histórico da ilha caribenha. A população não teria formação técnica e político-ideológica suficientes para construir o novo sistema de acordo com a sua própria concepção apenas – fazia-se imprescindível a presença de uma vanguarda (situada no governo e no partido) para dar os primeiros passos do processo rumo à conquista da emancipação dos trabalhadores cubanos. Segundo Eder Sader (2004), Che não estimulava a criação de organizações políticas e econômicas de massa auto-geridas porque temia que as mesmas redundassem em extrema burocratização de todo o sistema – o que poderia levar a

configuração de um esquema estatal e de representação muito próximo ao modelo soviético, rechaçado em vários aspectos por Guevara.

Apesar de não controlar objetivamente toda a produção e vida social, o homem novo de Che se encontra em um estágio mais avançado do que o homem alienado e bestializado da civilização capitalista, uma vez que já nutre um espírito coletivo e solidário em relação aos demais membros da sociedade, além de saber qual é o sentido de sua produção e a forma que a mesma será apropriada. Che já alertava, desde os primórdios da Revolução, a respeito da importância de se estimular a consciência gregária e o pensamento coletivista em todos os cubanos. Tinham que se sentir, de fato, parte de um grande ser gregário. Conforme afirmou Guevara (1982i, p. 200): “É importante assinalar que se vá criando no operário a idéia geral de cooperação entre todos, a idéia de pertencer a um grande conjunto que é a população do país; impulsiona-se a consciência do dever social.”

Não obstante o fato da alienação não ser somente nem fundamentalmente uma categoria ideológica, mas sim derivada da relação que caracteriza a produção social, o trabalho pode deixar de ser adjetivado, nesse contexto e em certa medida, como totalmente alienado – pois já há um significado claro no mesmo e porque o seu fruto não é mais tomado por um poder estranho. O resultado de sua atividade consciente não lhe é retirado e continua ao trabalhador pertencendo à medida que o seu trabalho é exercido com o objetivo de aquisição social e coletiva. Por pertencer à sociedade, tudo o que for produzido para consumo social (e coletivo), inclusive o seu próprio produto, lhe pertence.

Com a retomada da consciência coletivista e findo o estranhamento – a partir da extinção das classes sociais e da propriedade privada individual (não da estatal ainda) – o homem poderia voltar a identificar-se como um ser gregário membro da grande comunidade humana. A solidariedade seria, ainda na transição, estabelecida e praticada como o mais nobre valor, propiciando a universalização da empatia e do sentimento unitário entre todo o povo. Portanto, segundo Che, os habitantes de Cuba poderiam desenvolver, já nessa fase primeira da Revolução, “um grande senso do dever para com a sociedade que estamos construindo, com nossos semelhantes enquanto seres humanos e com todos os homens do mundo.” (GUEVARA, 2004c, p.276)

Os homens novos ainda não participam (de maneira determinante e definidora) da decisão do que deve ser produzido, além de permanecer a divisão entre a atividade de cunho exclusivamente manual e a de cunho exclusivamente intelectual/administrativo, o que faz com

que os trabalhadores não tomem parte na elaboração de algo – a maioria fica restrita à parte prática dos projetos elaborados pelos dirigentes revolucionários e técnicos qualificados. Este fato proporciona a não identificação integral (e, conseqüentemente, a não realização) do trabalhador com a sua atividade – distante por não ser uma invenção de seu gênio. Conforme sentenciou Che (2004c, p.273): “[...] ainda não demos ao trabalho seu verdadeiro sentido. Não fomos capazes de unir o trabalho com o objeto do seu trabalho.”

Che chega a apontar em 1964 a Revolução Cubana como a primeira experiência de verdadeira construção socialista de sociedade e pondera que, mesmo assim – e não obstante ter o homem como centro objetivo de todo processo revolucionário, ela não conseguiu acabar com a tendência do modo de produção anterior de transformar o operário em máquina ou em um simples apêndice dela. De acordo com Guevara (1982h, p.66):

[...] construímos, pela primeira vez no mundo – creio que se pode dizer sem petulância – um sistema marxista, socialista, coerente ou quase coerente, em cujo centro colocamos o homem, em que se fala do indivíduo, da pessoa, e da importância que tem como fator essencial da Revolução. E, em compensação, não somos capazes de conseguir que esse homem dê tudo o que pode dar; tendemos a torná-lo máquina.

Guevara insiste ainda que, a despeito dos avanços econômicos e sociais trazidos pela Revolução, o novo sistema precisa ser mais humanizado – e isso passa, obrigatoriamente, segundo Che, pela questão da consciência. Quando se é consciente, se coloca algo mais do que a simples força de trabalho sobre a tarefa, acrescenta-se o fator humanidade e todas as características que a compõem (criatividade, inventividade, paixão, sentimento, razão, bom-senso etc.). O trabalho consciente é o trabalho humanizado, não mais mecanizado (aquele sem o espírito do trabalhador). Conforme definiu Che (1982h, p.67): “Temos disciplina, temos quadros conscientes, temos um trabalho em geral sério, em geral maduro, porém, eu diria, um pouco desumanizado. Temos que proporcionar-lhe este conteúdo humano para que seja completo, então realizaremos um salto de proporções imprevisíveis.”

Destarte, o homem novo é um homem ainda em construção/transformação, cada vez mais consciente e em franco processo de emancipação. Dedicar-se ao que é determinado pela vanguarda de um modo consciente, sabendo da importância e do valor para a sociedade da sua tarefa. Se os fatos desencadearem-se como o esperado na transição capitalismo-comunismo – mediante muito trabalho baseado em uma teorização comunista conseqüente e radical –, o

homem novo, que se modifica ao mesmo tempo em que altera a sociedade, tornar-se-á o ser social totalmente desalienado, emancipado e, portanto, livre.

Mesmo após o seu advento, o homem novo não pode parar de se desenvolver – deve acompanhar a construção e evolução do projeto socialista. O seu grau de conscientização (que sempre redundava em uma prática correspondente a essa consciência) ainda não chegou ao ápice, crescerá na sua atividade solidária e mediante sua educação cotidiana.

Neste período de construção do socialismo, podemos ver o homem novo que está nascendo. Sua imagem ainda não está acabada, nem poderia, já que o processo anda paralelo ao desenvolvimento de formas econômicas novas. (...) os homens adquirem cada dia maior consciência da necessidade de sua incorporação à sociedade e, ao mesmo tempo, de sua importância como motores da mesma.” (GUEVARA, 2004d, p.255)

Na transição socialista ainda permanecem resquícios da sociedade recém derrubada pelo povo, tanto no aspecto ideal quanto na produção material (ambos se determinando dialeticamente). Por isso, e assim preconizava Che, ao mesmo tempo em que se constrói a nova sociabilidade deve-se acabar de destruir a anterior.

A nova sociedade em formação deve competir duramente com o passado. Isso se faz sentir não apenas na consciência individual, na qual pesam os resíduos de uma educação sistematicamente orientada para o isolamento do indivíduo, mas também pelo próprio caráter desse período de transição, quando permanecem as relações mercantis. (GUEVARA, 2004d, p.252)

O interesse moral, a disposição em trabalhar e se dedicar a algo baseado na ética e no seu significado, deve ser a principal alavanca da transformação social. E o homem novo é aquele que, compreendida e adquirida a nova moral não-mercantil, a coloca em prática em todas as suas atitudes individuais – preocupa-se efetivamente em materializá-la no solo real das relações sociais. Esse novo tipo de ser humano é criado mediante aquisição de uma consciência que advém basicamente de duas fontes: a objetiva e material do novo trabalho e da nova prática e a que é propiciada pelo estudo e pela cultura “[...] pela incorporação de novos hábitos nos comportamentos cotidianos, os indivíduos sofrerão o impacto da nova sociedade e serão compelidos à autotransformação.” (SADER, 2004, p.36)

Che afirmava que a experiência guerrilheira revolucionária em Sierra Maestra já havia sido transformadora para todos os que estavam envolvidos nas atividades do Exército Rebelde. Ali, conforme afirmou Guevara, aconteceu “uma revolução que se [processou] em

nossos hábitos e nossas mentes...” (2004 d, p.248). Tal contexto beligerante propiciava um cenário onde se podia observar, entre os combatentes comandados por Fidel Castro, uma mudança de pensamento e de atitude que rumavam em direção ao que seria teorizado posteriormente por Che Guevara.

Por agir de forma consciente, todos sabiam da importância da sua ação individual para o sucesso daquela empresa coletiva. O voluntarismo, que motivava cada um dos soldados a desempenhar tarefas importantes e perigosas, era uma característica do homem novo que se apresentava nessa fase embrionária da Revolução de 1959. Che tentaria num futuro próximo descobrir uma forma de disseminar essas atitudes de vanguarda dos guerrilheiros, que expressavam uma nova moral, a todo o povo cubano. “Uma das nossas tarefas fundamentais do ponto de vista ideológico é a de encontrar a fórmula para perpetuar essa atitude heróica na vida cotidiana.” (GUEVARA, 2004d., 249)

Este homem rebelde e consciente, que arriscava a vida sem pedir nada em troca a não ser a libertação de seu povo e o bem-estar coletivo, deu as primeiras pistas à Guevara referentes ao tipo ideal de ser humano que resultaria (e já participaria da construção) da nova Cuba, segundo sua concepção revolucionária e desejo. Assim afirmou Guevara (2004d, p.248-9): “Essa foi a primeira época heróica, na qual se disputava para conseguir um cargo de maior responsabilidade, em que o perigo era maior sem outra satisfação que a do dever cumprido.[...] Na atitude dos nossos combatentes, visualizava-se o homem do futuro”

Uma vez vitoriosa a Revolução, Che queria encontrar uma forma de manter durante todo o tempo o espírito patriótico e de sacrifício que ficou notório entre a população tanto durante a escalada revolucionária da guerrilha rumo ao poder quanto durante os momentos de tensão desencadeados por um iminente ataque ianque ainda nos primeiros anos de governo popular. Sob a ameaça real e próxima de invasão dos Estados Unidos, o povo mobilizou-se e se preparou de maneira exemplar para um conflito militar que poderia trazer profundas mazelas sociais e econômicas aos cubanos. De acordo com Che (2004a, p.233), o balanço desses períodos foi muito positivo “no que diz respeito à mobilização ideológica e ao aprofundamento da consciência das massas.”

Assim como gostaria de espriar a consciência encontrada nos guerrilheiros de *Sierra Maestra* entre o povo, Che igualmente objetivava tornar uma constante – através da educação, formação ideológica e exemplo da vanguarda – o comportamento solidário e de entrega à grande causa da soberania nacional que tiveram os trabalhadores e trabalhadoras de Cuba na

época em que a ilha caribenha chocou-se frontalmente com o Império estadunidense. Dizia que a “trincheira” da produção era tão importante quanto a trincheira patriótico-militar contra o imperialismo. “[...] nosso trabalho de combatentes da produção, é fazer que a consciência se desenvolva cada dia mais nesta via pela qual caminhamos...” (GUEVARA, 1982j, p.77).

Ainda:

O motor ideológico foi conseguido dessa maneira pelo estímulo da agressão estrangeira. [...] [Portanto], devemos conscientizar nossos trabalhadores, operários, camponeses ou empregados, que o perigo da agressão imperialista continua pairando sobre nossas cabeças, que não há uma situação de paz e que nosso dever é continuar fortalecendo a revolução dia a dia [...]. Que o grande exemplo mobilizador da agressão imperialista se converta em permanente, esta é a tarefa ideológica. (GUEVARA, 2004c, p.232-3)

Cabe aqui ressaltar que Che Guevara também sublinhava, no contínuo processo de conscientização que comandava, a importância da dedicação ao trabalho. Dizia frequentemente que quanto mais os cubanos se dedicassem ao estudo e ao trabalho comunista mais desenvolvimento econômico e bem-estar seriam propiciados a todos. Deveriam ocorrer fortes e perenes mobilizações tanto para defender o país militarmente quanto para desenvolver a sua economia (que, por sua vez, serve igualmente de “escudo” à nação e à Revolução haja vista a possibilidade desse crescimento econômico tornar o país independente materialmente), aumentando assim o nível de consumo de produtos e o de bem-estar material das massas.

Tais experiências, somada a posteriores estudos e observações, contribuíram para que se gravasse em Che a idéia da importância mais que essencial da participação da juventude no processo revolucionário, pois trata-se da “matéria maleável com a qual se pode construir o homem novo sem nenhuma das falhas anteriores. [...] Sua educação é cada vez mais completa e não esquecemos sua integração com o trabalho desde os primeiros momentos.” (GUEVARA, 2004d, p.263-4). Esta integração se assenta na concepção segundo a qual tudo o que era apreendido pela consciência, através da educação direta e indireta, tinha que ser colocado em prática e materializado no trabalho – de onde, por sua vez, se extrairia, igualmente, novos conhecimentos para agregar à inteligência individual em contínuo desenvolvimento ideológico-empírico.

Portanto, graças a essa capacidade e qualidades intrínsecas, a camada mais jovem da sociedade cubana deveria tomar a frente do processo de transformação radical que lá se descortinava – estava em suas mãos a perenidade e o futuro da revolução. “O alicerce

fundamental da nossa obra é a juventude: depositamos nossa esperança nela e a preparamos para tomar a bandeira das nossas mãos.” (GUEVARA, 2004d, p.268)

Ao falar sobre as principais qualidades que deve ter um membro do Partido, Che parece fazer referência e definir, ainda que não o diga explicitamente, o próprio homem novo da transição socialista em Cuba. Segundo Guevara, os trabalhadores eleitos para fazer parte do Partido teriam que ser aqueles que possuíam uma consciência mais avançada que os demais – passando, assim, a servir de exemplo para todos os outros operários e estimulando o espraiamento da conduta e do pensamento socialista entre toda a comunidade. “Vocês conhecem o espírito de sacrifício, de camaradagem, de amor pela pátria, o espírito de ser vanguarda em cada momento de luta, o espírito de condutor através do exemplo, de condutor modesto, de condutor sem alaridos que deve ter um membro do partido.” (GUEVARA, 2004f, p.240)

A vanguarda operária revolucionária seria composta por trabalhadores que já tivessem introjetado os novos valores comunistas e solidários da sociedade em construção. Portanto, o que para muitos poderia soar como sacrifício exagerado, para os trabalhadores conscientes – adeptos lúcidos e voluntários do processo de transformação ora em voga, seria mais um dever social que é cumprido por pessoas que sabem o que estão fazendo e que reconhecem a relevância da sua atitude vanguardista dentro de um contexto de transformação social radical.

E tais esforços não ganham a conotação de sacrifício justamente por serem praticados consciente e voluntariamente, sabendo-se a importância de determinada atividade ou atitude para a garantia da vitória e do desenvolvimento da Revolução. Sem nenhum tipo de coerção externa, o indivíduo, através da educação e do exemplo, internaliza os novos valores e passa a praticá-lo na complexa e difícil realidade da transição socialista. Destarte, o homem novo tem dentro de si (e os põem em prática) esses novos valores solidários e esse renovado espírito de sacrifício. Ao mudar os seus valores e avançar o grau de conscientização, altera-se, subsequente e conseqüentemente, a atitude (prática) frente à vida. Conforme definiu Guevara (2004f, p.240-1):

[...] o membro do partido novo deve ser um homem que sinta intimamente em todo o seu ser as novas verdades, que a sinta com naturalidade, que aquilo que seja sacrifício para o comum das pessoas seja para ele simplesmente a ação cotidiana, o que ele deve fazer e o que é natural fazer. Ou seja, muda-se totalmente a atitude frente a determinadas obrigações do homem na sua vida cotidiana e frente a determinadas obrigações de um

revolucionário num processo de desenvolvimento como o nosso, face a um cerco imperialista.

Ao continuar a descrição dos deveres de um comunista (aquele que pretende integrar-se ao partido e à vanguarda), Che parece aprofundar e especificar de forma mais exata e precisa o perfil e o rol de qualidades que devem pertencer aos homens novos responsáveis pela construção da sociedade socialista em Cuba. Exemplo, doação integral à causa da Revolução, iniciativa, muito trabalho e estudo estão entre as suas principais características. As obrigações morais e éticas de um comunista (ou, no caso, o que deve ser o homem novo consciente que edifica o socialismo cubano) são assim sintetizadas por Guevara (2004f, p.241):

[...] a necessidade de estar sempre à frente no trabalho de horas extras, de dirigir com o seu exemplo, de utilizar todas as horas do dia para melhorar o seu preparo cultural, de ir aos domingos para o trabalho voluntário, de trabalhar voluntariamente todos os dias, esquecer toda a vaidade que ele já teve e dedicar todo o seu tempo ao trabalho, à participação em todos os organismos de massas que já existem neste momento...

Como já mencionado logo acima, a consciência avançada faria com que os homens novos não encarassem como um sacrifício penoso toda essa gama de atividades pró-Revolução. A apreensão do valor da tarefa e da sua nobreza seria mais profunda, conseguindo-se – finalmente – não só contextualizá-la no processo revolucionário, mas também dentro do âmbito social em que ambos (atividade e trabalhador) estão inseridos. O significado de tamanha dedicação para a vitória e consolidação da Revolução (incipiente em todos os seus processos à época) e para o alcance do bem-estar (material e cultural) da população da qual faz parte e se solidariza seria compreendido plenamente por aqueles que já tivessem desenvolvido uma consciência comunista em meio a uma laboriosa transição que ainda buscava o avanço tecnológico comunista, de forças produtivas comunistas.

[...] um trabalhador de vanguarda, um membro do partido dirigente da Revolução, sente todos esses trabalhos chamados de sacrifícios com um interesse novo, como uma parte do seu dever, que não é um dever imposto, mas sim um dever interno, e ele o faz com interesse.

As coisas mais banais e mais enfadonhas se transformam por causa do interesse, do esforço interior do indivíduo, do aprofundamento da sua consciência em coisas importantes e substanciais, em algo que ele não pode

deixar de fazer [...]. Isso significa sentir a revolução. Isso significa que o homem é um revolucionário por dentro, que sente como revolucionário. Então o conceito de sacrifício adquire novas modalidades. (GUEVARA, 2004f, p.241-2)

O membro do partido (ou homem novo, ou ainda trabalhador voluntário de vanguarda) nunca deve ser motivado por uma busca de benefício material individual. O dever moral (reflexo de uma consciência avançada) o impele à prática desses atos tão-somente voltados a contribuir para o desenvolvimento econômico e espiritual dessa sociedade à qual, sabidamente, ele pertence. O homem novo não quer vantagens individuais – a não ser aquelas que provenham de uma melhora coletiva e que, subsequente e obviamente, refletir-se-ão na vida de cada indivíduo tomado isoladamente. Afinal, este novo tipo de homem é aquele que mostra “o exemplo de seu trabalho constante durante dias e dias, sem esperar da sociedade outra coisa senão o reconhecimento de seus méritos de trabalhador, de construtor dessa nova sociedade...” (GUEVARA, 1982e, p.142)

O trabalhador, nesse patamar de consciência, teria compreendido e internalizado (para imediata colocação em prática) os valores solidários imprescindíveis que devem possuir aqueles que querem transformar radical e verdadeiramente a sociedade. Todavia, segundo Che, somente através de um processo muito profundo de conscientização, de educação coletiva e de auto-educação seria possível fundamentar a nova moral comunista, base de todos os demais e ulteriores desenvolvimentos revolucionários. Para tanto, Guevara tentaria fazer de toda a sociedade cubana uma grande escola, pois acreditava que tão-somente assim seria exequível o advento do homem novo construtor da nova civilização.

Capítulo 2 – A SOCIEDADE COMO ESCOLA E A VANGUARDA COMO EXEMPLO

2.1 O Papel da Educação na Tomada de Consciência do Homem Novo

“Ser culto é o único modo de ser livre.”

José Martí

Em todo o processo de construção do homem novo guevarista, a consciência se estabeleceu como o principal fator que determinaria ou não o advento do mesmo. E, para Che, uma das maneiras mais eficazes de se ampliar o grau de conscientização das massas era a educação. Obviamente, não somente ela – veremos no próximo capítulo como Che consagrava à prática do trabalho voluntário grande relevância e destaque –, porém, cria, de fato, que tal mecanismo tinha um potencial fundamental de transformar a realidade cubana pós-Revolução de 1959. Colocava o estudo (que aumentava o nível de consciência das massas e proporcionava o desenvolvimento em Ciência e Tecnologia – tão caro à nação naquelas condições) junto ao trabalho (garantidor potencial da soberania econômica e política do país) e à defesa militar e armada da Revolução, como as três principais tarefas revolucionárias existentes nos anos 1960 em Cuba.

Justamente por isso, insistiu, em diversas oportunidades, na dedicação que os trabalhadores e trabalhadoras de Cuba deveriam ter tanto na sua atividade produtiva quanto na sua formação intelectual e político-ideológica – proporcionando um efetivo desenvolvimento tecnológico, industrial e cultural à ilha caribenha. A busca do desenvolvimento racional, espiritual e, subsequente, moral, era uma das mais importantes proposições de Che concernente aos seres humanos.

Conforme vimos anteriormente, e de acordo com a concepção guevarista, as relações de produção (que determinam a consciência e, segundo Che, poderiam também ser por ela determinadas) teriam o potencial para se estabelecer em um estágio mais avançado que o das forças produtivas. Para que isso se efetivasse empiricamente, era fundamental que o governo revolucionário lançasse mão da educação regular e da propaganda como instrumentos de formação e informação da população – mecanismos indispensáveis na viabilização do desenvolvimento da consciência coletiva e, conseqüentemente, das relações de produção.

Ato contínuo, com uma consciência mais profunda (adquirida a partir dos estudos e da prática do trabalho voluntário, p. ex.), os trabalhadores cubanos estariam aptos a objetivarem relações de produção mais avançadas (solidárias, coletivistas) em detrimento daquelas praticadas ainda em consonância com a débil infra-estrutura econômica de Cuba daquele momento. Destarte, ficava claro para Che Guevara, que a prática do trabalho voluntário e a dedicação intensa à educação eram os dois fatores fundamentais para se desenvolver a nova consciência (e as relações de produção mais adiantadas) dos homens novos que construiriam a sociedade comunista formada por seres sociais cultos, conscientes, livres, emancipados e auto-determinados. Assim ele afirmou:

Pode-se abordar a tarefa da construção da nova consciência porque estamos frente às novas formas de relações de produção e, embora em sentido histórico geral, a consciência seja produto das relações de produção, devem ser consideradas as características da época atual [...]. As idéias socialistas tocam a consciência das pessoas de todo o mundo, e por isso podemos adiantar um desenvolvimento ao estado particular das forças produtivas num dado país. [...] Se tudo isso é possível, por que não pensar no papel da educação como auxiliar pertinaz do estado socialista na tarefa de liquidar os velhos vícios de uma sociedade que morreu e que leva para o túmulo suas velhas relações de produção? (GUEVARA, 1982i, p.190-1)

Desde o início do processo revolucionário em Cuba, Che nutre um especial interesse tanto pela questão da formação da consciência humana estimulada pela educação quanto pela chegada de informações verídicas ao conhecimento de todo o povo, reconhecendo a inter-relação que tinham os dois fatores. De fato, sempre recusou “empurrar” a massa para determinado objetivo, antes queria que esta soubesse o significado de cada um dos seus atos – o homem novo era, antes de qualquer coisa (e como já o dissemos), um homem consciente. Assim, a população deveria caminhar tendo plena ciência e noção do sentido de suas atitudes consonantes com a Revolução. Tudo deveria ser explicado minuciosamente aos cubanos, tinham que compreender e saber o porquê que estavam se movimentando (ou não) rumo à determinada direção. Tratava-se de uma estratégia que realmente privilegiava o estímulo da reflexão e do pensamento entre os trabalhadores, tendo o claro objetivo de incitá-los a participar conscientemente da construção de sua própria história após tanto tempo de exploração e imposição de um trabalho alienado e bestializado. Voltariam a utilizar as faculdades humanas que diferenciam o *homo sapiens* dos demais animais.

Guevara dizia que um bom trabalhador deveria estudar a realidade política e econômica do seu país e do mundo, além de sempre procurar aperfeiçoar-se tecnicamente. Ao falar do dever moral que os jovens tinham em relação à dedicação ferrenha aos estudos, Che sinaliza sem meias-tintas o que era a educação para uma revolução: “E os jovens – eu entre eles, pois me considero um jovem – temos que estudar, e estudar forte. [...] Deve-se estudar de qualquer maneira, sem nenhuma desculpa [...] estudar é uma obrigação revolucionária.” (GUEVARA apud PÉREZ-GALDOS, 1988, p.155, tradução nossa)

A importância da educação para a transformação do homem (alterando a sua consciência e a sua forma de apreender e interagir com o mundo) e da estrutura econômica de uma sociedade (desenvolvimento técnico) sempre foi ressaltada por Che. Segundo ele, todos os cubanos tinham a obrigação moral de se aperfeiçoar cotidianamente para assim permanecerem progredindo rumo à libertação completa da consciência e do trabalho. Este que deveria, cada vez mais – e graças à aplicação intensiva de ciência e tecnologia –, ser executado por máquinas em benefício dos seres humanos. Guevara (*apud* PÉREZ-GALDOS, 1988, p.139, tradução nossa) assim sintetizou o papel da educação no processo de advento do homem novo e da nova sociedade socialista:

O homem através da educação se supera; e quando essa educação se realiza mediante um espírito coletivo, quando o sentido revolucionário de todos ajuda o desenvolvimento da consciência de todos, o salto pode ser gigantesco. [...] e ninguém nos exigiu que temos que saber isso ou aquilo em tal ou qual tempo; o que exigimos, nos exigimos a todos, é saber um pouco mais a cada dia. Esse é o espírito que deve prevalecer.

Guevara insistia no reconhecimento que deveria ser feito concernente à característica de “produto não-acabado” dos homens, sempre passíveis de mudanças e transformações. Segundo ele, todos deveriam fazer um esforço contínuo para erradicar as qualidades herdadas da civilização e cultura criadas pela burguesia. E para se criar a tal nova consciência do homem novo, havia dois caminhos principais, o da educação e o da auto-educação. “A revolução se faz através do homem, mas o homem deve forjar dia-a-dia seu espírito revolucionário.” (GUEVARA, 2004d, p.267)

Assim, a conscientização adviria com a educação (em geral ofertada pelo Estado Revolucionário liderado pela vanguarda no processo de transição) e com a força de vontade e disciplina de cada cubano que tinha que trazer à tona novos pensamentos (e novas práticas) mais consonantes com os valores da sociedade socialista em construção.

As falhas do passado se transmitem até o presente na consciência individual e há necessidade de fazer um trabalho contínuo para erradicá-las.

O processo é duplo: por um lado, a sociedade atua com a sua educação direta e indireta; por outro lado, o indivíduo se submete a um processo consciente de auto-educação. (GUEVARA, 2004d, p.252)

Desde a empresa guerrilheira em Sierra Maestra, Che já demonstrava grande preocupação com a questão da educação como ferramenta para elevar o grau de conscientização dos seus subordinados. Criou boletins e jornais que divulgavam o que estava acontecendo naquele período em Cuba e que, concomitantemente, contribuía para a formação cultural e ideológica dos guerrilheiros e agricultores da região. “*El Cubano Libre*” foi a primeira publicação desse naipe organizada sob a sua direção – entre julho e dezembro de 1957 circularam 3 ou 4 números desse boletim. Guevara procurava, com tais iniciativas, estimular aquela “revolução que se processava nos hábitos e mentes” (2004d, p.248) dos revolucionários da zona beligerante. Todos que participaram daquela guerra de guerrilhas tiveram a oportunidade de se auto-transformar profundamente.

Obviamente, para Che, a formação intelectual de uma pessoa não poderia ser condensada apenas em periódicos informativos como o supracitado – tinha plena ciência que a formação regular em instituições de ensino era fundamental para a emancipação cultural de todos –, por isso também criou escolas nos acampamentos em que se concentrava a coluna por ele comandada. Fidel assim sentenciou: “Che começou imediatamente, claro, a organizar aulas para todos aqueles camponeses, a montar escolas ali, e a instruir o pessoal. Como primeira tarefa de chefe militar, queria fazer seu programa de alfabetização e ensinar toda aquela gente.” (RAMONET, 2006, p.187)

Após a tomada do poder em janeiro de 1959, Che passou a propugnar que a principal missão do Exército Rebelde era ser guardião e defensor das conquistas obtidas pela Revolução Cubana. Afirmava que, para tanto, mais do que disciplina militar, os soldados deveriam ter claro o sentido dos objetivos do processo revolucionário. Era de suma importância que todos os cubanos, especialmente os militares vinculados direta e cotidianamente na defesa armada da Revolução, soubessem o significado real daquilo que estavam defendendo com as suas vidas expostas nas linhas de frente. Deveriam ter consciência da significância dos seus atos (assim como todos os trabalhadores ao desempenhar as suas atividades produtivas em Cuba).

Nesse sentido, a formação educacional e cultural era imprescindível. E para obtê-la, a curiosidade, a solidariedade e a sensibilidade eram fatores essenciais. Guevara acreditava que tanto os cubanos das trincheiras militares quanto os cubanos das “trincheiras fabris” deveriam esmerar-se sempre para além da sua atividade principal. Era primordial que cada um assumisse a responsabilidade de se formar e se informar cotidianamente a respeito dos problemas de Cuba e do mundo – incorporando o espírito internacionalista, toda a massa deveria ampliar o seu horizonte e a sua concepção da vida mediante investigação interessada e voluntária do que ocorria e do que determinava a realidade miserável em que vivia grande parte da população do globo. Che assim definiu como deveriam agir os cubanos interessados em promover o seu próprio desenvolvimento intelectual e cultural e, conseqüentemente, da nação:

[...] devemos trabalhar todos os dias. Trabalhar no sentido interno de aperfeiçoamento, de aumento dos conhecimentos, de aumento da compreensão do mundo que nos cerca. Inquirir, averiguar, e conhecer bem o porquê das coisas e colocar-se sempre os grandes problemas da humanidade como problemas próprios. (GUEVARA, 2004c, p.279)

Isto posto, urgiu a imprescindível tarefa de se travar uma guerra contra a desinformação e a propaganda lastreada em mentiras espreitada pelo império estadunidense – principal inimigo da Revolução comandada por Che e Fidel. Fruto dessa iniciativa, começou a funcionar, em 16 de junho de 1959, a agência de notícias “Prensa Latina”, cuja criação também contou com a participação de Guevara⁵⁰.

Che foi um entusiasta colaborador na criação de uma agência que divulgasse a obra da Revolução Cubana e a situação dos povos da América Latina, para enfrentar, assim, as campanhas das agências norte-americanas que praticamente tinham o monopólio da informação no continente. (PÉREZ-GALDOS, 1988, p.64, tradução nossa)

Em uma conferência na Academia da Polícia Nacional Revolucionária, proferida no dia 1º de outubro de 1959, Che ressaltou (nas palavras de Pérez-Galdos, 1988, p.65, tradução nossa) que os soldados tinham “que se superar a cada dia mais na instrução e na cultura, na conduta social de cada um...” E com o objetivo de colaborar nesse movimento de apreensão da realidade pelos militares, foi lançado, em 10 abril de 1959, o jornal das Forças Armadas

⁵⁰ Continuando com a sua prática de valorização do debate e da disseminação de idéias, Che – então ministro das Indústrias – passou a editar, em maio de 1962, a revista *Nuestra Industria*, onde, no primeiro número, escreveu sobre os propósitos da publicação.

Revolucionárias de Cuba “Verde Oliva”. Com grande participação de Guevara na sua criação, que ia à sua redação freqüentemente, o impresso ainda contou, durante vários anos, com uma seção mantida por Che (“El Francoatirador”).

Segundo Guevara, para se conseguir colocar em prática as informações e os conhecimentos apreendidos mediante estudo e propaganda, alterando verdadeiramente a sua forma de agir e de pensar, todos os cubanos teriam que sofrer profundas mudanças interiores, sem nunca deixar de ajudar a concretizar (a objetivação é condição *sine qua non* para tornar factíveis transformações radicais e profundas) as mudanças exteriores, sobretudo sociais. “A educação penetra nas massas e a nova atitude preconizada tende a se converter em hábito; a massa vai incorporando-a e pressiona quem ainda não se educou. Essa é a forma indireta de educar as massas, tão poderosa quanto a outra.” (GUEVARA, 2004d, p.255)

A alfabetização surge nesse contexto como o primeiro passo de um processo de formação intelectual e estudo técnico muito maiores. A meta era que o povo mantivesse um estudo continuado após o aprendizado das primeiras letras, principalmente vinculando o conhecimento adquirido ao objetivo de melhorar a qualidade da produção e aumentar a produtividade. Era fundamental, igualmente, que a dedicação ao estudo fosse contínua e ininterrupta para tornar factível uma ampliação em larga escala do grau de conscientização da população. Havia, ademais, a necessidade de desenvolver tecnologicamente o país em um breve período de tempo, forçando toda a sociedade cubana a transformar-se em uma grande escola. A caminhada, *pari passu*, do desenvolvimento tecnológico e do desenvolvimento da consciência era um aspecto determinante do sucesso de uma Revolução sempre ressaltado por Che. De fato, era imprescindível, ao país que quisesse manter a sua soberania política, a obtenção da sua independência econômica – e, para tal, a evolução técnica e industrial da nação era indispensável e decisiva. Guevara (1982j, p.82-3) assim colocou a importância mais que essencial do desenvolvimento econômico-industrial de Cuba para o futuro de sua Revolução:

[Temos que] criar nossa própria base, nossas peças de reposição, nossa tecnologia e depender cada vez menos da área capitalista, que não é uma área muito confiável para nós [...]. Então nós temos que ter uma base muito sólida [...] e para isso é preciso estudar, se preparar, porque sem uma base tecnológica adequada, os esforços – por grandes e heróicos que sejam – não nos permitem ir adiante com a suficiente velocidade.

Che, com o objetivo de estimular a adesão cada vez maior dos trabalhadores a cursos de qualificação técnica que resultariam inovações tecnológicas e conseqüente elevação da produtividade e da produção nacional, versa a respeito da utilização socialista (em benefício de todos) da tecnologia de ponta afirmando que esta proporcionaria não só fartura alimentícia ao povo, mas ainda maior tempo livre para que todos pudessem se dedicar à sua própria emancipação e desenvolvimento cultural. A meta era fazer aqueles pretensos homens novos transformarem-se – concomitantemente às transformações concretas na sociedade por eles conduzida mediante muita educação, trabalho e tecnologia – em seres sociais que, a partir de certo ponto do desenvolvimento histórico da humanidade, poderiam explorar, finalmente, as possibilidades e potencialidades humanas em sua plenitude. Assim definiu Guevara (1982c, p.16):

O futuro está nas grandes inovações técnicas que constantemente vão mudando o aspecto do mundo. O futuro está no desenvolvimento da química e no desenvolvimento da eletrônica de maneira a assegurar as grandes produções em massa que alcancem todo o povo [...]. Este estará já liberado de muitas das pesadas tarefas que hoje nos oprimem e poderá dedicar seu tempo ao estudo, à superação cultural, a tudo o que torna a vida digna de ser vivida...

O resultado dessa educação (que muito mais que mudanças na consciência redundaria também na aquisição de novos hábitos a partir daquelas mudanças) seria, em um primeiro momento, o advento do homem novo construtor do socialismo em Cuba. A transformação do homem individualizado e egoísta no homem novo solidário e consciente dar-se-ia, segundo Che, através da auto-educação e da educação direta e indireta⁵¹. Ao receber a formação necessária e ao verificar o exemplo de outros, o homem, consciente e voluntariamente, tomaria a iniciativa de mudar a sua prática frente à nova sociedade que se descortina diante dos seus olhos.

[...] o processo é consciente: o indivíduo recebe continuamente o impacto do novo poder social e percebe que não está completamente adequado a ele. Sob a influência da pressão que supõe a educação indireta, ele trata de se acomodar a uma situação que sente como justa e cuja própria falta de

⁵¹ Na concepção guevarista: Educação direta: aquela proporcionada pelo estudo regular e formal em qualquer instituição de aprendizagem, que “se exerce através do aparato educativo do Estado”. Educação indireta: “pressão” da massa consciente e já com a nova postura sobre aqueles que ainda não se auto-transformaram – exemplo de mobilização e dedicação à causa revolucionária advindo da própria população.

desenvolvimento o tinha impedido de fazê-lo até agora. Ele se auto-educa....
(GUEVARA, 2004d, p.255)

Outro fator que igualmente mostrou-se um instrumento de educação indireta fundamental para ampliação da consciência das massas foi, segundo José Rodrigues Mao Jr., a ascensão do patriotismo e da questão nacional para os cubanos. Nos momentos de maior tensão e enfrentamento com a belicosa potência ianque, a união da população de Cuba sob a bandeira do nacionalismo antiimperialista foi determinante tanto para garantir o avanço de um processo revolucionário, de fato, soberano quanto para provocar a expansão dos ensinamentos que tal realidade conflituosa trazia à consciência. Conforme asseverou Mao Jr. (2007, p.385):

Quanto mais se intensificava a fúria agressora dos Estados Unidos, mais a Revolução se via obrigada a reagir, aprovando medidas que decepavam o poderio econômico estadunidense. A postura míope e agressiva dos Estados Unidos contribui para o desenvolvimento de uma intransigente consciência revolucionária, empenhada em conquistar a autodeterminação nacional dentro dos marcos do capitalismo ou contra ele.

Apesar de prescrever a apreensão de conhecimento como – junto à prática do trabalho voluntário – o principal fator de estímulo à criação da nova consciência socialista, Che sabia que qualquer tipo de transformação profunda nesse sentido dificilmente ocorreria de maneira linear e direta. Tinha plena ciência que o processo de advento e desenvolvimento do homem novo (que buscava aprimorar-se o tempo inteiro para objetivar a construção da sociedade comunista e a emancipação humana) seria forjado mediante avanços e recuos intermitentes e, muitas vezes, imprevisíveis e incontroláveis. Guevara (2004d, p.259) asseverou a esse respeito: “A mudança não se produz automaticamente na consciência como também não se produz na economia. As variações são lentas e não são rítmicas; há períodos de aceleração, outros de estagnação e inclusive de retrocesso.”

Tais retrocessos ou ausência de evolução no grau de conscientização das massas poderiam ser facilmente diagnosticados ao se observar pormenorizadamente o desempenho de alguns grupos de trabalhadores cubanos que prestavam serviços diretamente ao Estado como funcionários públicos componentes da grande máquina burocrática estatal. Segundo Che, a falta de motivação aferida em alguns servidores era resultado de um baixo nível de consciência que, por sua vez, era explicado por lacunas educacionais e culturais encontradas na formação do indivíduo e que poderiam ser revertidas graças ao esforço e ímpeto revolucionários. Criticando-os diretamente, Che chega a afirmar que alguns deles escondiam-

se atrás do que estava escrito para não se envolver nem se dedicar à resolução de nenhum problema colocado à sua frente. Guevara (2004a, p. 227) assim asseverou: Há

uma falta de motor interno. Com isso queremos dizer a falta de interesse do indivíduo em prestar um serviço ao Estado e em superar uma situação dada. Baseia-se numa falta de consciência revolucionária, ou pelo menos em um conformismo frente ao que anda mal. [...] Neste caso, essa falha do motor ideológico se produz por uma carência absoluta de convicção [...]; o indivíduo, ou grupo de indivíduos, se refugiam num burocratismo, preenchem papéis e salvam sua responsabilidade...

Contra essa falta de motivação Che propunha um trabalho de educação política para os agentes diretos da burocracia estatal, bem como para todos os trabalhadores cubanos – dentro daquela lógica de que o homem novo deveria praticar a sua atividade laboral de maneira convicta e consciente. Este trabalho consistiria na explicação do significado e da importância da tarefa aos envolvidos e seria alicerçado grandemente no exemplo da vanguarda do partido que comandava o processo revolucionário naquele seu estágio incipiente. Che assim definiu o seu plano para suplantar a desmotivação dos funcionários públicos de Cuba:

[...] devemos desenvolver com empenho um trabalho político para liquidar as faltas de motivações internas [...]. Os caminhos são: a educação permanente através da explicação concreta das tarefas, desenvolvendo o interesse dos empregados administrativos pelo seu trabalho concreto, através do exemplo dos trabalhadores de vanguarda... (GUEVARA, 2004a, p.230)

Dentre os planos do governo revolucionário que buscavam meios de tirar da apatia e da indiferença parte da população que ainda não havia introjetado os novos valores e as novas necessidades trazidas pela Revolução e cujo objetivo primordial era fazer “com que a classe operária [sentisse] profundamente sua Revolução” (GUEVARA, 1982a, p.52), o Plano da Emulação Nacional (onde o estímulo moral tinha o papel principal) e o Plano Educacional dos Operários obtiveram maior relevância e destaque no país. O primeiro consistia na proposição de desafios entre unidades do mesmo setor produtivo concernentes ao alcance do maior volume de produção de acordo com uma meta pré-estabelecida. Já o Plano Educacional visava elevar o nível técnico e cultural de todo o operariado da ilha: “[...] o trabalho e o estudo unidos vão tecnificando o operário e culturalizando-o em todo sentido.” (GUEVARA, 1982a, p.52)

Desse modo, e de acordo com o que foi exposto até aqui, torna-se claro o valor fundamental que tinha a educação para a transformação – ideológica e material – da sociedade cubana segundo a concepção de Che Guevara. A partir dela, capacitar-se-ia a força de trabalho que viria a suprir a demanda existente naquele contexto em Cuba – demanda propiciada pelo desenvolvimento econômico acelerado do país e pelo abandono da pátria de vários técnicos cubanos, discordantes da Revolução e de todo o processo de transformação radical trazido em seu bojo. Guevara sintetizou na época a importância do domínio da técnica e da qualificação (também técnica) dos trabalhadores para a materialização efetiva do desenvolvimento industrial e infra-estrutural de Cuba e da sua Revolução Socialista:

Deve-se ter uma técnica para saber buscar a matéria-prima, para situar as fábricas, para saber calcular os custos; [...] para saber trabalhar em cada indústria... Isto quer dizer que a técnica é algo que condiciona, de certo modo, a industrialização... (1982a, p.36), [por isso] a capacitação ocupa um lugar preferencial em todos os planos do governo. (2004a, p.231)

Decerto, não somente a capacitação técnica era objetivada com a aplicação intensiva de planos de educação para o povo, antes (e até mais importante do ponto de vista guevarista) buscava-se a formação moral e ideológica de todos os cubanos – sabendo-se que na interseção dialética e contínua dos dois aprendizados estaria a garantia da vitória da ética e do modo de produção socialistas na ilha caribenha. Guevara na sentença abaixo clarifica a dupla importância e significância da educação e do estudo profundo para o estabelecimento real de uma transformação que se quer radical em uma sociedade revolucionária em ebulição.

[...] temos a tarefa de desenvolver a produção, desenvolvê-la para dar ao povo todos os bens de que necessita. [Porém, o mais importante é] adquirir consciência, ter bem claro que nós, dirigentes da sociedade neste momento, todos nós, povo de Cuba, temos de aprender mais, conhecer mais, aprofundarmo-nos mais nos fenômenos e aprofundarmos mais no sentido interior do que é o trabalho... (GUEVARA, 1982e, p.145)

Assim, tanto a educação que qualificava a força de trabalho e desenvolvia a técnica quanto aquela que ampliava o grau de consciência de toda a população eram essenciais e determinantes para possibilitar ao processo revolucionário uma evolução progressiva e indelével rumo à sociedade sem classes. De acordo com Guevara (2004a, p.231-2):

A intenção do governo revolucionário é converter nosso país numa grande escola, onde o estudo e o êxito nos estudos sejam um dos fatores

fundamentais para a melhoria da condição do indivíduo, tanto economicamente quanto na sua localização moral dentro da sociedade de acordo com suas qualidades. [...] reeducando e educando essa massa, nós a incorporaremos à revolução e eliminamos o inútil e ao mesmo tempo continuamos, sem fraquejar, quaisquer que sejam os inconvenientes encontrados, uma grande tarefa de educação em todos os níveis.

Sendo o comunismo o estágio mais avançado da sociabilidade humana, onde se pretende concretizar finalmente a existência dos seres humanos como seres sociais emancipados e livres, era imprescindível que já o processo de criação e construção dessa nova sociedade fosse feito de maneira consciente – daí a importância da presença da educação ideológica desde os primórdios da transição capitalista rumo ao socialismo. Isto posto, o caminho de construção da sociedade comunista deveria ser trilhado, desde os primeiros passos e segundo a concepção guevarista, com uma clara consciência do que se estava a erigir. Para tanto, e consonante com tal objetivo, haveria que existir um grande esforço educativo que propiciasse e favorecesse a ruptura definitiva com o trabalho alienado e com a alienação evidenciada em suas mais diversas formas na sociedade regida pelo capital.

O advento do homem novo ocorreria nesse contexto de desenvolvimento da nova moral e da nova técnica socialistas – ambas fundamentadas em sua objetivação pela sempre presente formação educacional tecnológica e cultural. A formação cultural agiria imediatamente na ampliação do conhecimento e da consciência; o desenvolvimento tecnológico, propiciado pela investigação científica contumaz, agiria positivamente na consciência a partir do momento que disponibilizasse maior tempo livre aos seres humanos, para que esses pudessem se dedicar à apreensão de mais conhecimento e cultura.

Também com o propósito de garantir o conforto material da população e a soberania política e econômica da nação, deveriam ser intensivos os investimentos em ciência e inovação tecnológica – de sorte que se aumentaria a produtividade e, subseqüentemente, o volume de produtos colocados à disposição de todo o povo (além dos supracitados “tempos livres”). De acordo com o que sempre propugnou em seus escritos, Che volta a afirmar na citação derradeira abaixo, as duas condições *sine qua non* para que se um dia alcance a sociedade sem classes: o caminho deve ser trilhado de forma consciente pela massa e é indispensável que o avanço da consciência (moral e cultural) aconteça no mesmo diapasão do avanço do progresso técnico. É a revolução espiritual, cultural e da técnica.

O comunismo é uma meta da humanidade, que se atinge conscientemente; logo a educação, a liquidação dos vícios da antiga sociedade na consciência das pessoas, é um fator de suma importância, sem que se esqueça, é claro, que sem avanços paralelos na produção não se pode chegar a tal sociedade. (GUEVARA, 1982i, p.187)

Quando Che Guevara sentenciava que a sociedade cubana inteira deveria tornar-se uma grande escola para todo o povo, ele o faz no sentido de reafirmar a importância de se aproveitar todos os momentos da vida social para se desenvolver a consciência emancipada e a técnica produtiva. Portanto, era na totalidade das relações sociais que se daria a formação do homem novo proposto por Che, e um dos elementos principais dessa realidade social seria a vanguarda da revolução, que teria importância não só como norte do processo revolucionário cubano, mas também como exemplo (de grupo e individual) a ser seguido por todos os trabalhadores de Cuba.

2.2 Vanguarda Revolucionária e Institucionalidade Revolucionária

As condições objetivas necessárias para a eclosão da insurreição cubana já estavam postas há séculos em toda a América Latina – a miséria, a exploração, o latifúndio, a fome, a desigualdade, os governos ditatoriais e inconstitucionais etc. campeavam há muito as paragens dessa parte do continente americano. Entretanto, as condições subjetivas (a disposição do povo para luta e a crença de que pode, de fato, vencê-la – é de fundamental importância para a moral dos insurgentes acreditarem que o seu adversário possa ser derrotado pela força popular organizada), segundo Che, somente foram novamente reacendidas na ilha caribenha quando a vanguarda guerrilheira comandada por Fidel Castro encampou e liderou a luta revolucionária a partir de meados dos anos 1950. Guevara afirmou que aquele grupo de guerrilheiros de Sierra Maestra foi o “motor impulsor do movimento, gerador de consciência revolucionária e de entusiasmo combativo. [...] criou as condições subjetivas necessárias à vitória.” (GUEVARA, 2004d, p.248)

Alçados pelo povo e por eles mesmos ao poder após a vitória militar da Revolução em 1959, caberia, a partir de então, à vanguarda revolucionária, o papel essencial de liderar e organizar aquele movimento transformador da sociedade cubana que estava em plena ascensão. Che insistia na possibilidade desta vanguarda consciente forçar, dentro de

limitações impostas pelas condições objetivas, a marcha dos acontecimentos na ilha. Caberia a ela também retirar o “automatismo” das relações entre poder central-classe trabalhadora, colocando mais peso na capacidade de decisão individual e ação dos sujeitos históricos, a partir dos estímulos que viriam de exemplos, de uma nova ética e de uma nova consciência socialista, solidária e patriótica.

Para Guevara, no período de transição, o caminho mais rápido e mais consequentemente socialista é visto como resultado do trabalho consciente dos trabalhadores, os quais, dinamizados pelo partido de vanguarda e utilizando-se da planificação, atropelariam as categorias do valor, garantindo assim, o caráter socialista do percurso. (LIMA FILHO, 1997, mimeo)

Nesse novo momento da Revolução ora em curso, surgiu frente a Che um novo impasse: como evitar uma centralização excessiva de poder decisório nas mãos de apenas alguns poucos homens, à medida que o objetivo principal da Revolução era justamente o de fazer com que a classe trabalhadora se tornasse, de maneira consciente, o sujeito de sua própria história – e isso, obviamente, teria como princípio fundamental a conquista definitiva daquela prerrogativa político-decisória pelos trabalhadores.

Dada a forma pela qual vanguarda e classe trabalhadora se associaram na conquista do poder, o dilema político central da vanguarda foi, desde o início, o de sua absorção pela classe – ou seja, o da organização (institucional) do poder revolucionário da classe trabalhadora (ou poder popular). (FERNANDES, 1979, p.169)

Che acreditava que, a despeito deste propósito máximo que guiava a ação dos líderes da Revolução, em um primeiro momento dever-se-ia criar mecanismos de controle e decisão centralizados em torno de uma vanguarda, supostamente mais bem preparada para os desafios impostos por aquele processo de transformação radical da sociedade cubana, cuja tarefa primordial seria a de mobilizar as pessoas, sendo referência (exemplo) direta para elas. Asseverou Guevara (2004d, p. 268): “Quem abre o caminho é o grupo de vanguarda, os melhores dentre os bons, o partido.”

A administração do governo e dos planos teria que ser verticalizada e centralizada nesta vanguarda. Não obstante, tal governo teria caráter popular e humanista porque o objetivo último e primeiro dele seria a satisfação das necessidades fisiológicas, culturais e espirituais do povo cubano. A gigantesca tarefa de construção do socialismo em Cuba estava,

portanto, condicionada à relação dialética que a vanguarda revolucionária teria com o povo, à medida que somente trabalhando conjuntamente e em direção ao mesmo sentido é que se poderia alcançar tão difícil intento. Desse modo, era a partir das massas, na interação com elas, que o partido deveria traçar o projeto socialista da nação caribenha. Che tenta definir a seguir esse aparente paradoxo entre um poder que é centralizado e que, concomitantemente, conta e necessita da participação das massas: “por uma parte criamos um controle vertical efetivo, um mecanismo que realmente funciona por linha direta do vértice até cada ponto terminal, e pelo outro considerar o homem como único destinatário da Revolução.” (GUEVARA, 1982h, p.63)

Apesar de sempre sublinhar o papel da vanguarda no comando da Revolução, Che não admitia que ela impusesse nada às massas, tendo antes (e sempre) que dialogar com estas. Não se tratava de decisões unilaterais e definitivas que deveriam ser acatadas pela base, na verdade deveria haver um movimento contínuo e dialético de trocas de idéias, sensações e informações entre o partido e o povo. O temor de Guevara em relação ao burocratismo revelou-se no fato dele condená-lo publicamente, como um mal presente no processo revolucionário, além de, no momento em que trazia à baila as questões de interação da vanguarda com os trabalhadores, ele não citar nem especular a respeito de que formato teriam os organismos populares que organizariam essa aproximação governo-povo.

Guevara afirmou que o próprio Partido (Comunista Cubano), naquele momento restrito à presença e participação somente da vanguarda revolucionária, apenas se tornaria um “partido das massas”, quando estas desenvolvessem mais a sua consciência nova – solidária e comunista. Conforme assinalou Guevara (2004d, p. 264): “Nossa aspiração é que o partido seja de massas, mas somente quando as massas tenham alcançado o nível de desenvolvimento da vanguarda, quer dizer, quando estejam educadas para o comunismo. O trabalho é dirigido para essa educação.”

Segundo Che (2004d, p.250), “a massa participou na Reforma Agrária e no difícil empenho de administrar as empresas estatais”, não obstante a existência do sistema de centralização dos orçamentos das empresas do governo, controlado pelo Ministério das Indústrias e no qual os trabalhadores até administravam as unidades produtoras, mas sempre e obrigatoriamente em consonância com os desígnios da vanguarda que ocupava o ministério. A unidade produtora não tinha autonomia para decidir o que fazer – era subordinada a um planejamento elaborado e coordenado pelo grupo que ocupava o ministério. A vanguarda

revolucionária, maioria absoluta no governo, seria a responsável pela determinação das diretrizes e pela elaboração do planejamento econômico. Ainda restava ao trabalhador, nesse período de transição, somente a tarefa de executar o que havia sido concebido por outrem. Assim, as unidades da Empresa Consolidada⁵² eram apenas centros de produção e, no máximo, gerenciamento – não de decisão. Che resumiu as suas funções desta forma:

Tem um orçamento, um orçamento de produção, tem de cumprir metas de produção e entregar todo o seu produto ao Ministério do Comércio Interior, ou às outras indústrias do aparato estatal. De tal forma que essa empresa não tem lucros, não dispõe de dinheiro. Todo o lucro, toda a diferença entre o que vendeu, digamos, e o que lhe custou produzir pertence ao Estado cubano. *Ela apenas se limita a produzir.* (GUEVARA, 1982a, p.31-2, grifos nossos)

O povo cubano ainda não tinha alcançado um grau de conscientização que possibilitasse que todos os passos da revolução fossem dados por ele próprio, acreditava Che. A vanguarda, representada no partido e no governo, conduziria e lideraria o incipiente processo. Guevara afirmava que, de fato, era o governo revolucionário que dizia ao povo o que fazer. Porém, agia assim a partir do conhecimento que tinha de suas necessidades e acompanhando de perto o desenrolar das atividades pré-determinadas para ver se ela foi, de fato, incorporada pelas massas. Em caso positivo, poder-se-ia observar um grande entusiasmo refletido na produtividade e no sucesso da empreitada proposta. Che assim asseverou:

Se olharmos as coisas de um ponto de vista superficial, pode parecer que aqueles que falam de subordinação do indivíduo ao Estado têm razão; a massa realiza com um entusiasmo e uma disciplina sem par as tarefas determinadas pelo governo, sejam elas de caráter econômico, cultural, de defesa, esportivo etc. A iniciativa parte geralmente de Fidel ou do alto comando da revolução, é explicada ao povo, que a acata como sendo sua. [...] utilizamos por enquanto o método quase intuitivo de auscultar as reações gerais face aos problemas colocados. (GUEVARA, 2004d, p. 250)

Guevara afirmou que a tática guerrilheira, ou “guerrilheirismo”, era aplicada nos primeiros momentos da administração do governo revolucionário e, portanto, tinha que ser, o mais rapidamente possível, transformada via planificação racional. Graças aos problemas

⁵² Conglomerado de indústrias que atuavam no mesmo ramo e que tinham um aparato central de administração. A Empresa do açúcar, por exemplo, era composta por 160 engenhos que respondiam todos ao seu ministro radicado em Havana.

administrativos que percorreram o primeiro ano da revolução, o governo revolucionário decidiu delimitar e organizar melhor o manejo do aparato estatal. Isto significou uma centralização acentuada e acabou por frear as iniciativas potenciais dos administradores, que seriam, posteriormente, cobrados por Che devido a essa lacuna. Este asseverou que a concentração do poder foi necessária porque não havia pessoal suficientemente capacitado então para que se pudessem deixar alguns importantes processos decisórios sob a sua responsabilidade – à vanguarda coube essa centralização das decisões: “[...] começaram-se a organizar fortes aparatos burocráticos, que caracterizam essa primeira época de nosso Estado socialista [...]. Esse conceito centralizado se explica pela escassez de quadros médios e pelo espírito anárquico anterior [...]” (GUEVARA, 2004a, p. 226)

Mesmo assim, não se conseguia efetivar o controle de forma adequada, pois não se detectava a tempo as diversas falhas administrativas – à cabeça de diversas áreas da administração estatal, os responsáveis criavam seu próprio método de controle ao arrepio do que era estabelecido pela vanguarda. “[...] os aparatos estatais não se desenvolvem mediante um plano único e com suas relações bem estudadas, deixando ampla margem para a especulação sobre os métodos administrativos.” (GUEVARA, 2004a, p.228)

Esse tipo de atitude favorecia uma lentidão nos processos burocráticos, além de inibir os impulsos dos quadros mais conscientes e mais tímidos. Por outro lado, as novas medidas de controle, que se pretendiam gerais, também não alcançavam o seu objetivo de dinamizar o sistema – pelo contrário, essas respostas do governo àqueles que não queriam desempenhar sua atividade do modo esperado, muitas vezes acabavam por atravancar ainda mais todo o processo, tornando-o definitivamente moroso, pois também não incitavam a auto-iniciativa e a espontaneidade. Assim, a centralização do poder de decisão na vanguarda revolucionária, sem a organização e delimitação clara de poderes diversos em todos os organismos que a ela respondiam, acabou, igualmente, por podar as iniciativas individuais para a resolução de problemas – desde os mais simples até os mais complexos. Os papéis e as leis se estabeleceram em detrimento da lógica, do bom-senso e da criatividade. “A centralização excessiva sem uma organização perfeita freou a ação espontânea sem ter um substituto de ação correta no momento adequado.” (GUEVARA, 2004a, p.229)

Não apenas entre a população se encontravam lacunas muito grandes na formação técnica e ideológica que impeliam à concentração do poder decisório no governo revolucionário. Guevara admite que mesmo dentro da vanguarda haviam limitações que

impediam o avanço mais acelerado da revolução – a falta de desenvolvimento e conhecimento técnicos, afirmava, era uma das grandes travas do processo de transformação da sociedade cubana. O bloqueio (embargo) econômico imposto a Cuba pelos Estados Unidos e a emigração em massa de pessoal técnico qualificado juntavam-se à inexperiência dos administradores nomeados pela revolução para gerarem crises de produção e de organização do trabalho. A este respeito, Che sintetizou: “Falta de conhecimentos técnicos suficientemente desenvolvidos para que se possa tomar decisões justas e em pouco tempo.” (GUEVARA, 2004a, p.229)

Che creditava a essa falta de técnica a aparição de uma prática da vanguarda que ele chamou de “reunionismo”. A ausência de experiência e conhecimento sobre os mais diversos assuntos fazia com que todos os chefes da revolução⁵³ e outros eminentes técnicos tivessem que se reunir em reuniões intermináveis para decidir sobre algo que não se conhecia a contento. Se houvessem pessoas mais preparadas tecnicamente, vários problemas seriam solucionados muito mais rapidamente.⁵⁴ Ao não se saber o que fazer e como agir em determinada situação – e eram dezenas delas que surgiam no cotidiano da revolução – ficava-se reunindo para ver se se descobria alguma coisa repentinamente em relação às questões colocadas sobre a mesa. Conforme Guevara (2004a, p. 229): “A falta quase total de conhecimentos, supridas, como dissemos antes, por uma longa série de reuniões, configura o ‘reunionismo’...”

Ademais, Che temia que esse exaustivo cotidiano burocrático – tanto dos dirigentes da revolução quanto da classe trabalhadora de forma geral – obnubilasse a perspectiva revolucionária que, esperava-se, a todos moveriam. Presos à questiúnculas infinitas, os indivíduos poderiam perder a noção do que se está buscando, do projeto principal. “Um acúmulo de decisões menores limitou a visão dos grandes problemas...” (GUEVARA, 2004a, p.229)

⁵³ Sobre os revolucionários cubanos que tomaram o poder em 1959, Che afirmou: “[...] seus dirigentes eram apenas um grupo de combatentes de altos ideais e pouca preparação.” (GUEVARA, 1982c, p.10)

⁵⁴ Embora constataste as questões teóricas e técnicas de todas as ordens como base dos principais problemas observados e vividos naqueles primeiros anos da transição socialista em Cuba e dissesse que a vanguarda da Revolução de 1959 não era formada por grandes intelectuais que forjaram uma teoria ou por técnicos altamente qualificados, Che afirmava que não se podia ignorar o conhecimento que os revolucionários cubanos tinham em relação à realidade da ilha daquele momento e o conhecimento que possuíam a respeito das necessidades da população “[...] se seus atores principais não eram precisamente teóricos, tampouco eram ignorantes dos grandes fenômenos sociais e dos enunciados das leis que o regem. Isso permitiu que, partindo de alguns conhecimentos teóricos e do profundo conhecimento da realidade, fosse se criando uma teoria revolucionária.” (GUEVARA, 2004b, p.113-4)

Guevara chega a admitir que nem sempre o Estado acerta nas suas especulações concernentes aos desejos da população e que há a necessidade de se desenvolver, nos anos posteriores, novas formas de organização da participação popular para a construção da democracia socialista. Não chega a deixar claro que tipo de atitude ou organismo deveria ser criado ou fomentado para a consecução desse objetivo. Afirmou Éder Sader que não há na obra de Che nenhuma referência a conselhos comunais e operários ou à experiência soviética nesse sentido. No entanto, Che reconhece o problema e a limitação: “É evidente que o mecanismo não é suficiente para assegurar uma série de medidas sensatas e que falta uma conexão mais estruturada com a massa. Devemos melhorar isso no decorrer dos próximos anos...” (GUEVARA, 2004d, p.250)

A esse respeito e demonstrando saber da importância e da imprescindibilidade de acostumar e de ir passando ao povo as ferramentas administrativas/gerenciais para que este pudesse ampliar o seu controle consciente sobre a vida social e sobre a produção social, Che afirmou: “[...] em nossa economia se estão realizando planos-pilotos de administração por parte das autoridades locais, comprometendo em geral todos os serviços à população e, em alguns casos, certas indústrias de caráter local.” (GUEVARA, 1982c, p. 15)

Uma das medidas tomadas com o objetivo de aproximar mais ainda a população da vanguarda foi aquela que adveio junto com a transformação do PURS (Partido Unido da Revolução Socialista) no Partido Comunista Cubano. A partir desse momento, o processo de escolha dos trabalhadores que passariam a integrar o partido seria totalmente transparente e comandado pelas massas. “[...] são as massas que decidem, em primeira instância, quais devem ser os trabalhadores exemplares propostos como membros do partido.” (GUEVARA, 2004f, p. 236)

Che acreditava que a vanguarda revolucionária – personificada, principalmente, nos membros do partido – tinha que guiar o povo no decorrer do processo de transformação da sociedade. Os trabalhadores mais conscientes e mais comprometidos com a revolução seriam indicados para fazer parte do partido. Reitera-se a importância do exemplo: “Esse partido se coloca firmemente na cabeça do Estado proletário e guia com suas ações, com seu exemplo, com seu sacrifício, com a profundidade do seu pensamento e a audácia dos seus atos cada um dos momentos de nossa revolução.” (GUEVARA, 2004f, p.236) O partido deveria atuar em cada unidade de produção, estimulando e servindo de exemplo aos operários para que eles sempre buscassem a mais alta produtividade e o desenvolvimento intelectual, este que

objetivava tanto a capacitação (qualificação) técnica quanto à ampliação da consciência e do nível cultural. Conforme definiu Guevara (1982i, p.193):

O grande papel do partido na unidade de produção é ser seu motor interno e utilizar todas as formas de exemplo de seus militantes para que o trabalho produtivo, a capacitação, a participação nos assuntos econômicos da unidade sejam parte integrante da vida dos operários, vá se transformando em um hábito insubstituível.

Para Guevara, o exemplo da vanguarda revolucionária era um ponto de referência fundamental para a tomada de consciência dos trabalhadores, e na relação dialética daquela (que comanda a transição) com o povo residiria um dos pontos-chave do processo revolucionário – a vanguarda como líder e organizadora da Revolução e seus membros como exemplos inspiradores para o povo cubano⁵⁵. Guevara (2004d, p.256) asseverou a esse respeito: “Em nossa ambição de revolucionários, tentamos caminhar tão depressa quanto possível, abrindo caminhos; mas sabemos que temos de nos nutrir da massa e essa somente poderá avançar mais rápido se a animamos com o nosso exemplo.”

O próprio ministro e comandante Che Guevara também procurava dedicar-se totalmente à revolução, sacrificando-se familiar e fisicamente, pois somente assim, pensava, seria um exemplo aos demais e, apenas com este tipo de atitude como a sua, os trabalhadores cubanos poderiam propiciar as almejadas transformações radicais dentro de condições objetivas tão complicadas e adversas – em suma, procurava se portar como o seu teorizado homem novo⁵⁶. Conforme descrito abaixo:

Creio que este espírito de sacrifício deve ser totalmente desenvolvido [...]. Um dirigente não pode ser uma pessoa normal nas condições de anormalidade em que devemos trabalhar neste momento. [...] pois estes são os anos em que o nosso trabalho é mais necessário. [...] Acontece que nós, dirigentes, devemos sentir esta obrigação e abandonar o falso conceito de nossa responsabilidade que nos leva a reservar-nos para o futuro. Não

⁵⁵ Em discurso proferido na CTC-R (Confederação dos Trabalhadores Cubanos – Revolucionários), no dia 11 de janeiro de 1964, Che ressaltou, uma vez mais, a importância do exemplo da vanguarda e dos próprios trabalhadores entre si para estimular e mobilizar a massa em torno dos objetivos da Revolução. Afirmou: “Façamos que o exemplo preceda às palavras, façamos com que cada um de nós seja uma bandeira que nossos companheiros tenham de seguir para a construção do comunismo.” (GUEVARA, 1982e, p. 147)

⁵⁶ Ricardo Rojo (1968, p.115) asseverou a este respeito: “Guevara encarnava uma boa parte destas virtudes do homem do futuro. Impunha-se obrigações extremas que podiam parecer inexplicáveis ou pouco práticas.” Ao que Che poderia replicar mediante a seguinte sentença: “Nosso sacrifício e consciente; cota para pagar a liberdade que construímos.” (GUEVARA, 2004d, p.268)

conseguiremos avançar as coisas se não for com o exemplo do presente.
(GUEVARA, 1982h, p.71)

Segundo Ricardo Rojo, amigo pessoal de Che durante a sua juventude, o revolucionário argentino-cubano sempre cobrou muito de todos ao seu redor e, principalmente, dele mesmo, pois se via como um parâmetro para os demais cubanos. Buscava, portanto, sempre agir de acordo com a ética socialista que propugnava. Se cobrava sacrifícios imensos e maior dedicação à causa revolucionária dos trabalhadores de Cuba, também assim o fazia consigo próprio. Rojo (1968, p. 109), assim sintetizou o comportamento de Che: “Guevara punha em funcionamento toda sua imaginação e energia para resolver a constelação de problemas que era o complexo industrial de Cuba. Era de implacável exigência com todos e todos o aceitavam sem protesto, porque ele era igualmente exigente consigo mesmo.”⁵⁷

Fidel, igualmente, afirma que Che Guevara demonstrava pouca auto-indulgência e quase nenhuma condescendência com ele próprio – sempre muito rigoroso e exigente nas críticas que fazia aos seus companheiros e também na sua autocrítica. Era seu hábito pensar criticamente em relação a qualquer coisa, demonstrando grande capacidade de refletir continuamente sobre os problemas de Cuba e do mundo. Segundo Fidel, Che “era muito exigente com ele. Às vezes, se cometia o menor deslize, já se criticava, não fazia outra coisa além de críticas, se autocriticava o tempo todo. Mas era muito honesto e muito respeitador.” (RAMONET, 2006, p. 275)

Desse modo, somente sendo exemplos de conduta e mantendo plena coerência entre o que professavam e o que faziam, os dirigentes revolucionários poderiam cobrar uma dedicação maior por parte de todos os trabalhadores da ilha. Tinham que inspirar e conscientizar não só com palavras, mas, principalmente, com atos. Segundo Che (destacado e premiado trabalhador voluntário), a participação intensa nesse trabalho adicional sem remuneração e o recebimento do diploma que premiava essa atitude de vanguarda

é simplesmente a demonstração necessária de que nós – que falamos constantemente da necessidade imperiosa de criar uma nova consciência para desenvolver o país e para que se possa defendê-lo frente às enormes

⁵⁷ Fidel, em entrevista a Ignacio Ramonet, afirmou que Che era exemplo desde os tempos da guerrilha em Sierra Maestra, quando este era comandante de uma coluna. “Ele era um exemplo, tinha muito moral e ascendência sobre a tropa. Para mim, era um modelo de revolucionário.” (RAMONET, 2006, p. 179) E continuou sendo enquanto Ministro das Indústrias, conforme atestou o líder máximo da Revolução Cubana: “Que trabalho fez Che, excelente! Que disciplina, que vocação, que estudioso, que abnegado, que exemplar, que austero! Qualquer tarefa que lhe déssemos, ele se entregava por inteiro” (RAMONET, 2006, p.239)

dificuldades que tem e os grandes perigos que o ameaçam – possamos mostrar nosso certificado de que estamos sendo conscientes e conseqüentes com o que dizemos e que, portanto temos o direito de pedir algo a mais do nosso povo. (GUEVARA, 1982j, p. 76)

Não obstante a posição de destaque alcançada meritoriamente por aqueles trabalhadores que passariam a cerrar fileiras no partido e que, a partir de então, fariam parte da vanguarda daquela revolução, Che alertava a respeito do fato de que tal situação (ser partidário do PC cubano ou membro de qualquer organização de massa) jamais poderia, em hipótese alguma, redundar em quaisquer tipos de benefícios materiais – deveria se ter acesso tão-somente ao que o povo também tinha acesso. Era condenável qualquer forma de locupletação baseada na posição política e organizativa alcançada. Os dirigentes eram espelhos nos quais se miravam o povo, verdadeiros exemplos para toda a população.

Por serem vanguarda e, ao menos supostamente, terem o nível de consciência mais avançado que a média da classe trabalhadora, não deveriam ser benefícios materiais que iriam estimulá-los e impulsioná-los, e sim a sua moral e a sua ética revolucionárias e solidárias. Segundo Che, como eram parâmetro e referencial, os dirigentes tinham que ser até mais exigentes consigo mesmos. Afirmou:

[...] a ação do partido de vanguarda consiste em levantar ao máximo a bandeira oposta, a do interesse moral, do estímulo moral, a bandeira dos homens que lutam, se sacrificam e não esperam nada mais do que o reconhecimento por parte de seus companheiros... (GUEVARA, 2004f, p. 240)

Ainda:

A atitude comunista frente à vida é mostrar com o exemplo o caminho que se deve seguir, é levar as massas, com o próprio exemplo, quaisquer que sejam as dificuldades a se vencer no caminho. (GUEVARA, 1982e, p.142)

Assim, ainda não se falava objetiva e recorrentemente da prática da organização institucional e política daquela revolução como forma de acelerar o processo cujo resultado final seria a auto-identificação dos trabalhadores como organizadores e motores da sociedade. Conforme Che: “Eles seguem a vanguarda constituída pelo partido, pelos operários mais avançados e pelos homens de vanguarda que caminham ligados às massas e em estreita comunicação com elas. As vanguardas têm os olhos voltados para o futuro...” (GUEVARA, 2004d, p. 256)

É muito provável que Che Guevara e a vanguarda revolucionária cubana, ao estruturarem a base do seu socialismo sob os determinantes de um Estado controlador e centralizador de decisões (ainda assim revolucionário), estivessem respondendo às vicissitudes e contingências daquele contexto histórico determinado⁵⁸. *A priori*, o que se buscou criar foi, ao menos, um mecanismo de relacionamento Estado-população de mão-dupla, cuja sensação e determinação do proletariado eram reverberadas no sentido do governo, até serem escutadas pela vanguarda que comandava o processo de transformação. Mantinha-se a idéia de que a população (e, mais especificamente, a classe trabalhadora) não teria condições ideológicas (além dos demais problemas objetivos) de construir o novo sistema apenas com as suas próprias mãos e sem uma direção clara – não, ao menos, naquela fase primeira fase de consolidação da Revolução. “O grupo de vanguarda é ideologicamente mais avançado que a massa; esta conhece os novos valores, mas insuficientemente.” (GUEVARA, 2004d, p. 256)

Ato contínuo, tornar-se-ia imprescindível a presença da vanguarda intelectual (situada no governo e no partido) para dar os primeiros passos do processo rumo à vitória do socialismo em Cuba. A *intelligentsia* cubana revolucionária tinha que comandar o processo de transformar toda a sociedade em uma grande escola, através de seus exemplos e do estímulo ao estudo político-histórico e técnico-científico. “Os homens do partido devem assumir essa tarefa e tentar conseguir o objetivo principal: educar o povo.” (GUEVARA, 2004d, p. 261)

A importância mais que essencial do exemplo da vanguarda – ainda que minoritária, mas cujo mérito principal dos dirigentes revolucionários que a ela pertenciam era o de saber interpretar os anseios das massas, que sempre retribuía com confiança em seus projetos e proposições – para inspirar a nova consciência socialista (que tinha que se realizar objetiva e materialmente mediante novos hábitos solidários e revolucionários) dos trabalhadores cubanos surge mais de uma vez no pensamento de Che Guevara. A esse respeito definiu:

O partido é o exemplo vivo: seus quadros devem dar aulas de labor e sacrifício, devem levar, com sua ação, as massas até o fim da tarefa revolucionária, o que implica anos de luta contra as dificuldades da

⁵⁸ Florestan Fernandes tece críticas a essa débil (ou ausente) institucionalidade revolucionária de parca representatividade popular, sugerindo e instando uma nova estruturação política, mais afeita e afim ao ideário marxista, nas relações massas-vanguarda: “[...] mesmo sem encarnar uma forma essencialmente democrática de decisão, a solução preferida poderia ser mais ou menos coerente com os princípios do marxismo-leninismo (este mais ou menos significa não flutuação nos princípios, mas adaptação deles às condições reais imperantes).” (FERNANDES, 1979, p.224)

construção, dos inimigos de classe, as marcas do passado, o imperialismo...
(GUEVARA, 2004d, p. 264)

Éder Sader afirma que Guevara, ao propugnar a necessidade da emergência de uma nova consciência, o fazia apenas contando com a força do exemplo da vanguarda, com o discurso moral e com a educação (dentro e fora da escola). Isto é, não estimulava a criação de comitês ou conselhos de trabalhadores ou de cidadãos que participariam objetiva e diretamente da gestão e organização de sua fábrica ou comunidades.

Para Guevara o mais importante é a nova consciência que vai orientar o crescimento num sentido socialista. [...] para isso [...], ele apela antes para a centralização estrita das decisões, o exemplo de novas atitudes e as discussões mais amplas. Mas *sem apontar para uma organização da produção que configure novas relações de produção*, sem apontar para os organismos da democracia socialista, voltamos a observar a mesma marca do voluntarismo revolucionário de seu pensamento. (SADER, 2004, p.49, grifos nossos)

O próprio esquema econômico e político da Revolução Cubana torna clarividente a não observância ainda – até por ser um período de transição que ocorre em condições objetivas muito difíceis – do advento do homem novo guevarista na ilha caribenha; isto é, as massas não comandavam diretamente a produção e a vida social, não tinham diretamente o destino em suas mãos. O povo acatava, após exposição e subsequente compreensão, algo planejado e pensado pela vanguarda revolucionária. Che sintetizou esse tipo de organização:

À cabeça da imensa coluna está Fidel [...], depois estão os melhores quadros do partido e imediatamente depois, tão perto que sua enorme força pode ser sentida, está o povo em seu conjunto; sólida armação de individualidades que caminham até um fim comum; indivíduos que chegaram à consciência do que é necessário fazer; homens que lutam para sair do reino da necessidade e entrar no da liberdade. (GUEVARA, 2004d, p.267)

Mesmo acreditando no papel fundamental da vanguarda na condução e orientação do processo revolucionário, Guevara tinha claro que tal ação somente surtiria efeito caso representasse a vontade e o pensamento do povo, base sem a qual qualquer transformação radical de talhe comunista tornar-se-ia inexequível. Isto posto, os dirigentes deveriam estar o mais próximo possível das massas – sempre as escutando e tentando colocar em prática o que lhes foi solicitado democraticamente.

[...] não há outra saída, outra maneira de interpretar os fatos, não há outra forma de atuar, para um verdadeiro revolucionário, consciente de seus deveres e ao mesmo tempo querendo triunfar no menor espaço de tempo possível, não há outro caminho senão o apoio total, irrestrito na classe operária, seguindo suas orientações, auscultando suas opiniões, auscultando suas emoções e tentando – pelo menos em algum momento – interpretar talvez um pouco melhor a realidade, para ordenar ou introduzir alguma pequena mudança no caminho. (GUEVARA, 1982g, p. 148)

Guevara temia que a burocratização e o sectarismo dificultassem essa apreensão dos anseios populares pela vanguarda; temia que a voz do povo – “que é a voz mais sábia e mais orientadora” – não chegasse aos ouvidos dos dirigentes da revolução. Assim, Che queria aumentar a quantidade e melhorar a qualidade dos veículos de expressão entre o povo e o governo – queria ouvir as “palpitações do operário” Ademais, também demonstrava preocupação a respeito de como esse formalismo e esse burocratismo poderiam esfriar a relação da vanguarda com o povo. Apesar de existir um grupo vanguardista à frente do processo revolucionário, ninguém deveria aceitar nenhuma determinação que não lhe estivesse plenamente clara, somente com o intuito de cumprir uma ordem “às cegas” e de maneira não-reflexiva.

Assim, se deveria ter total consciência do sentido e do significado de cada ato individual, com a alienação sendo combatida mediante o exercício da reflexão em todos os momentos da existência social. Dentre as recomendações de Che ao povo, destacam-se: “Colocar tudo o que não se compreende; discutir e pedir esclarecimento daquilo que não é claro; declarar guerra ao formalismo, a todos os tipos de formalismo.” (GUEVARA, 2004c, p.275)

Não obstante a exaltação guevarista do papel da vanguarda na direção da revolução, Che propugnava que os diversos coletivos populares e os órgãos subordinados ao poder estatal tinham que ter mais iniciativa e criatividade, não ficando o tempo inteiro aguardando as determinações do partido a serem cumpridas. Dizia que era absurda a dependência total da massa ou da máquina burocrática a um organismo maior e que se devia começar a pensar com a própria cabeça, por mais que esses agrupamentos ou indivíduos não encontrassem naquele momento vias institucionais ou condições materiais totalmente favoráveis para fazê-lo. Ressaltava ainda a importância da interação dialética desses organismos oficiais (ocupados

pela vanguarda) com as bases, não permitindo simplesmente o envio orientações numa direção única, de cima para baixo.

A comunicação entre dirigentes, vanguarda operária e demais trabalhadores era, para Guevara, essencial ao funcionamento a contento do novo Estado revolucionário. Desta forma, os vanguardistas que ocupavam postos de relevo no governo cubano tinham “de entrar em contato direto com a massa e receber da massa dos trabalhadores, em todos os lugares onde seja possível, opiniões, sugestões, orientações, sua voz de comando, porque é o povo quem faz a história.” (GUEVARA, 1982g, p. 151)

Havia de se trocar idéias e sensações com a população e refletir se cada uma das diretrizes propostas ao povo tinha completa consonância com os seus anseios. Os burocratas, por não interagirem com as massas, dizia Che, acabavam não tendo nenhuma iniciativa criativa e ficavam somente aguardando instruções de um órgão político imediatamente superior. Che critica o isolamento dos organismos burocráticos da revolução:

Essa falta de iniciativa própria se deve ao desconhecimento, durante um bom tempo, da dialética que move os organismos de massas, e ao esquecimento de que os organismos [...] não podem ser simplesmente organismos de direção, que não podem constantemente mandar diretrizes até as bases, sem nunca receber nada delas. [...] É necessário um duplo e constante intercâmbio de experiência, de idéias, de diretrizes... (GUEVARA, 2004c, p.271)

À população também foi dedicada grande parte da crítica de Che quando este falou sobre conformismo e desinteresse por assuntos de talhe não diretamente individual. Guevara, ao dissertar sobre a criação pelo governo dos Conselhos Técnicos Assessores (órgãos que viabilizariam uma melhor comunicação entre a vanguarda e o povo), faz uma dura crítica à postura desinteressada dos cubanos por assuntos políticos e econômicos que têm força de determinação direta em sua vida. Tinha-se que buscar a informação, para tornarem-se cada vez mais conscientes e participativos nas decisões coletivas. A população deveria começar a acostumar-se com a idéia e a prática de que tanto a produção quanto a organização da vida social passaria a ser controlada diretamente por ela.

Ao passar dos anos, com o desenvolvimento da consciência e das forças produtivas, a figura do Estado como reguladora das relações sociais teria que ser descartada. O objetivo é

que todos participassem de tudo – nada sendo delegado a outrem e simplesmente esquecido. Logo abaixo, conclama e exalta a participação popular consciente:

Porque se deve haver pressão das massas e uma série de coisas, porque as massas têm de ter interesse em saber o que é um plano econômico, o que é a industrialização, o que compete a cada fábrica, o que é o seu dever, [...] o que são os interesses da classe operária em cada fábrica. Todos esses são problemas que têm de agitar as massas.

A massa tem de estar constantemente a par do que se passa em seu centro de trabalho e relacioná-lo com a vida de toda a nação. (GUEVARA, 1982a, p.51)

Éder Sader comenta a respeito do hipotético temor de Che de reproduzir a experiência russa em território cubano – depreende-se daí a ausência de estímulos à criação de organizações de massa que poderiam, eventualmente, redundar em uma extrema burocratização de todo o sistema. Ademais, Che e o governo revolucionário só não diminuía a centralização das decisões econômicas e políticas pela vanguarda porque acreditavam que alguns quadros (e a população em geral) não tinham ainda a necessária formação ideológica, teórica e técnica pra comandar todo o processo de transformação radical da sociedade.

Desse modo, a organização social em conselhos, comitês ou assembleias populares parece não ser, à primeira vista, uma prática patrocinada pelo governo revolucionário. Este que, principalmente através de Che e Fidel, utilizava táticas educacionais e morais para tornar exequível a hercúlea missão de excluir completamente os valores burgueses (egoísmo, individualismo etc.) ainda presentes na população cubana que tentava construir a sociedade socialista. Guevara acreditava na eficácia do método que o governo usava para interagir com o povo naquele momento. Principalmente nas grandes concentrações públicas, onde Che afirmava haver um “diálogo de intensidade” entre Fidel e a massa. Sentenciou:

Fidel é mestre nisso e seu modo particular de integração com o povo só pode ser apreciado vendo-o atuar. [...] O que fica difícil entender para quem não vive a experiência da revolução é essa estreita unidade dialética existente entre o indivíduo e a massa, em que ambos se inter-relacionam, e a massa por sua vez, enquanto conjunto de indivíduos, se inter-relaciona com os dirigentes. (GUEVARA, 2004d, p. 250-1)

Outro ponto que talvez explique a vacilação de Guevara em relação a eventuais atitudes de estímulo à criação de organismos decisórios de massa surge concomitantemente

com a sua preocupação de não transplantar os fundamentos da organização política burguesa para aquela experiência socialista. Não obstante esse auto-reconhecido limite teórico do revolucionário cubano, ele delinea e expõe a imprescindibilidade da criação de instituições revolucionárias que, formadas pela vanguarda, conduziriam o processo de transformação social em Cuba. A vanguarda seria selecionada entre os próprios trabalhadores e essa instituição teria, dentre outras funções, a responsabilidade de premiar os adeptos mais conscientes da Revolução e punir os que tentassem sabotá-la. Parece, de fato, que Che ainda não possui a “fórmula” dessas instituições revolucionárias – queria evitar no terreno político, assim como também sempre rechaçou no econômico, qualquer categoria da “democracia” burguesa na institucionalização da democracia socialista. De acordo com Che:

Essa institucionalidade da revolução ainda não foi alcançada. Buscamos algo novo que permita a perfeita identificação entre o governo e a comunidade em seu conjunto, ajustada às condições peculiares à construção do socialismo e fugindo ao máximo dos lugares comuns da democracia burguesa, transplantados para a sociedade em transformação... (GUEVARA, 2004d, p. 257)

Guevara afirmava não haver pressa em construir e estabelecer essa institucionalização socialista, pois temia que ela provocasse, através da formalidade e da burocracia, uma diminuição do contato da vanguarda com o povo. Perdendo-se em um excesso de burocratismo, a Revolução poderia desviar-se de seu objetivo principal (a emancipação humana) ao deixar de enxergá-lo no horizonte, perdida que estaria com as tarefas da nova legalidade. Guevara (2004d, p. 257) definiu: “ O freio maior que encontramos foi o medo de que qualquer aspecto formal nos separe das massas e do indivíduo, nos faça perder de vista a última e mais importante ambição revolucionária, que é a de ver o homem libertado de sua alienação.”

Portanto, Che estava disposto a estimular a criação de instituições revolucionárias, todavia ainda sem conhecer a sua forma e aspecto – tão-somente imaginava o papel de grande relevo que, ao menos inicialmente, teria a vanguarda da revolução nestas. A vanguarda comandaria o início do processo revolucionário, depois seriam os trabalhadores – talvez a partir da sua própria unidade de produção, como abaixo especula e teoriza Che – que definiriam conscientemente os rumos do trabalho, da produção e da vida social.

Poderíamos considerar que o centro de trabalho fosse a base do núcleo político da sociedade futura, cujas indicações, passando para organismos

políticos mais complexos, dariam ao partido e ao governo a oportunidade de tomar decisões fundamentais para a economia ou para a vida cultural do indivíduo. (GUEVARA, 1982i, p. 201)

Mesmo sem uma estrutura de representatividade popular que, naqueles idos de 1960, organizasse e projetasse mais clara e objetivamente os anseios das massas, Guevara afirma que estas já se encontram consciente e que já se apresentam como sujeitos de sua própria história.

Apesar da carência das instituições, o que deve ser superado gradualmente, as massas agora fazem a história como um conjunto consciente de indivíduos que lutam por uma mesma causa. [...] apesar da falta do mecanismo perfeito para isso, sua possibilidade de se expressar e de influir no aparato social é infinitamente maior. (GUEVARA, 2004d, p. 257)

À falta do instrumental político para as massas intervirem na condução direta do processo revolucionário cubano, Che não responde com uma institucionalização apressada da Revolução. Ressurge aqui como justificativa plausível e coerente com o pensamento guevarista para tal posicionamento, o fato de que aqueles que comporiam os órgãos de representatividade popular não tivessem uma preparação ideológica suficiente para assumir tamanha tarefa. Talvez, para Guevara, naqueles idos dos anos 1960, fosse ainda o momento para educar e conscientizar o povo para, somente então, aprofundar o processo de institucionalização. Supõe-se que com um maior nível intelectual e de consciência haveria maiores possibilidades dessa institucionalização não se transformar em burocratização das relações entre a vanguarda e a massa.

Neste ínterim, enquanto não se alcançava tal patamar de consciência, dever-se-ia acentuar e incentivar a participação consciente do trabalhador (de forma individual ou coletiva) em “todos os mecanismos de direção e produção”, vislumbrando, desde já, a meta de se extinguir a divisão existente entre trabalho manual e trabalho intelectual. Ademais, dever-se-ia, igualmente, sublinhar a importância da educação técnica, além da ideológica, e sua relação direta com aquela participação consciente, pois somente com esse tipo de conhecimento os trabalhadores poderiam participar da concepção dos produtos que satisfarão às necessidades da população cubana. Guevara (2004d, p.258) asseverou desta forma a respeito do novo tipo de trabalho que surgiria mediante a conscientização e a emancipação dos homens:

Desse modo alcançará a total consciência do seu ser social, o que equivale à sua plena realização como criatura humana, uma vez quebrada as correntes da alienação. Isso se traduzirá concretamente pela reapropriação de sua natureza através do trabalho liberado e a expressão de sua própria condição humana através da cultura e da arte. [Para tanto,] o trabalho deve adquirir uma nova condição...

Assim, Che parece ter compreendido que a libertação total dos homens das amarras mentais e físicas impostas pelo capital só seria conquistada na medida em que eles participassem conscientemente tanto da direção (de fábricas e regiões) quanto da produção (extinta a divisão trabalho intelectual/trabalho manual) – e a base para tamanha transformação seria a concepção e a objetivação de um novo tipo de atividade ou trabalho humano.

A ausência de assiduidade de setores da vanguarda revolucionária nas brigadas de trabalho voluntário da ilha também era duramente criticada por Guevara, que dava tanta importância à organização política e formação teórica desse grupo quanto à sua participação efetiva e concreta nas ações que envolvem a iniciativa de todos na edificação e construção do socialismo. Especificamente aos jovens membros da vanguarda⁵⁹, Che afirma que estes deveriam e tinham a obrigação de servir de exemplo e inspiração para as massas, sendo a disseminação da ideologia do trabalho voluntário, segundo Guevara, fundamental para o desenvolvimento da nova base produtiva e para a ascensão da nova consciência. Sobre a omissão de jovens dirigentes comunistas em relação ao trabalho voluntário, Che afirmou:

O resultado é que a atitude fundamental, a atitude de vanguarda do povo, a atitude de exemplo vivo que comove e impulsiona todo mundo – como o fizeram os jovens da Playa Girón – essa atitude não se repete no trabalho. A seriedade que deve ter a juventude hoje para enfrentar os grandes compromissos – e o compromisso maior é a construção da sociedade socialista – não se refletem no trabalho concreto. (GUEVARA, 2004c, p.272)

Desse modo, a juventude, parte da população considerada mais maleável ideologicamente por Che – devido ao fato de ainda encontrar-se em formação – não havia se

⁵⁹ Para Che, o jovem comunista deveria estar sempre entre os primeiros em tudo no grupo de vanguarda, quaisquer que fossem as atividades a serem executadas, pois só assim seriam parâmetro e referência a todos na sociedade, principalmente aos mais velhos. Assim, tinham que “ser um exemplo vivo, ser o espelho em que se refletem os companheiros que não pertencem às juventudes comunistas, ser o exemplo no qual se podem reconhecer os homens e as mulheres de idade mais avançada, que perderam certo entusiasmo juvenil, que perderam a fé na vida e que, diante do estímulo do exemplo, sempre reagem bem.” (GUEVARA, 2004c, p.277)

conscientizado a respeito da importância do trabalho para o desenvolvimento econômico do país e para ampliação das possibilidades de vitória (inclusive militar) da revolução advindas da atividade produtiva. Daí deduz-se, com Guevara, que o trabalho em Cuba seria ainda sentido como uma penitência e uma atividade cujo fruto seria apropriado privada e não socialmente. Igualmente, não se teria alcançado – naquela década de 1960 – o estágio de uma sociabilidade comunista em que o trabalho passasse a significar (com uma dialética realização objetiva) uma contribuição consciente individual e voluntária para o desenvolvimento econômico, cultural e social de toda a comunidade.

Tal constatação contrasta com uma afirmação de Che (datada de 1963) em que este afirma que, naquela época, a vanguarda revolucionária já havia conseguido conscientizar o povo a respeito da importância do trabalho, força-motriz fundamental e principal do desenvolvimento da sociedade. Sentenciou: “[...] conseguimos inculcar na consciência dos trabalhadores que é o trabalho produtivo o impulsionador da sociedade e deve ser colocado em primeiro lugar entre todas as atividades de qualquer espécie que se desenvolvem nela, salvo a defesa nos momentos de perigo.” (GUEVARA, 1982c, p. 14-5)

Guevara sabia da centralidade que tem o trabalho e a classe trabalhadora na sociedade. Portanto, o rumo e a direção do desenvolvimento social deveria ser dado por esses detentores da capacidade de criar valor através da sua atividade – o proletário tem que encampar a luta pelo socialismo, pois é ele quem produz toda a riqueza e possibilita a reprodução social da comunidade humana. Guevara (1982g, p. 148), assim sintetizou esse conceito:

[...] quem faz a história, quem a faz dia-a-dia, mediante o trabalho e a luta cotidiana, quem a afirma e a converte em realidade nos grandes momentos, é a classe trabalhadora. São os operários, são os camponeses [...] os criadores desta revolução, criadores e sustentáculos de tudo o que há de bom.

Ato contínuo, para Che, um dos métodos de aferição da empolgação e de dedicação dos trabalhadores ao processo de transformação radical então em voga em Cuba era o nível de comparecimento nos dias de trabalho voluntário. O fato objetivo da baixa assiduidade de certos grupos da vanguarda, e até mesmo da população de uma maneira geral, aos programas e iniciativas baseadas no trabalho voluntário, talvez demonstrasse como o trabalho ainda era em Cuba algo que, como afirmou Marx, se fugia assim que houvesse a primeira oportunidade ou quando estivesse garantida, ao menos, a subsistência física do trabalhador. Com o objetivo de alterar essa noção da população em relação ao trabalho, tentando demonstrar o seu novo sentido no novo contexto revolucionário, Che Guevara procurou descobrir como transformar

a conotação do trabalho humano através da educação política e moral e da prática objetiva do trabalho voluntário.

Capítulo 3 – NOVAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E A BUSCA PELA OBJETIVIDADE CONSCIENTE

3.1 Trabalho Voluntário e Novo Trabalho

Ainda na transição para o socialismo poder-se-ia alcançar, segundo Che Guevara, uma verdadeira consciência comunista – esta que serviria de catalisadora (consciência que redundava em maior dedicação à produtividade) no longo caminho que estaria a ser construído. Nesse sentido o trabalho voluntário tinha muito a contribuir, haja vista a sua importância vital para a materialização daquele novo ideário e para a consequente determinação do advento das novas relações de produção mais avançadas.

O trabalho voluntário é a expressão genuína da atitude comunista perante o trabalho, em uma sociedade onde os meios fundamentais de produção são propriedade social [...]. O trabalho voluntário é uma escola criadora de consciência, é o esforço realizado na sociedade e para a sociedade como contribuição individual e coletiva, e vai formando esta alta consciência que nos permite acelerar o processo de passagem para o comunismo.⁶⁰

Dessa forma, para Guevara, uma das formas mais eficientes de criar e desenvolver a nova mentalidade do novo homem cubano era a prática do trabalho voluntário – através dela os trabalhadores poderiam objetivar e materializar os novos valores que eram por eles apreendidos na educação e auto-educação cotidianas. Na atividade de cariz voluntário, o povo de Cuba poderia concretizar aquela consciência mais avançada adquirida ao longo de todo processo revolucionário. Igualmente, teria a possibilidade de extrair novos valores a partir dessa práxis solidária e comunista de modo que o trabalho voluntário não só refletiria um maior grau de consciência, como também estimularia, em contrapartida, o desenvolvimento da mesma. Deveria ser um valor transformado em hábito consciente apreendido e praticado por todo o povo. “E por isso estamos interessados no trabalho voluntário, que é também uma

⁶⁰ Comunicado elaborado em agosto de 1964 no Auditório da CTC – Central Sindical dos Trabalhadores de Cuba e firmado pelos Ministérios das Indústrias, do Açúcar, da Justiça e pela própria CTC por ocasião da criação do plano de emulação para o semestre seguinte. In: GUEVARA, Ernesto Che. Uma Atitude Comunista frente ao Trabalho. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982j, p.80.

forma de desenvolvimento da consciência. Atualmente o trabalho voluntário deve tornar-se um fenômeno das massas...” (GUEVARA, 1982h, p.59)

Assim, ao participar de dias de trabalho voluntário, um cubano demonstrava já uma consciência mais avançada e, concomitantemente, aprofundava e aprimorava esse seu pensamento solidário e coletivista, exteriorizando, objetivando e confirmando tal tendência moral no desenrolar da atividade. Michael Löwy definiu a importância do trabalho voluntário de inspiração guevarista: “era a escola prática e cotidiana de auto-educação política, que prepara e acelera a transição para a sociedade comunista.” (1999, p.96)

O trabalho voluntário, além disso, expressava a consciência coletiva dos trabalhadores, seu nível de mobilização e sua identificação e entusiasmo com a empreitada revolucionária. Era um bom termômetro para sentir a reação popular frente às transformações do momento possibilitadas e realizadas pela Revolução.

Segundo Che, os trabalhadores voluntários tinham a consciência revolucionária mais desenvolvida e, em suas atividades, colocavam em prática os verdadeiros ideais de um comunista. A questão da consciência que se reflete através de um esforço voluntário e é ampliada a partir dos seus atos, já aparecia no desenrolar da guerrilha em Sierra Maestra mediante o próprio exemplo pessoal de Guevara. Demonstrando plena consciência da importância e significado daquela guerra, Che sempre se dispôs integralmente em favor da conquista dos seus objetivos. Manteve a coerência (que cobrava dos demais na sua coluna ou no Ministério) entre o que propugnava e sua prática. Fidel Castro, em entrevista concedida ao jornalista francês Ignacio Ramonet, comenta os trabalhos voluntários do soldado, médico e comandante Che Guevara:

[...] a cada vez que faltava, quando éramos ainda um grupo muito reduzido, um voluntário para uma tarefa determinada, o primeiro que se apresentava era Che. [...] Desde os primeiros momentos já se destacava... Cada vez que era necessário um voluntário para uma missão difícil, porque havia algo, uma surpresa, armas que podiam aparecer, o primeiro voluntário era Che. [...] Era o primeiro voluntário para qualquer missão difícil... (RAMONET, 2006, p.166)⁶¹

⁶¹ “Essa era umas suas características essenciais: a disposição imediata, instantânea, a se oferecer para realizar a missão mais perigosa.” CASTRO RUZ, Fidel. *Discurso en La Velada Solemne en Memória del Comandante Ernesto Che Guevara*. Plaza de La Revolución, 18 de outubro de 1967. Extraído do sítio <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f181067e.html> em 18/10/2008.

Che costumava afirmar que o Ministério das Indústrias – por ele chefiado – era uma instituição de vanguarda em relação à busca permanente do aumento do grau de consciência do trabalhador mediante estímulo da prática voluntária (não utilizava, portanto, somente a educação e propaganda ideológica). “[...] o Ministério da Indústria tem o sincero orgulho de haver estado sempre à frente no aprofundamento da consciência revolucionária pela via do trabalho coletivo, do trabalho de natureza social e voluntária...” (GUEVARA, 1982j, p.75). Segundo Fidel, Che foi o principal artífice, idealizador e impulsionador (com o seu próprio exemplo, inclusive) do trabalho voluntário em Cuba⁶² – legado que deixou à ilha caribenha e que trouxe muitas benesses à Revolução. Fidel assim sintetizou a importância de Guevara na iniciativa do trabalho voluntário:

Che incentivou muito o trabalho voluntário. Foi o criador, o promotor do trabalho voluntário em Cuba. Todos os domingos ele ia fazer um trabalho voluntário, um dia na agricultura, outro dia experimentar uma máquina, outro dia construir. [...] Deixou-nos a herança daquela prática que, com seu exemplo, conquistou a simpatia ou a adesão prática de milhões de nossos compatriotas. Um verdadeiro exemplo! (RAMONET, 2006, p.239)

Ainda:

Foi o inspirador e máximo impulsionador desse trabalho que hoje é atividade de centenas de milhares de pessoas em todo país, o impulsionador dessa atividade que cada dia ganha junto às massas de nosso povo maior força.⁶³

Guevara, em consonância com a sua crença no poder emancipador do trabalho voluntário, insistia que os trabalhadores administrativos e dirigentes realizassem, no chão de fábrica e nos campos, tarefas suplementares às suas respectivas funções burocráticas, como um modo de ampliar a sua consciência e conhecimento da realidade dos demais trabalhadores e da sociedade em geral. Afirmou: “O trabalho voluntário irá aprofundando a consciência de todos os trabalhadores e nisto me interessa principalmente os administradores porque é a única forma de se inteirarem dos problemas.” (GUEVARA *apud* PÉREZ-GALDÓS, 1988, p.147, tradução nossa)

Como pudemos observar até este ponto, a importância vital do trabalho voluntário residia, para Che, na sua potencialidade em ampliar o grau de consciência de quem se

⁶² Antes da implantação de programas organizados de Trabalho Voluntário pelo governo revolucionário, já em 1960 apelava-se à consciência dos trabalhadores quando a estes era solicitada uma contribuição, em forma de doação de um percentual do salário, para os programas de industrialização e compra de armamento.

⁶³ CASTRO RUZ, Fidel, *ibidem*.

dedicasse à sua prática. Muito mais do que aumentar a produção, buscava-se, com tal iniciativa, aglutinar e reunir experiências que moldassem o homem novo. Ao trabalhar voluntariamente, o (ainda) proletariado cubano dava claros sinais de que sua consciência – no que tangia o processo revolucionário e a relevância de sua atividade para o desenvolvimento da sociedade – já se havia adiantado mais, estando igualmente mais solidária e com maior capacidade inteligível⁶⁴. O trabalho voluntário refletia uma consciência avançada e gerava, concomitantemente, uma consciência ainda mais profunda e desenvolvida.

A importância que tem o trabalho voluntário não se reflete na parte diretamente econômica que pudesse ser concernente às empresas ou Estado. Reflete-se na consciência que se adquire frente ao trabalho, no estímulo e no exemplo que significa essa atitude para todos os companheiros das diferentes unidades de trabalho. (GUEVARA, 1982e, p.142)

Destarte, segundo Che, nada era mais eficaz para se aprofundar a consciência da população do que o trabalho voluntário. “[...] a nossa necessidade máxima é ampliar o trabalho voluntário pelos fins educativos que tem...” (GUEVARA, 1982j, p.82). Seria mediante a sua prática que trabalhadores de um setor especializado poderiam entrar em contato com ramos da produção nacional que nunca conheceram; seria também no desenrolar dessa atividade de talhe comunista que os homens sentiriam interior e mais diretamente a sua contribuição para o desenvolvimento social. Sem vilipendiar o aumento da produção propiciado pelo sucesso de tais programas de estímulo do trabalho voluntário, Che sempre fez questão de sublinhar que a principal benesse que adviria com essa prática rotineira era a ampliação do grau de conscientização de todos os envolvidos e o subsequente desenvolvimento do homem novo. Conforme Guevara (1982j, p.76):

Por isto nós afirmamos que o trabalho voluntário não deve ser visto pela importância econômica que representa atualmente para o Estado; o trabalho voluntário, fundamentalmente, é o fator que desenvolve a consciência mais que qualquer outro. E ainda mais quando estes trabalhadores exercem seu trabalho em lugares não habituais, cortando cana, em situações bastante difíceis às vezes, ou quando nossos trabalhadores administrativos ou técnicos que conhecem os campos de Cuba e conhecem as fábricas de nossa indústria por haverem trabalhado nela voluntariamente.

⁶⁴ Sobre dois cortadores de cana que tiveram suas produções individuais muito acima da média, Che afirmou que essa atitude e entrega era reflexo de uma consciência mais aprofundada. Demonstrava um outro grau de percepção (mais crítico) da realidade cubana. “[...] desenvolveram grandemente a sua consciência política. A produção, nestes níveis fantásticos, significa um grande desenvolvimento político.” (GUEVARA, 1982g, p.149)

Assim, graças ao componente ideológico e libertador (de preconceitos e juízos burgueses) que conformava o trabalho voluntário – cuja atividade agregava novas perspectivas e referências às pessoas que o exerciam – objetivou-se torná-lo cada vez mais popular na ilha caribenha durante os anos guevaristas.

[...] que cada vez se faça uma coisa mais ampla, para que se trabalhe uma boa quantidade de horas por homens em cada setor. Para quê? De novo: para que cada um adquira mais consciência. Claro que isto é uma coisa eficaz para a produção pelo que significa e, além disso, pelo que significa também como exemplo, como desenvolvimento da consciência. (GUEVARA, 1982j, p.79)

Portanto, o trabalho voluntário tinha, como vimos logo acima, a capacidade de agregar benefícios que redundavam em aumento de produtividade (ganhos econômicos) e em elevação do grau de consciência, desenvolvendo o homem novo que construía a nova sociedade socialista e que era, por sua vez, construído por ela.

Che propugnava igualmente que o trabalho voluntário era uma prática que, justamente por aproximar trabalhadores de áreas distintas – principalmente os que durante o período regular se dedicavam às tarefas de gerenciamento e concepção e nos fins-de-semana colocavam a “mão na massa” –, seria fundamental para ir se pavimentando, paulatinamente, um modo de trabalhar diverso do método de trabalho típico do capitalismo (onde se prescrevia a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual). Com o passar do tempo e o desenvolvimento material e espiritual de toda a sociedade, os trabalhadores participariam não só da fabricação manual de um produto, mas também da sua elaboração conceitual (projeto) e, não menos importante, da decisão de fazê-lo ou não (via planificação, p. ex.). Assim Che Guevara sintetizou a sua plena compreensão concernente à essencial importância que existe na extinção da divisão entre concepção e execução na atividade produtiva para o estabelecimento e a evolução do homem novo:

O trabalho se converte então em um veículo de ligação e de compreensão entre nossos trabalhadores administrativos e os trabalhadores manuais para preparar o caminho em direção a uma nova etapa da sociedade, onde não existirão as classes e, portanto, *não poderá haver diferença alguma entre trabalhador manual e trabalhador intelectual*, entre operário e camponês. Por isso nós o defendemos com tanto afinco e tratamos de ser fiéis ao

princípio de que os dirigentes devem ser o exemplo⁶⁵... (GUEVARA, 1982j, p.76, grifos nossos)

O homem novo plenamente consciente e livre da alienação saberá o que está fazendo e como (tem o controle da produção), além de compreender o porquê de tal iniciativa (tem o controle da vida social). Executando uma atividade de forma voluntária, o trabalhador cubano confirmava, reforçava, materializava e cristalizava a sua idéia em relação à importância de sua função para com a sociedade que se estava erigindo – passando enxergar de forma material e objetiva todos os discursos e idéias propaladas continuamente pela vanguarda revolucionária. Ademais, ampliava o seu leque de vivência e conhecimento quando se dispunha a fazer algo fora da sua esfera profissional convencional.

Sempre que praticassem as atividades com essa consciência mais profunda, materializando-a com uma atitude vanguardista, os homens tornavam-se cada vez melhores e mais conscientes – a prática confirmava e aprofundava aquele grau de consciência prévio. Além de contribuir para o aumento da riqueza material social, o trabalhador desenvolvia o seu espírito comunista. De acordo com o que afirmou Guevara (1982j, p.76): “[...] junto com o trabalho que todos os dias está realizando a tarefa de criar novas riquezas para distribuir para a sociedade, o homem que trabalha com esta nova atitude está se aperfeiçoando.”

O trabalhador voluntário era um homem de vanguarda, que tinha um nível de consciência mais alto e que, ao colocá-la em prática, passava a servir de referência aos demais trabalhadores. Estes se estimulavam com o que viam, e aquele sofria um aprofundamento cada vez maior na sua consciência comunista. A sua atitude comunista avançada abria caminho para o desenvolvimento da consciência e da prática comunista dos demais e dele próprio.

[...] os trabalhadores voluntários de vanguarda são os homens que cumprem mais plenamente os ideais do verdadeiro comunista, os ideais do verdadeiro comunista que em seu lugar de trabalho, em seu centro de produção – que é seu lugar de luta, sua trincheira – diz aos demais: ‘Segue-me por este caminho’. (GUEVARA, 1982e, p.142)

⁶⁵ Che Guevara chefiava um Batalhão Vermelho composto por 120 “burocratas” do Ministério das Indústrias que, para permanecerem nesse agrupamento, tinham que trabalhar voluntariamente no mínimo 240 horas por semestre – inclusive o próprio ministro. No ato em que fez esse discurso, Che recebeu o seu Certificado de Trabalho Comunista. Acreditava, como Fidel, que o exemplo da vanguarda era fundamental para estimular o povo. “Nós sabemos – e sabemos por experiência própria – que fazer duzentas e quarenta horas [de atividade adicional sem remuneração] já é pesado, que não podemos querer que todos os companheiros tenham esta mesma eficiência [...]; mas nós queremos que isso sirva de exemplo, que mais pessoas se entusiasmem e mais pessoas contribuam para o trabalho voluntário.” (GUEVARA, 1982j, p.76)

Desse modo, podemos asseverar que o trabalhador voluntário de vanguarda é a própria síntese do homem novo teorizado por Che. Isto é, trata-se de um trabalhador que, ainda na fase de transição socialista, já possui uma consciência e uma atitude mais avançadas, comunistas. O homem novo é um exemplo para os demais, caminha à frente, é vanguarda dos trabalhadores, inspira-os pelo seu pensamento e moral. Porém, o fator determinante de estímulo é a coerência que possui entre o seu discurso – que se materializa e se objetiva o tempo todo em ações concretas – e a sua prática solidária.

Cabe aqui ressaltar outra variável fundamental que determina também a importância do trabalho voluntário em relação à consciência: a hora dedicada à atividade voluntária é aquela hora que reflete plenamente a consciência avançada de quem a emprega. Ou seja, no tempo adicional dedicado ao desenvolvimento da nação ficava demonstrado e materializado inequivocamente a compreensão do significado daquela Revolução e o comprometimento individual com ela. As horas ordinárias ainda carregavam o ranço – afinal, tratava-se de uma sociedade de transição – da obrigatoriedade do trabalho que garante a subsistência da vida, tão peculiar à sociabilidade capitalista. Guevara (1982j, p.79) assim asseverou: “[...] que se amplie cada vez mais a base dos trabalhadores que participam da construção social conscientemente, porque cada hora que se dá é uma hora consciente; as outras entram no mecanismo das relações sociais e é uma hora mais ou menos inconsciente.”

Uma das formas do Governo Revolucionário estimular a adesão de novos cubanos para o trabalho voluntário, com o objetivo tanto de alavancar a produção como de aumentar o nível de consciência da população, era organizando a emulação (ou desafio) entre diferentes organismos estatais⁶⁶ (Ministério das Indústrias, Ministério da Indústria Açucareira, Ministério da Justiça etc.). Buscava-se com tais intentos a adesão de novos participantes – mostrando a eles a relevância e o significado dessas horas de sacrifício adicional para o

⁶⁶ Dentre as regras estabelecidas nesses desafios, constava a definição de trabalho voluntário (atividade “que se realiza fora das horas normais de trabalho sem receber remuneração econômica adicional”) e os tipos de trabalho que poderiam ser aceitos na emulação (trabalho produtivo industrial ou agrícola, trabalho de ensino educativo não-remunerado e trabalho técnico). Ademais, havia grande controle das atividades executadas voluntariamente, estas que tinham que ser praticadas com esmero e organização. “A boa organização do trabalho voluntário é o requisito fundamental do desenvolvimento desta atividade; [...] Para qualificar o trabalho do batalhão, assim como sua contribuição ao desenvolvimento da sociedade socialista, realizar-se-á o mais estrito controle do trabalho executado.” (Excertos do comunicado elaborado em agosto de 1964 no Auditório da CTC – Central Sindical dos Trabalhadores de Cuba e firmado pelos Ministérios das Indústrias, do Açúcar, da Justiça e pela própria CTC por ocasião da criação do plano de emulação para o semestre seguinte. GUEVARA, Ernesto Che. Uma Atitude Comunista frente ao Trabalho. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982j, p.80).

desenvolvimento da nação, bem como a intensificação da dedicação de quem já era afeito ao trabalho voluntário.

A execução desse trabalho voluntário era reflexo também da nova conotação que ganhava, pouco a pouco, o trabalho na ilha. Como citado anteriormente, era uma preocupação constante do Che que a população passasse a se identificar cada vez mais com a sua atividade produtiva, buscando-a livremente (sem a compulsão da necessidade de subsistência), como uma forma de reproduzir-se material e espiritualmente. Fazia parte imanente da constituição do homem novo de Che o advento do trabalho em sua mais nova e avançada significação. O homem novo compreende e executa a sua atividade de uma maneira renovada e diferente.

Ao participar dos programas de trabalho voluntário, um cubano já demonstrava alto grau de consciência e entendimento da realidade e das necessidades da Revolução. Por isso, segundo Che, um auto-proclamado comunista jamais deveria fugir desse dever moral, acreditando que a sua contribuição à sociedade seria dada tão-somente mediante feitos heróicos guerreiros individuais. Não se poderia ter essa pretensão e vaidade, havia que se conscientizar da relevância fundamental do trabalho comum, onde todos poderiam destacar-se através das grandes conquistas alcançadas coletivamente. Portanto, para Che, uma revolução não compreendia apenas os combates e a aventura heróica que colocam o povo no poder, compreendia também o trabalho árduo, diário e concreto de cada um na construção consciente de novas forças produtivas.

[...] nós temos de defender nossa revolução, aquela que estamos fazendo todos os dias. E para poder defendê-la temos de construí-la, fortificá-la com esse trabalho que hoje não agrada à juventude, ou que, pelo menos, considera como o último dos seus deveres, porque ainda conserva a mentalidade antiga, a mentalidade que vem do mundo capitalista, ou seja, que o trabalho é um dever, é uma necessidade, mas um dever e uma necessidade tristes. (GUEVARA, 2004c, p.273)

O trabalho adquire inicialmente uma nova característica à medida que os meios de produção passam a pertencer a todos – a partir daí, da constatação objetiva dessa realidade, torna-se possível a internalização de um novo conceito concernente à atividade produtiva de cada trabalhador – trata-se já de um labor não tão penoso espiritualmente para quem o pratica, justamente por não entregar o que produziu para apropriação privada e estranha. Desse ponto em diante, o que passará a existir é a colocação em prática de algo em que se identifica e que

vê como uma significativa colaboração individual voluntária sua para o desenvolvimento completo de toda a coletividade.

Ou seja, que o trabalho adquire uma nova qualidade, uma qualidade desconhecida na época em que o homem tinha que vender a sua força de trabalho ao proprietário das máquinas ou das terras para poder levar um pedaço de pão amanhecido aos seus filhos. Agora, os meios de produção passam ao poder do povo... (GUEVARA, 1982e, p.145)

Para tanto, era necessário que todos se conscientizassem a respeito dessa nova significação do emprego da força de trabalho. A partir do momento em que se compreendesse e internalizasse o fato real e palpável que o resultado do esforço produtivo coletivo seria apropriado socialmente (e, não mais, privadamente), todos se sentiriam estimulados para dedicar-se cada vez mais à sua respectiva função. Nas palavras de Guevara:

[Deve-se] construir um futuro no qual o trabalho será a dignidade máxima do homem, no qual o trabalho será um dever social, um prazer dado ao homem, no qual o trabalho será o máximo da criação; todo mundo deverá estar interessado no seu trabalho e no dos demais, no avanço da sociedade dia após dia. (2004c, p.272)

Alterando a sua lógica e destino final, cria-se uma nova realidade onde não se foge mais do trabalho, passa-se a procurá-lo devido à expansão da consciência e à compreensão da sua importância para o bem-estar e desenvolvimento coletivos. Além disso, será nesta atividade – através e a partir dela – que os homens e mulheres poderão realizar-se em sua plenitude. Segundo Che, longe de ser uma obrigação e um sacrifício, o trabalho consolidar-se-á como, “uma necessidade vital como expressão da criação humana” (GUEVARA, 1982e, p.145). A atividade produtiva livre (porque não é ela que determinará a sobrevivência de uma pessoa), assim como a artística, será uma emanção, uma objetivação, afinal, uma materialização do espírito humano desalienado e liberto – é através dela que se expressará. Assim asseverou Che: “É aí que temos de trabalhar, para formar novas gerações que tenham o máximo interesse em trabalhar e saibam encontrar no trabalho uma fonte permanente e constantemente geradora de novas emoções. Fazer do trabalho algo criador, algo novo.” (GUEVARA, 2004c, p.273-4)

Che chega a comentar que havia ainda na Cuba dos anos 1960 muitos trabalhadores em situação difícil, imersos em atividades sacrificantes. Porém, alertava que, a despeito da forma do trabalho ter continuado – por enquanto – a mesma, o seu conteúdo já era

razoavelmente diferente. O sentido daquela produção não era mais a apropriação privada de um capitalista, e sim o benefício coletivo, com a apropriação social do resultado daquele esforço individual. Esta consciência, essa noção da importância da sua atividade para o desenvolvimento da Revolução, tenderia a fazer com que o trabalhador executasse a pesada e difícil tarefa desde logo com outro espírito, identificando-se imediatamente com o rumo que era dado à sua contribuição produtiva na nova sociedade. E quanto maior fosse o sacrifício maior seria o desenvolvimento material e da sua consciência. Consciência que tornaria suportável a prática desses sacrifícios, haja vista o fato de que tudo se torna mais prazeroso de se fazer quando se vê e compreende o sentido do ato, quando se sabe o quê e o porquê se está fazendo. De acordo com Guevara (1982e, p. 145):

Em muitos casos, as condições de trabalho não mudaram, mas temos que fazer mudar rapidamente a consciência para que se torne bem claro o caráter novo que tem esse trabalho, o caráter novo do sacrifício, que às vezes pode significar trabalhar em condições difíceis para o proletariado cubano. É necessário criar consciência que nos permita elevar enormemente a nossa capacidade de passagem para o comunismo.

Para Che, realmente, a Revolução já havia conseguido dar uma significação nova para o trabalho, não mais alienado e penoso, mas praticado conscientemente e, por conseguinte, de maneira mais alegre e humana.

[...] o homem depois de passar todas *as etapas* da alienação capitalista, e depois de se considerar uma besta de carga unida ao jugo do explorador, reencontrou sua rota e reencontrou o seu caminho de alegria. Hoje⁶⁷, em nossa Cuba, o trabalho adquire cada vez mais uma significação nova, é feito com alegria nova. (GUEVARA, 1982j, p.75-6, grifo do autor)

A seguir, Guevara faz uma síntese do que significa o trabalho emancipado e livre que é praticado sob o estímulo gerado pela consciência do dever e da importância da contribuição individual de cada um para o desenvolvimento completo, contínuo e uniforme da sociedade (tanto material – bens de consumo, quanto espiritual, cultural e moral). De acordo com Guevara (1982j, p.76):

Outra vez se adquire frente ao trabalho a velha alegria, a alegria de estar cumprindo um dever, de se sentir importante dentro do mecanismo social, de

⁶⁷ 15 de Agosto de 1964 – Discurso proferido no ato de entrega dos Certificados de Trabalho Comunista aos operários vinculados ao Ministério das Indústrias que trabalharam mais de 240 horas voluntárias no primeiro semestre do corrente ano.

se sentir uma engrenagem que tem suas particularidades próprias – necessário, embora não imprescindível para o processo de produção – e uma engrenagem consciente, uma engrenagem que tem seu próprio motor e que cada vez o impulsiona para levar a termo uma das premissas da construção do socialismo: ter uma quantidade suficiente de bens de consumo para oferecer à toda a população.

Em uma realidade comunista de verdadeira e completa emancipação do trabalho, o ser social poderá dedicar menos tempo à atividade produtiva de reprodução social e nada mais o impelirá a vender – sob pena de inanição – a sua força de trabalho. Portando uma ética e uma cultura muito elevadas, o homem consciente abarcará consciente e praticamente a humanidade que pertence, identificando-se com todos os membros que a compõem (não há mais divisões de classe, apreende o seu ser gregário). Dedicar-se-á à produção por ter ciência do valor do trabalho e, por ser esta uma atividade em que vê sentido, que foi por ele concebida (sendo então o resultado dela – o produto – uma emanção de si próprio), os homens buscarão praticá-la, pois lá se reconhecerão e verão o significado dela para o todo social.

Ao passo que o trabalho voluntário é, como o próprio adjetivo sugere, algo que se possa optar ou não, vê-se na sua implementação a verdadeira prática de um trabalho consciente e que sabe o seu significado e importância para o meio social em que está inserido. A sua execução reflete já um estágio mais avançado de consciência – mais distante do trabalho alienado que se pratica por compulsão fisiológica e mais próximo daquele trabalho livre de Marx (e do dever social de Che) que se cumpre mediante escolha consciente. Assim, o trabalho voluntário

Significa uma participação consciente dos trabalhadores na construção do socialismo. É, portanto, um trabalho não alienado, um trabalho livre, à medida que é verdadeiramente “voluntário”, quer dizer, produto de uma resolução interior de pressões exteriores do meio social. (LÖWY, 1999, p.97)

Essa definição guevarista concernente às atividades voluntárias insere-se no conceito mais amplo de Che que versa sobre o trabalho e sua imprescindibilidade para o desenvolvimento de qualquer sociedade. Em um discurso proferido em cerimônia de premiação e homenagem aos técnicos e trabalhadores mais destacados do ano de 1962, Che apontou o trabalho como o centro e principal fator criador riqueza e crescimento econômico

de um Estado socialista. Deveria ser o primeiro e mais importante dever de todos. Conforme asseverou:

Através de que expressão irá se criar o Estado Socialista? Está claro que através do trabalho. Está claro que o trabalho é que criará as riquezas para nosso Estado, e que dará a ele novas características para mudar o seu aspecto atual. O trabalho, então, deve ser a marca do revolucionário. E o trabalho deve ser compreendido por todos como o dever fundamental. (GUEVARA *apud* PÉREZ-GALDÓS, 1988, p.124, tradução nossa)

Che Guevara perseverava junto à população com a questão da importância essencial e vital do trabalho. Afirmava constantemente a respeito de sua qualidade de único e verdadeiro fator criador de valor – queria, de fato, que fosse internalizada no povo essa noção. Dizia igualmente que a soberania do país somente poderia ser garantida com um desenvolvimento industrial e infra-estrutural que significasse a independência econômica da nação. A guerra cotidiana para manutenção da Revolução e de suas conquistas sociais e políticas era uma guerra militar e econômica. Sem crescimento econômico – advindo mediante muito trabalho – a soberania do país estaria sempre ameaçada ou obliterada. Guevara (2004c, p.275-6), assim sintetizou a sua concepção a respeito da categoria trabalho e do trabalho voluntário:

É isso que tem que ser feito. Ficar consciente de que o trabalho é o mais importante. Perdoem-me se eu insisto tantas vezes, mas é que sem trabalho não há nada. Toda a riqueza do mundo, todos os valores que a humanidade possui não são nada mais do que trabalho acumulado. Sem isso não pode existir nada. Sem o trabalho extra para criar mais excedente para novas fábricas, para novas instalações sociais, o país não avança. E por mais fortes que sejam os nossos exércitos, estaremos sempre com o ritmo de crescimento lento...

Justamente a falta dessa consciência em relação ao caráter fundamental do trabalho era apontada por Che no seu diagnóstico concernente à baixa assiduidade popular nos domingos de trabalho voluntário de Cuba durante alguns períodos específicos. Assim, ao criticar a falta de participação do povo nos dias que seriam dedicados ao trabalho voluntário, Che atesta um baixo grau de conscientização e conseqüente falta de compromisso de alguns setores com o grande projeto de transformação social empreendido pela Revolução.

Ainda falta à classe operária consciência exata de sua força, de sua potencialidade, de seus deveres e direitos [...]. O problema da falta de ‘corte’

se resolve quando a consciência dos trabalhadores chega até o ponto em que sabe que cortar cana é uma necessidade imperiosa de Cuba, e quando os próprios trabalhadores criam seus tempinhos livres para produzir... (GUEVARA, 1982a, p.50)

Ato contínuo, essa falta de compreensão das necessidades da Revolução observadas em uma parte do operariado poderia verificar-se em algumas situações concretas. Segundo Che, em muitos casos, ao verem-se em um contexto econômico minimamente confortável para eles e suas famílias, os operários deixavam de se superar e de se dedicar com um empenho adicional – tão imprescindível para um processo revolucionário que tentava se desenvolver entremeado por um sem-número de condições objetivas adversas (bloqueio imperialista, ameaça de agressão externa, sabotagens internas, falta de técnicos com a qualificação necessária etc.). Che Guevara expressou esse descontentamento com uma parcela da classe trabalhadora cubana durante uma conferência televisionada (“A Industrialização em Cuba”) de 30 de abril de 1961. Sentenciou:

[...] há um conjunto de forças de trabalho que não estão dedicadas efetivamente à produção, porque alcançaram um nível de vida suficiente para satisfazer suas necessidades mais prementes e se conformam com isso. [...] há uma falta de compreensão das necessidades da Revolução [...] falta ainda à classe operária fazer mais esforço, sinceramente falta um esforço maior. (GUEVARA, 1982a, p.51)

Por mais que Che insistisse obstinadamente no chamamento de todos à consciência e à reflexão do que era essencial para o país naquele momento, nunca houve nenhum tipo de coação para se fazer com que um trabalhador aderisse aos programas e desafios do trabalho voluntário. Era imprescindível que a prática de tal atividade solidária e revolucionária fosse estimulada por ponderação e decisão interna – teria que se consolidar, efetivamente, como as horas de trabalho verdadeira e totalmente livres e conscientes de cada indivíduo dedicado à causa da construção socialista. Somente nesse contexto haveria condições e espaço para o homem novo (antes de tudo, sempre consciente) florescer e evoluir.

Isto preocupava Che porque ele acreditava que, mesmo no exercício de uma atividade voluntária, o homem poderia continuar escravo do trabalho caso estivesse em determinada função apenas através de uma falsa iniciativa – como uma simples resposta às pressões sociais, sem estar convicto e sentindo profundamente a importância de sua atitude de vanguarda. Havia que interiorizar os valores e refleti-los na atividade voluntária livremente,

sabendo o seu sentido e significado, caso contrário, estaria reproduzindo o mesmo trabalho alienado e estranhado típico do modo de produção capitalista. Estaria, finalmente, respondendo apenas a estímulos de outrem, não sendo aquela sua prática uma objetivação de sua vontade, de sua consciência e, portanto, de sua humanidade. Conforme afirmou Guevara (1982h, p.67):

Que o homem se sinta impelido ao trabalho por determinação interna própria ou então pelo ambiente que o rodeia são coisas diferentes... O ambiente deve ajudar o homem a sentir interiormente esta necessidade, mas se for só ambiente, se se trata apenas de uma pressão moral que o empurra, então também no trabalho voluntário continuará sua própria alienação; quer dizer, não realizará algo seu, algo novo feito em liberdade. Continuará sendo escravo do trabalho.

Por conseguinte, Che sempre frisou e ressaltou que exclusivamente deveriam trabalhar (voluntariamente) aqueles que queriam de fato, aqueles que não tivessem sido coagidos por uma força externa e/ou “superior” apenas. O esperado era que os novos adeptos tivessem sido contagiados pelo clima de dedicação e pela consciência mais avançada dos praticantes desse tipo de atividade⁶⁸. Por outro lado, alertava para que aquele reconhecimento expressado nas cerimônias de entrega dos Certificados de Trabalho Comunista, não fosse interpretado como um ato de menosprezo e desprestígio aos outros trabalhadores. Afirmava que todos estavam colaborando para a construção de uma sociedade socialista, mas os voluntários estavam fazendo um esforço adicional para o cumprimento dessa difícil e longa empreitada. Guevara parecia demonstrar preocupação em não provocar nenhuma espécie de divisão (através de colocação de rótulos e classificações) entre os trabalhadores. Assim definiu (1982e, p.144):

[...] o trabalho voluntário serve para toda a sociedade, mas serve fundamentalmente para o indivíduo, para o desenvolvimento da consciência de cada um. Somente quem quer fazê-lo deve fazê-lo, e quem não quiser fazê-lo não terá deixado de cumprir com seu dever. Simplesmente não terá cumprido com o dever extra que os mais entusiastas da sociedade impõem a si mesmos. Que isso fique bem claro, para que ninguém se sinta incomodado por estes certificados e para que ninguém se sinta extremamente envaidecido com ele, senão como uma mostra de que cumpriu plenamente seu dever para

⁶⁸ A ditadura do proletariado cubano deveria exercer, segundo Che, uma pressão “positiva” sobre o povo para que este desenvolvesse a sua consciência ininterruptamente. Definiu: “[...] devem ser submetidos a estímulos e pressões de certa intensidade...” (GUEVARA, 2004d, p.256)

com a sociedade, e deu tudo o que podia dar de si para o desenvolvimento dela.

A concorrência entre os voluntários e trabalhadores em geral era fomentada de uma maneira saudável no intuito de manter os ânimos exaltados e com grande espírito de dedicação. Não havia estímulo material individual para quem quebrasse recordes ou qualquer coisa do tipo, havia “somente” a sensação positiva, sentida por esses novos homens, de que contribuíram conscientemente para a construção de uma sociedade melhor e mais justa. E esse deveria ser o espírito da Revolução de 1959 em sua fase guevarista.

3.2 Estímulo Material vs. Estímulo Moral

A questão da aplicação de estímulos materiais ou estímulos morais para incentivar o aumento da produtividade dos trabalhadores sempre ocupou lugar central nas reflexões de Che Guevara. Mesmo não escondendo a sua predileção absoluta pela segunda forma citada de despertar o ânimo do proletariado cubano – posição que tinha consonância direta com a importância que dava aos assuntos da consciência, Che não ignorava o fato palpável e objetivo do contexto infra-estrutural de Cuba dos anos 1960 que sinalizava que, durante um período não-determinado da transição, ainda teriam que ser utilizados alguns tipos de estímulos materiais para que se garantisse o desenvolvimento da economia e a participação ativa da população nos projetos elaborados pelo governo revolucionário.

Por mais que se colocasse como meta para proporcionar o desenvolvimento do país a criação de um parque industrial com uma tecnologia que acompanhasse o que estava sendo feito no mundo na época, nunca foi esquecida, nos anos guevaristas de Cuba, a importância essencial do estímulo moral para propiciar a elevação da produtividade. Portanto, não seria apenas mediante investimento em ciência e tecnologia que seriam garantidos altos níveis de produção – tão importante quanto era, novamente, a questão da consciência como impulsionadora da vontade e da inventividade (que redundava em progresso técnico) do trabalhador. Segundo Ricardo Rojo, “Guevara estava convencido de que os estímulos morais à produtividade eram inseparáveis de qualquer programa de racionalização do trabalho industrial.” (1968, p.84)

Logo em 11 de maio de 1959, ao discursar na Universidade de Havana, Che ressaltava a importância do conhecimento técnico unido ao ímpeto e moral revolucionária como fatores primordiais para proporcionar o desenvolvimento econômico da nação. Sempre mantendo coerência entre discurso e prática e também dentro de sua própria teoria, Che sabia que somente a técnica isolada – sem pessoas conscientes e estimuladas pelo novo momento histórico que vivenciava Cuba para aplicá-la – não configuraria uma transformação profunda daquela realidade de atraso e miséria propiciada por mais de 400 anos de exploração (do povo e da terra) imperialista. “... Nestes momentos os técnicos são vitais para Cuba como também é vital o impulso revolucionário desses técnicos...” (GUEVARA apud PÉREZ-GALDOS, 1988, p.63, tradução nossa)

Embora contrariado, Guevara admitia a permanência do estímulo material (base ideológica da antiga sociedade) durante algum tempo no processo de transição porque tinha plena ciência de que a aquela sociedade em transformação estava sendo construída sobre a base econômica anterior. As pessoas que estavam construindo o novo em Cuba haviam sido formadas no velho sistema que privilegiava o benefício material e disseminava a moral do individual e do privado acima do pensamento coletivista e solidário. Portanto, segundo Che, havia

os estímulos materiais necessários, porque estamos saindo de uma sociedade que pensava unicamente em estímulos materiais e construindo uma sociedade nova baseada naquela velha sociedade, com uma série de transformações na consciência das pessoas pertencentes àquela velha sociedade [...]. Por isso o interesse material estará presente durante um certo tempo no processo de construção do socialismo. (GUEVARA, 2004f, p.239)

De fato, Che sempre demonstrou relutância em relação à idéia de construir o comunismo com estímulos materiais e individuais. Para ele, estes deveriam ser, tão cedo quanto possível, sobrepostos pela nova consciência comunista (mais solidária e mais avançada humanitariamente), isto é, pela colocação definitiva dos estímulos morais (que demandavam e, concomitantemente, já propiciavam um maior grau de conscientização) no cerne da organização social e econômica. A prática do trabalho voluntário e do trabalho ordinário – a partir desse tipo de estímulo – com maior dedicação (que repercutiria em maior produtividade revertida para a coletividade) seria o reflexo objetivo da nova concepção da vida e da atividade produtiva desse homem novo que se construía junto à sociedade socialista cubana. A vanguarda, através da instrução e do exemplo, comandaria o processo de criação

desses novos homens e mulheres com a consciência socialista, que se moveriam por força de estímulos morais e por meio da compreensão do dever social que nutririam em relação à comunidade. Guevara (2004f, p.240), sentenciou: “O estímulo moral, a criação de uma nova consciência socialista é o ponto em que devemos nos apoiar, onde devemos chegar e ao qual devemos dar ênfase”.

Destarte, mesmo com a permanência transitória dos estímulos materiais havia que se acelerar o processo de sua extinção completa mediante educação e conscientização das massas. “Quanto à presença sob uma forma individualizada do interesse material, nós a reconhecemos (embora lutando contra ela e tentando acelerar a sua liquidação através da educação)... Aceitamos esta concepção como o mal necessário de um período de transição...” (GUEVARA, 1982i, p.192)

Che apontava, inclusive, a permanência do estímulo material pós-NEP (Nova Política Econômica) como um dos principais fatores de contradição (e pressão pró-regresso capitalista) encontrados no socialismo soviético. Ao criticar o modelo socialista da URSS baseado no sistema de auto-gestão financeira, na reinstalação do mercado e na utilização contumaz e trivial dos estímulos materiais, Che assim definiu a significação desse tipo de estímulo para aqueles que buscavam construir uma sociedade verdadeiramente socialista: “[...] e assim ficou constituído o grande cavalo de Tróia do socialismo: o interesse material direto como alavanca econômica.” (GUEVARA *apud* PÉREZ, 2001, p.107).

Segundo Guevara, em momentos de crise do sistema soviético, os russos não recorriam à raiz, a Marx, mas sim e tão-somente aos “últimos” Lênin que, na verdade, seriam uma resposta prática a alguns problemas imediatos do início da Revolução de Outubro. A sua teoria geral prévia (produzida, principalmente, antes dos anos 1920) não era, para infortúnio do sistema que se aspirava construir, a mais consultada. Desse modo, sempre se lançava mão do Lênin mais pragmático, que respondia às vicissitudes de um movimento revolucionário radical encontrado ainda no seu nascedouro. Nos anos 1950-60 as circunstâncias eram outras, porém, o livro-guia dos soviéticos continuou sendo o dos escritos de Lênin que permitiam a permanência de algumas categorias capitalistas no estágio primeiro do socialismo russo. A NEP acabou se tornando o manual (referência) para todas as épocas, quando, de fato, a teoria lá refletida referia-se e remetia-se a um período de tempo muito específico da Revolução Bolchevique de 1917, a saber, a transição para o socialismo em um contexto de economia subdesenvolvida, com base no campo e entremeada por um conflito bélico internacional e por

uma guerra civil. Guevara (1982h, p.69) assim sintetizou o que para ele decretou a falência teórica da URSS:

[...] existe uma crise de teoria, e a crise teórica se produz por haver esquecido a existência de Marx e porque ali se baseiam somente numa parte do trabalho de Lênin. O Lênin dos anos 20 é tão-somente uma pequena parte de Lênin [...]. Na atualidade se considera sobretudo este último período, admitindo como verdades coisas que teoricamente não são certas, que foram impostas pela prática, que estão ainda revestidas pelo perfil prático e são analisadas teoricamente [...]. Na presença das dificuldades econômicas destes últimos anos, qual tem sido a reação? Não ir à fonte, para procurar a raiz dos erros, mas tentar resolvê-los de maneira empírica.

Já na década de 1960, Guevara havia feito o diagnóstico do retorno ou manutenção de categorias capitalistas nos modos de produção ditos socialistas dos países da Europa Oriental – dentre as principais apontava o estímulo provocado pela promessa de futuro benefício material individual aos operários mais produtivos. Segundo Che, ao não atingir o mesmo nível de produtividade do ocidente capitalista, os países que tentavam praticar o socialismo não aprofundavam os estudos teóricos de matriz marxista para poderem entender o fenômeno. Através de um pragmatismo anti-teórico, buscavam no exemplo das potências capitalistas a solução de seus problemas. Conforme Guevara (1982h, p.70):

[...] estamos na presença de uma série de países que estão todos eles mudando de caminho. [...] Por quê? Em vez de ir ao fundo, à raiz disto, para tentar resolver o problema, dá-se uma resposta superficial, volta-se à teoria do mercado, recorre-se novamente à lei do valor, e são reforçados os incentivos materiais. Toda a organização do trabalho vai na direção do estímulo material [...]. Isto acontece por causa de uma carência teórica de princípios e análises.

Che Guevara chega a afirmar que todos os países socialistas ou em transição deveriam aproveitar a oportunidade de, mediante o trabalho (unindo-o ao estudo), ir forjando paulatinamente a verdadeira consciência comunista, isto é, “acostumar” os homens a conceberem a sua atividade como um dever moral e não mais uma penosa obrigação. O estímulo moral, que apela à consciência e à solidariedade, tinha que ser o mecanismo que iniciaria essa transformação na conotação do trabalho. “Acreditamos que, de certa maneira, se está desperdiçando as possibilidades de desenvolvimento que oferecem as novas relações de

produção, para acentuar a evolução do homem em direção ao ‘Reino da Liberdade’.” (GUEVARA, 1982i, p.190)

Apesar de aumentar a possibilidade de irrupção de uma revolução vitoriosa – devido às condições objetivas que engendra –, o subdesenvolvimento econômico atrapalha e obstaculiza profundamente o desenrolar do processo revolucionário, principalmente em seu aspecto material mais imediato. Tem-se que desenvolver a infra-estrutura econômica a partir de um estágio muito incipiente, o que resulta em grande ônus e sacrifício inicial da população. E justamente diante dessas dificuldades e adversidades concretas, pode ser tentador, a um governo que rege a transição rumo ao socialismo, a utilização de algumas categorias capitalistas para estimular o crescimento da economia do país.

O subdesenvolvimento, por um lado, e a habitual fuga de capitais para países ‘civilizados’, por outro, tornam impossível uma mudança rápida e sem sacrifícios. Resta um grande caminho a percorrer na construção da base econômica, e a tentação de seguir pelos caminhos do interesse material como alavanca impulsora de um desenvolvimento acelerado é muito grande. (GUEVARA, 2004d, p.253)

De acordo com Che, a partir do momento em que se busca e se cria uma série de artifícios que visam premiar e compensar materialmente um trabalhador (ou grupos deles) para que alcancem determinados patamares de produtividade, há uma distorção do objetivo social que existe na função produtiva de cada proletário – ocorre uma contraposição de seres semelhantes que passam a correr individualmente atrás de soluções egoístas para os seus problemas. Este fato redundaria, fatalmente, na fragmentação e conseqüente queda do grau de conscientização de cada um. Che Guevara (1982i, p.194) assim definiu: “a concepção individualista que o estímulo material direto exerce sobre a consciência [freia] o desenvolvimento do homem como ser social.”

Caso o interesse material se estabelecesse como o principal impulsionador dos trabalhadores, passando a existir um estímulo da rivalidade e não da solidariedade entre eles – o bem-estar individual permaneceria como o motor propulsor da ação de cada um. A apropriação (via distribuição) do produto poderia até ser coletiva, mas o fator que empurraria o proletário (a necessidade material) continuaria o mesmo que o da sociabilidade capitalista. De tal sorte que a consciência pouco se expandiria e a Revolução Socialista não teria a sua perenidade garantida. Eder Sader (2004, p.35) asseverou: “Altos podem ser os índices da produção material e mesmo da melhoria das condições de vida, mas ele [Che] duvida

precisamente do significado de um ‘comunismo’ que se forjaria à base de interesses individuais herdados do capitalismo.”

Por isso mesmo Che queria que os estímulos materiais fossem utilizados de forma limitada na transição, até serem completamente anulados com o advento, em sua plenitude e totalidade, da sociedade socialista. Segundo ele, o estímulo material é parte integrante do sistema capitalista, não cabendo usá-lo, portanto, em um modo de organização social e econômico mais avançado e que se baseia, antes de qualquer coisa, em um grau de consciência mais profundo dos seres humanos.

O estímulo material era evitado porque se queria impedir, primordialmente, a concorrência dos operários entre si para alcançar algum privilégio individual. O objetivo era sempre atribuir ao trabalho um significado de dever social, estimulando a perspectiva coletivista – que seria refletida em atitudes solidárias e não competidoras. O trabalhador consciente não necessitaria de um incentivo material individual para executar eficazmente qualquer tarefa a ele imputada ou por ele assumida.

[...] não negamos a necessidade objetiva do estímulo material, mas somos renitentes quanto ao seu uso como alavanca impulsionadora fundamental. Consideramos que, em economia, este tipo de alavanca adquire rapidamente categoria *per se* e logo impõe sua própria força nas relações entre os homens. Não se pode esquecer que vem do capitalismo e está destinada a morrer no socialismo. [...] Estímulo material direto e consciência são termos contraditórios, em nosso conceito. (GUEVARA, 1982i, p.189-90)

Che chega a afirmar que os problemas existentes no processo de transição socialista em Cuba (dentre eles baixa produtividade, baixo nível de conscientização das massas, burocratismo e inicial desenvolvimento infra-estrutural) nunca seriam solucionados aumentando os estímulos materiais da classe trabalhadora em geral. Adiciona a esta idéia o fato concreto concernente à impropriedade de se avaliar um operário individualmente e de acordo com a sua produtividade – mecanismo utilizado no sistema de autogestão⁶⁹ das

⁶⁹ Autogestão ou Cálculo Econômico (CE) era o método de gerenciamento e planejamento da produção industrial usado na maior parte dos países ditos socialistas do leste europeu (inclusive na URSS). Preconizava a independência econômica e administrativa das empresas estatais. Isto é, cada unidade de produção ou fábrica era considerada uma empresa e tinha personalidade jurídica própria e individual, o que redundava em grande autonomia destas em relação ao Estado e propiciava um menor alcance da planificação centralizada. Ademais, centralizava os estímulos ao aumento de produtividade laboral nos incentivos materiais individuais. Guevara era crítico desse tipo de gestão das indústrias e propugnava a aplicação do método contido no Sistema Orçamentário de Financiamento (SOF). O SOF previa que unidades de produção que atuavam no mesmo setor, com base tecnológica semelhante e cuja produção tinha destino comum, deveriam compor um grande conglomerado que

empresas socialistas que é o mesmo que estimula a concorrência e a rivalidade no capitalismo, aumentando a riqueza do burguês e alienando, mediante a busca de soluções individuais, cada vez mais o trabalhador. Che asseverou:

No sistema de autogestão a medida do valor do homem é o que ele produz, coisa que o capitalismo já realiza perfeitamente. Quero dizer que se aqui temos defeitos e os queremos corrigir, não os corrigiremos com o método de compensar mais ou menos um trabalhador. Não chegaremos a nada. (GUEVARA, 1982h, p.68)

A diferença entre os dois sistemas de administração da produção (Sistema Orçamentário de Financiamento e Cálculo Econômico)⁷⁰ fica igualmente evidente ao se cotejar o significado do estímulo material para as duas vertentes de pensamento. Segundo Che e os partidários do SOF, esse tipo de estímulo (material) atrasaria a expansão de uma consciência solidária comunista – haja vista a continuidade, com a aplicação do mesmo, da busca de soluções individualistas para quaisquer tipos de problemas que surjam na sociedade. Assim, com a sua incidência rotineira não se conseguiria romper com a lógica da perseguição da locupletação individual tão característica do capitalismo. Os seres humanos não estariam aptos a enxergarem-se como seres gregários pertencentes a uma mesma coletividade – a concorrência obnubilaria o sentimento de solidariedade e fraternidade potencial presente entre eles.

[...] para os partidários da auto-gestão financeira, o estímulo material direto, projetado no futuro e acompanhando a sociedade nas diversas etapas da construção do comunismo, não se contrapõe ao desenvolvimento da consciência, mas para nós sim. É por isso que lutamos contra seu predomínio, pois significaria o atraso do desenvolvimento da moral socialista. (GUEVARA, 1982i, p.190)

A preocupação com a prevalência dos estímulos morais sobre os estímulos materiais foi recorrente para Che, cujo pensamento estabelecia que, à medida que a sociedade e a consciência dos trabalhadores fossem se desenvolvendo, estes estímulos (em prol daqueles primeiros) deveriam ser, em todas as suas formas e apresentações, paulatinamente extintos.

conformaria uma única empresa consolidada. À guisa de exemplo podemos citar o caso do açúcar em Cuba: todas as centrais açucareiras e outras relacionadas ao produto açúcar constituíam a Empresa Consolidada do Açúcar. Para maior detalhamento de tais diferenças ver GUEVARA, Ernesto Che. O Sistema Orçamentário de Financiamento. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. SP: Edições Populares, 1982.

⁷⁰ Ver nota anterior que sumariza a diferença entre os dois sistemas.

Fidel comenta a seguir a atenção que Che dedicava às questões da consciência e a sua posição na querela concernente ao tipo de estímulo que deveria mobilizar e guiar as intenções e atitudes dos trabalhadores cubanos nos idos de 1960:

Ele se opunha bastante à questão dos estímulos materiais, era partidário desses estímulos, mas de forma limitada, e era muito partidário da educação e da formação de uma consciência comunista; acreditava muito na consciência e no exemplo. [...] estabelecia que era preciso estar em permanente alerta e que os estímulos materiais não prevalecessem sobre a consciência, sobre os valores morais. (RAMONET, 2006, p.239)

Mais:

E como revolucionário, como revolucionário comunista, verdadeiramente comunista, tinha infinita fé nos valores morais, tinha uma infinita fé na consciência dos homens. Devemos dizer que na sua concepção viu com absoluta clareza nos recursos morais a alavanca fundamental da construção do comunismo na sociedade humana. (CASTRO, 1967, tradução nossa)

Guevara aceitava o fato da permanência de algumas categorias e relações capitalistas em uma sociedade de transição, contudo, acreditava que as mesmas não desapareceriam “naturalmente” com um desenvolvimento do sistema socialista, antes teriam que ser (durante a própria transição) combatidas conscientemente até o seu completo soçobramento. Mandel (1982, p.168) assim definiu a prevenção de Che em relação à manutenção dos estímulos materiais na sociedade cubana de transição:

Guevara deseja evitar que toda a sociedade seja saturada por um clima de egoísmo e de obsessão pelo enriquecimento individual. Esta preocupação se inscreve na tradição de Marx e sobretudo na de Lênin, que, não obstante compreender que o emprego dos estímulos materiais é inevitável na época de transição do capitalismo para o socialismo, sublinha ao mesmo tempo os riscos de corrupção e de desmoralização que resultam fatalmente do emprego destes estímulos, e conclamam o partido e as massas a combater rigorosamente esse perigo.

O fato de ainda existir divisão entre partidários dos estímulos morais e partidários da aplicação de estímulos materiais para a construção do socialismo demonstrava, segundo cria Che na época, “a relativa falta de desenvolvimento da consciência social” (GUEVARA, 2004d, p.256). Se todos tivessem um grau de conscientização mais avançado, não se cogitaria

o emprego de uma categoria tão tipicamente capitalista para a construção da nova sociedade comunista; isto porque o estímulo material não existirá no comunismo, onde, na verdade, nem haverá necessidade do mesmo. Conscientes, os seres humanos (seres sociais na etapa mais avançada do desenvolvimento histórico da humanidade) entregar-se-iam ao trabalho (desde a sua fase preparatória até o momento executivo do mesmo) não como se este fosse uma obrigação penosa, mas como um dever que cada homem e mulher têm individualmente na sociedade para com a coletividade que sabidamente pertencem. Teriam ciência que, tão-somente mediante aquela atividade produtiva, a reprodução social da vida de todos se faz verossímil e possível – afinal, é o trabalho (entre outros atributos que possui) que cria as condições materiais mínimas de sobrevivência dos seres humanos. Finalmente, na sociedade comunista, a ganância e a ambição mesquinha perderiam peremptoriamente terreno para o dever moral que todos procurariam cumprir, pois neste contexto tornar-se-ia possível a dupla realização dos seres sociais: enquanto seres efetivamente gregários – produzindo para a comunidade que fazem parte conscientemente – e enquanto seres individuais que se realizam e se materializam através do seu trabalho criador. De acordo com a definição de Guevara (2004f, p.240):

O estímulo material é o resquício do passado com o qual se deve contar, mas cuja importância deve diminuir na consciência das pessoas à medida que o processo avança. Um deve estar em nítido processo de ascensão, enquanto o outro deve estar em nítido processo de extinção. O estímulo material não fará parte da nova sociedade que se está criando, deverá se extinguir pelo caminho, e se devem preparar as condições para que este tipo de mobilização efetiva hoje perca cada vez mais sua importância em favor do estímulo moral, do sentido do dever e da nova consciência revolucionária.

Mesmo tentando diminuir ao máximo a sua incidência e participação efetiva no processo revolucionário, Che nunca ignorou a presença, ainda ativa, dos estímulos materiais na sociedade cubana de transição. Conforme sentenciou: “Acreditamos que nunca se pode esquecer a sua existência, seja como expressão coletiva dos desejos das massas, seja como presença individual, reflexo dos hábitos da velha sociedade na consciência dos trabalhadores.” (GUEVARA, 1982i, p.190)

Todavia, Guevara negava convictamente qualquer possibilidade de se instituir o estímulo material *individual*⁷¹ (para ele, o modo de aumentar a produção mais pernicioso à consciência) como forma de incitar os trabalhadores à prática de mais horas de trabalho voluntário. Até, ocasionalmente, quando queria repassar aos trabalhadores destacados e homenageados alguns presentes que ele havia ganhado anteriormente, Che o fazia de maneira discreta e sem alarde. De fato, não queria motivar os demais operários com a esperança de receberem bons presentes por terem cumprido uma tarefa que era, antes de tudo, um dever moral.

Por esses dias de Páscoa, caíram em minhas mãos uns pequenos presentes, não tão pequenos. Achamos que estes presentes, em caráter pessoal, poderiam ser entregues aos companheiros que mais se destacaram. Não vou mostrá-los aqui, porque são muito bonitos e poderiam se confundir com um estímulo material, e não é essa minha intenção. (GUEVARA, 1982e, p.143)

Ato contínuo, Che enfatiza a crítica aos estímulos materiais afirmando que, além de reforçarem o pensamento individualista e anti-solidário, eles não têm nenhum poder de atratividade em uma sociedade socialista – são, de fato, pertencentes a uma categoria que conforma a sociabilidade regida pelo capital, onde um homem pode ficar muito mais rico do que a maioria. No socialismo isto não é possível – há um preceito desse sistema que preconiza a igualdade de condições socioeconômicas entre os membros da comunidade – e a insistência nos estímulos materiais então perderia o sentido. Ademais, onde a moral e a ética socialistas estão mais espalhadas, a utilização do benefício material (quase sempre apropriado privada e individualmente) se oblitera naturalmente e tende a perder a força que tem nas formas de organização econômica e social cultivadoras do individualismo e da concorrência em todas as esferas.

Desse modo, além de significar a presença ideológica objetivada do antigo modo de produção, tal incitação via interesse individual não tem como repercutir, materialmente, em prol do trabalhador tomado isoladamente. Ou seja, no socialismo não se acumula riqueza indiscriminadamente e ao bel-prazer de cada um, há, pelo contrário, uma divisão equitativa e

⁷¹ Ernest Mandel (1982, p.168) sintetizou brilhantemente a concepção de Che a respeito dos estímulos materiais afirmando que Guevara não rechaça “o emprego dos estímulos materiais. Mas subordina tal atitude a duas condições. Em primeiro lugar, é preciso escolher aquelas formas de estímulos materiais que não reduzam a coesão interna da classe operária, que não antepõem os trabalhadores entre si; por isso preconiza um sistema de incentivos coletivos (de equipes ou de empresas, mais do que um sistema de incentivos individuais). Portanto, se opõe a toda generalização abusiva dos incentivos materiais, porque criam efeitos desagregadores sobre a consciência das massas.”

completa de toda produção social entre os membros que compõem o coletivo – o efeito “sedutor” do estímulo material no socialismo torna-se, obrigatoriamente, diminuto, pois a oferta de bens e as possibilidades de acumulação não chegam a um patamar atrativo. Conforme Guevara (1982h, p.58):

[...] o modo como se pode conceber o incentivo material em sistema socialista – já disse – é muito limitado (não tendo um valor de motor, de incentivo real). Em síntese, [...] pode-se ganhar muito pouco, talvez nada, acaba-se perdendo o gosto do jogo e da premiação [...] exatamente porque não representa um incentivo suficiente. Seria como dizer, então, que escolhemos como arma contra o capitalismo uma arma do capitalismo, transferindo-a para um contexto onde necessariamente não tem atrativo, eficácia, porque só pode se desenvolver em uma sociedade capitalista plena, isto é, em uma sociedade cuja filosofia é a luta do homem contra o homem, dos grupos contra os grupos e da anarquia produtiva.

Com esse ideário, Che queria, já na transição, desencorajar a procura de soluções individualistas em tempos de penúria, o que faria com que os operários aumentassem a sua produtividade objetivando prioritariamente benefícios materiais pessoais. O crescimento econômico poderia até advir de uma política de estímulos materiais lançada pelo Estado Revolucionário, contudo, graças ao individualismo que enseja e resulta, tal medida afastaria todos do sistema e da lógica socialista, que prescreve, em primeiro lugar, uma consciência gregária. Conforme Eder Sader: “Quando para aumentar a produção, apela-se essencialmente para a concorrência entre trabalhadores e entre empresas, termina-se por estimular um crescimento que se afasta do socialismo.” (2004, p.49)

Além disso, segundo o próprio Che Guevara, ao utilizar categorias capitalistas para a construção do sistema socialista corre-se o risco de, ora utilizando instrumental teórico de um modo de produção, ora usando de outro, perder-se no meio do caminho e não saber mais o que exatamente se está erigindo.

Perseguindo a fantasia de realizar o socialismo graças às armas que nos legou o capitalismo (a mercadoria como célula econômica, a rentabilidade, o interesse material individual como alavanca etc.) pode-se chegar a um beco sem saída. Pode-se percorrer uma longa distância na qual os caminhos se cruzam muitas vezes e onde é difícil perceber o momento em que se errou de caminho. (GUEVARA, 2004d, 253-4)

Recorrendo imprudente e acriticamente, a todo o momento da transição socialista, a estímulos que vivificam a pretensamente derrotada sociabilidade burguesa e sua respectiva superestrutura, alcança-se um ponto em que a mesma estrutura econômica que garante um nível de produtividade e produção social maior, garante igualmente a perpetuação do individualismo e da alienação dos trabalhadores. De acordo com a afirmação de Che Guevara: “[...] a base econômica adaptada fez seu trabalho de corrosão sobre o desenvolvimento da consciência.” (2004d, p.254)

Havia, assim, que se alterar a consciência de todos para um outro e novo patamar: de egoísta no capitalismo para solidária no comunismo. Com a consciência comunista mais aprofundada garantir-se-ia a perenidade da nova sociabilidade construída por todos durante a revolução socialista, onde, a partir de então, os seres humanos deixariam de buscar soluções individualistas para os seus problemas – haja vista a consciência que teriam da inter-relação do seu bem-estar com o bem-estar comum, fato que consagraria o interesse moral coletivista como o principal instrumento da transformação social.

Além disso, somente o desenvolvimento da consciência poderia garantir a longevidade a uma Revolução. Apenas com a compreensão e a introjeção de valores solidários e conhecimentos mais sólidos e profundos por todo o povo é que um processo de transformação radical poderia ter um futuro mais garantido. Se a Revolução se limitasse ao desenvolvimento industrial e econômico, não se importando a que custo humano, ela ruiria assim que uma grave crise (de fornecimento de bens de consumo, p. ex.) atingisse a sociedade. Daí a importância do estímulo que apela para uma consciência do todo – trazendo à tona a realidade dos movimentos econômicos e políticos que determinam a vida de cada um. Divide-se e imputa-se a responsabilidade da construção de uma vida mais rica (material, cultural e eticamente) a toda a massa.

Desse modo, para se forjar o homem novo propugnado por Che, não se poderia recorrer às velhas formas de estímulos (na sociedade do capital, o estímulo material individual). O novo homem cubano deveria ser criado a partir do apelo (do chamamento) moral, que representa uma categoria nova – cujo advento é provocado já na fase de transição – e que significa uma aquisição de consciência por parte dos indivíduos. “Daí a importância de escolher corretamente o instrumento de mobilização das massas. Esse instrumento deve ser de índole fundamentalmente moral, sem esquecer uma correta utilização do estímulo material, sobretudo de natureza social.” (GUEVARA, 2004d, p.254)

Cabe aqui ressaltar que, além de assentar as bases características do novo homem comunista que estava sendo construído, o estímulo moral também repercutia muito positivamente na produção e no desenvolvimento material da sociedade.

[...] nós afirmamos que, em um tempo relativamente curto, o desenvolvimento da consciência faz mais pelo desenvolvimento da produção que o estímulo material, e afirmamos isso baseados na projeção geral da sociedade para ingressar no comunismo, o que pressupõe que o trabalho deixe de ser uma dura necessidade, para se converter em um agradável dever. (GUEVARA, 1982i, p.190)

A educação político-ideológica seria determinante para que se criasse essa nova perspectiva (contribuição voluntária, dever consciente) dos homens frente ao trabalho – tinham que ser informados a respeito do novo sentido e do novo modo de apropriação (daquele momento em diante, coletivo) referente às suas respectivas atividades. Na política de desenvolvimento socioeconômico alicerçada no estímulo moral (sensação de dever, voluntarismo, consciência do que ocorre na sociedade que cerca o indivíduo e do valor de sua atividade produtiva para ela) estaria justamente o germe do processo que libertaria o homem do trabalho – à medida que ele não seria mais executado por obrigação e necessidade vital, mas porque assim o ser emancipado quer e deseja.

Portanto, e de acordo com a concepção guevarista, a sociedade comunista deveria ser construída em duas frentes amplas, convergentes e inter-relacionadas: o desenvolvimento econômico (que propiciaria uma vida de conforto material a todos) e o desenvolvimento moral e da consciência (que possibilitaria o advento de um tipo de homem mais evoluído – solidário, gregário e que faz da sua atividade produtiva uma ação de emanção de seu espírito e de sua essência, enxergando-se no objeto do seu trabalho onde tem a sua essência objetivada e refletida).

O estímulo moral era incitado e espraído principalmente através da educação e da propaganda ideológica. Aos trabalhadores que respondiam a essa convocação eram, em cerimônias especiais, oferecidos, como forma de reconhecimento do esforço e da dedicação à causa revolucionária, certificados e diplomas de “trabalho comunista”. O pensamento vigente e vivenciado no período guevarista era essencialmente este, o de se entregar física e espiritualmente a uma tarefa sem objetivar nada mais do que o reconhecimento dos seus concidadãos – tendo a consciência clara de estar servindo a um processo revolucionário que prescrevia e exigia, acima de tudo, o bem-estar dos seres humanos. Muito mais do que a

distribuição dos certificados – que para Che jamais deveriam ser superdimensionados em sua relevância – era o sentimento do dever moral cumprido que interessava na complexa e árdua tarefa da construção do homem novo e da nova sociedade.

O Certificado de Trabalho Comunista era somente uma lembrança, uma valorização formal que o Governo Revolucionário promovia para mostrar aos trabalhadores que, no socialismo que se estava edificando, o ser humano era, definitivamente, o centro de tudo, que a partir daquele momento histórico o reconhecimento da importância de sua atividade seria verdadeira e que, finalmente, a sua prática consciente passaria a determinar o rumo do desenvolvimento econômico, social e cultural de Cuba. Portanto, queria-se, com tal homenagem e com a disseminação dos estímulos morais, “fazer com que a maior quantidade possível de companheiros [pudessem] aspirar a este tipo de reconhecimento, mínimo, sem outro valor que a lembrança, sem outro valor que a satisfação do dever cumprido.” (GUEVARA, 1982e, p.143)

Assim, as cerimônias em homenagem aos operários destacados seriam apenas mais uma ferramenta de mobilização e estímulo à população para que esta aderisse, em cada vez maior número, ao trabalho voluntário praticado na ilha. Para Che, a distribuição dos Certificados de Trabalho Comunista tinha o objetivo

de dar estímulos morais e destacar os homens que por seu entusiasmo e sua dedicação ao trabalho são verdadeiros exemplos para toda a sociedade [...]. Não são nada mais [os certificados] que um reconhecimento que neste caso fazemos no Ministério da Indústria aos companheiros que compreenderam plenamente o sentido do novo tempo que vivemos. (GUEVARA, 1982e, p.141)

O essencial mesmo para Che era que todo povo compreendesse a importância e o valor da sua atividade produtiva, em qualquer área. Tinham que assumir o espírito de alguém que está contribuindo conscientemente, com um trabalho de grande significado, para a construção de um verdadeiro projeto de hegemonia popular. Guevara (1982e, 142-3) assim definiu o poder transformador da consciência e do estímulo moral:

Este espírito que considere o trabalho que se está fazendo nesse momento como uma tarefa fundamental para o país, qualquer que seja, por humilde e simples que seja. [...] Esse é o espírito com que nós queríamos contagiar vocês. Este é o espírito que vocês estão convocados a contagiar a todos os que estejam perto de vocês; o espírito de pôr pés, asas, qualquer coisa em

tudo; o espírito de voar na produção, o espírito de ir para a frente, superando todos os obstáculos, varrendo tudo o que se oponha ao cumprimento do dever social.

Embora para Guevara fosse imprescindível que a atividade produtiva se realizasse sempre de maneira consciente e, por conseguinte, com arrebatamento e entusiasmo por parte dos trabalhadores, tal prática – através da qual estava se tentando criar e construir uma revolução socialista em um país miserável e subdesenvolvido – deveria ser levada a cabo com organização e planejamento. Planejamento este que seria justamente a contrapartida do socialismo para a lei do valor capitalista que, teoricamente, através de uma “mão invisível”⁷², regularia os níveis de oferta e demanda de produtos e insumos no mercado, garantindo o equilíbrio econômico na sociedade.

Em contraposição a esse, na verdade, modo desordenado e anárquico de produção social – que não tem em seu horizonte nada além da busca frenética e individual de lucro e da valorização/acumulação de capital, o socialismo é pressuposto por um sistema de produção consciente e organizado que tem como objetivo principal o atendimento das necessidades humanas. “O plano reduz e, por fim, extingue o determinismo econômico. Dentro dele e através dele o trabalho surge como fator sociodinâmico da liberação do indivíduo e da sociedade.” (FERNANDES, 1979, p.147) A planificação surge, nesse sentido, como o mecanismo mediante o qual os homens e mulheres poderão exercer a sua teleologia social ao organizar lucidamente toda a sociedade em torno dos objetivos de alcance do bem-estar e do desenvolvimento coletivo e igualitário.

3.3 Planificação: Controle Econômico e Social

A planificação, para Che Guevara, era um instrumento vital para a consolidação e conquista definitiva dos objetivos da Revolução Cubana. Mediante ela, imaginava o então ministro, os trabalhadores poderiam prognosticar e controlar conscientemente toda a sua produção social e a sua vida coletiva. Era, portanto, o modo de organização/administração através do qual os indivíduos poderiam seguir, como sujeitos históricos, um caminho pré-

⁷² Adam Smith. *A Riqueza das Nações*.

concebido conscientemente por eles mesmos. Conforme a definição de Guevara (1982i, p.195):

[...] podemos, pois, dizer que a planificação centralizada é o modo de ser da sociedade socialista, a categoria que a define e o ponto em que a consciência do homem consegue, enfim, sintetizar e dirigir a economia em direção à sua meta: a plena libertação do ser humano no quadro da sociedade comunista.

Che ressaltou a dupla importância (econômica e política) que tem a planificação para uma sociedade que procura assentar-se sobre o socialismo. Do ponto de vista econômico, com esse método passa-se a produzir de acordo com as necessidades mais prementes da coletividade, além de todas as etapas da produção e todas as relações entre as unidades produtoras passarem a ser quase que plenamente programadas e previamente estipuladas – fazendo aparecer a “mão visível” dos seres sociais conscientes. No que concerne a sua relevância política, a planificação pode propiciar um mecanismo mediante o qual os trabalhadores comandem conscientemente a produção e a vida sociais – estimulando, naturalmente, um tipo de comportamento mais ativo e solidário em relação às questões de ordem coletiva. Conforme sumarizou Guevara (1982c, p.9): “A planificação, entendida no sentido marxista-leninista da palavra, tem um conteúdo econômico e político. É o sistema de desenvolvimento da sociedade socialista.”

Para Che, a transição rumo ao socialismo seria, necessariamente, um processo ambivalente: concomitantemente à construção da nova sociedade – pautada e baseada em um novo modo de produção e em novas relações sociais e de produção – dever-se-ia lutar pela destruição do antigo sistema econômico e de suas respectivas categorias. Assim, buscava-se a todo o momento livrar-se das mediações/categorias capitalistas, tais como o mercado e a mercadoria, sob pena de ver-se envolvido em um sistema que, a despeito dos desenvolvimentos de ordem material imediata que poderia propiciar – decerto distribuídos de forma desigual –, seria ele o próprio capitalismo, apenas e tão-somente em fase diversa daquela anteriormente vivida na ilha.

Isto posto, sentenciou Che que caso as novas empresas (ou unidades de produção) socializadas pela Revolução de 1959 se baseassem naqueles antigos corolários e conseguissem desenvolver a sua tecnologia e estimular materialmente os seus operários, estas obteriam, logicamente, um faturamento maior (seu preço é menor, venderá mais) e passariam a concentrar, paulatinamente, a renda. No entanto, as desigualdades (entre salários e resultados de cada unidade produtora – fábrica) ressurgiriam e alimentariam a falência do

sistema que se baseia na igualdade e no coletivismo, abrindo definitivamente a porta ao capitalismo e às suas respectivas categorias e usurpações, além de incentivar a busca de soluções individuais para quaisquer tipos de problema.⁷³ Voltaria o “cada um por si” dos trabalhadores que passariam a não ver mais a sua atividade inserida em um contexto social de produção e apropriação coletivas.

Desse modo, Guevara era peremptoriamente contra a manutenção da lei do valor durante o período de transição. A possibilidade de controlá-la e administrá-la, aventada e alimentada pelos soviéticos, não passava então de ilusão e erro teórico. Portanto, as categorias capitalistas tinham que ser “enterradas” junto com o sistema que as gerava e do qual faziam parte – a fase de transição tinha, justamente, esta incumbência e difícil tarefa. Na síntese do próprio Guevara (1982i, p.194):

Entendemos que durante certo tempo se mantenham as categorias do capitalismo e que este prazo não pode ser determinado de antemão, mas as características do período de transição são as de uma sociedade que liquida suas velhas amarras para ingressar rapidamente na nova etapa. A tendência deve ser, em nossa opinião, a de liquidar, o mais vigorosamente possível, as categorias antigas, entre as quais se incluem o mercado, o dinheiro e, portanto, a alavanca do interesse material, ou melhor dizendo, as condições que provocam a existência das mesmas.

Baseando-se na divisa que defendia a idéia da centralização e do planejamento contra a lei do mercado, “auto-regulado” e com movimentos alheios às necessidades da classe trabalhadora, Che tentou organizar um sistema de desenvolvimento econômico e social com decisões concentradas na vanguarda e radicalmente oposto aos critérios mercadológicos. De modo que não seria então o mercado que continuaria a determinar o que e como se produziria, e sim uma planificação baseada nas necessidades do povo – na Cuba de Che não haveria a “mão invisível” do mercado controlando os preços e a produção, haveria sim o planejamento que busca aperfeiçoar a produção e fazer a distribuição do modo mais justo possível. Atestou a esse respeito Che: “[...] aqui defendemos o preço da mercadoria contra todas as pressões, para fazer com que a distribuição seja a mais equitativa possível.” (GUEVARA, 1982g, p.151)

⁷³ “[...] é natural que a utilização do mercado para racionalizar a produção acarrete um aumento das desigualdades sociais e regionais e favoreça uma ideologia individualista.” (SADER, 2004, p.136)

O ideal seria que o preço refletisse exatamente o valor (trabalho socialmente necessário à produção de algo) incorporado ao produto, ao largo da lógica mercantil-capitalista e do jogo cego das leis do mercado simbolizado pelo binômio oferta x demanda. Dessa forma, o objetivo primordial das diretrizes econômicas era enfraquecer ao máximo (mediante planificação e conseqüente rígido controle administrativo) o poder da lei do valor mercantil no período de transição. Por exemplo, ao se deixar de fabricar determinado produto de consumo em prol de outros investimentos estratégicos (militar, entre outros), aquele bem sofreria uma pressão (provocada pela sua escassez) em seu preço, que tenderia a subir – tal pressão seria controlada pelo Estado. Conforme asseverou Che: “Então se criarão tensões que se terá de corrigir com medidas administrativas, para impedir uma alta de preços e se criarão novas relações que obscureceriam cada vez mais a ação da lei do valor. [...] no plano haverá um reflexo cada vez mais pálido da lei do valor.” (GUEVARA, 1982b, p.180-1)

A planificação, segundo Che, deveria ter como pressuposto básico a posse coletiva dos meios de produção. Não há planificação sem socialismo, portanto os meios de produção devem, ineludivelmente, ser de propriedade social para que se possa seguir o que se foi planejado e pensado. Guevara (1982c, p.10) definiu: “[...] planificação e socialismo caminham juntos e não se pode forçar a planificação enquanto as condições objetivas não o permitirem.”

Assim, enquanto houvesse empresas privadas, a planificação – e o subsequente controle da economia pelos trabalhadores –, nunca seria pleno. A apropriação, privada e individual, dos meios de produção redundaria fatalmente em anarquia da produção – então regida pelas obscuras e voláteis leis do mercado. Cada indivíduo ou grupo de indivíduos acabaria fazendo o que julgasse necessário para alcançar vantagens e benefícios pessoais, independentemente do significado de tais atitudes para o restante da sociedade e a despeito do que foi ou não planejado. Segundo Che, “a condição *sine qua non* para que um plano seja realmente um plano econômico é que o estado domine a maioria dos meios de produção e, melhor ainda, se for possível, a totalidade dos meios de produção.” (GUEVARA, 1982a, p.33),

Outros dois fatores que dificultavam a planificação da economia cubana eram o incipiente crescimento do parque industrial do país – que não possibilitava que se efetivasse o que foi planejado e que também desestimulava a elaboração de planos mais audaciosos⁷⁴ – e a

⁷⁴ “A impulsão igualitária, apesar de forte, esbarra na própria pobreza.” (FERNANDES, 1979, p.152)

constante guerra do imperialismo estadunidense contra Cuba, que impedia que projetos fossem totalmente colocados em prática sem sobressaltos ou no ritmo que se havia imaginado. Havia fatos, provenientes dessa contradição e desse antagonismo (imperialismo ianque e soberania cubana) que não tinham como ser previstos pelos dirigentes da ilha caribenha e que influíam sobremaneira no desenrolar do processo revolucionário⁷⁵.

Em contraposição a essa instabilidade na objetivação do projetado (proporcionada tanto pelas dificuldades internas construídas através dos séculos – subdesenvolvimento – quanto por aquelas advindas do ataque estrangeiro pós-Revolução de 1959), Che ambicionava a efetivação integral na realidade de tudo o que se havia planejado, querendo reduzir ao mínimo espaço possível qualquer evento ocorrido fora do previamente arquitetado pelo governo revolucionário. Buscava a objetividade e o rigor matemáticos na elaboração e na aplicação dos planos de desenvolvimento socioeconômico do país. Conforme afirmou:

[...] estão se iniciando estudos para dar à planificação o caráter de disciplina exata, empregando os métodos matemáticos de vanguarda no campo econômico [...]. Temos a ambição de fazer da planificação um instrumento de direção da economia quase automático, o mais próximo do rigor matemático que seja possível [...]. (GUEVARA, 1982c, p. 15 e 16)

Em Cuba, cabia ao Ministério das Indústrias a administração da produção e a planificação econômica. Che, então ministro das Indústrias, afirmava que dentre as condições fundamentais para que se pudesse elaborar e cumprir à risca um plano, estava aquela relacionada à “obrigação” de se ter um profundo conhecimento da realidade econômica do país, partindo da estatística como ferramenta imprescindível para tanto. Conforme Guevara (1982a, p.33): “Para fazer um plano é necessário um conhecimento claro da realidade nacional. Ou seja, é necessário um conhecimento estatístico vigoroso, preciso, metuculoso, de todos os fatores econômicos...”

Outra condição vital para que a realização da planificação ocorresse de forma bem-sucedida, alcançando os objetivos anteriormente estipulados, era a unidade na condução da

⁷⁵ Che, a seguir, discorre a respeito de como o desenvolvimento econômico de Cuba teve que ser impulsionado e realizado em meio à constantes ameaças de agressão externa e interna e sem os recursos técnicos, materiais e humanos necessários para tanto. Vejamos: “[...] devíamos continuar fazendo funcionar essas fábricas e também a agricultura e os transportes. Sem adubo, sem inseticidas, sem matérias-primas, sem peças de reposição, sem técnicos, sem organização, com sabotagens, com bandidos operando em nosso território apoiados pelos Estados Unidos com agressões, com ameaça constante da invasão, com mobilizações gerais duas ou três vezes ao ano, que paralisavam a vida do país; assim fomos avançando.” (GUEVARA, 1982c, p.11-2)

execução do plano. Isto é, a Juceplan⁷⁶ – organismo responsável pela orquestração centralizada dessa planificação, então presidida pelo primeiro-ministro de Cuba, Fidel Castro – deveria buscar a harmonização, a coesão e a coerência na aplicação do planejado, sabendo coordenar e arregimentar em torno de si todo o aparato de produção estatal, distribuído em diversas empresas consolidadas e suas respectivas unidades de produção. Asseverou Che a esse respeito: “[...] as mais altas autoridades políticas do país estão diretamente dirigindo o plano, conduzindo e lhe conferindo a unidade de comando necessária para que o plano seja executado.” (GUEVARA, 1982a, p.34)

Segundo Guevara, as unidades produtoras não deveriam competir entre si para obter maiores índices de venda e faturamento, pois o que se tornava imperativo ali era que todos trabalhassem em consonância e cooperação, seguindo as indicações de um grande plano nacional e buscando a melhoria na qualidade de vida dos cubanos de maneira geral. Naturalmente, esperava-se que o estímulo à produção e ao aumento da produtividade não fosse aquele pautado nos benefícios materiais imediatos (produzir mais apenas para aumentar a renda individual de um trabalhador), pelo contrário, teria que ser a nova ética e a nova moral socialistas que conduziriam o trabalhador rumo a uma atitude inédita até aquela época, qual seja, a de produzir mais graças à consciência adquirida a respeito da importância e da necessidade da produção individual para o bem-estar e desenvolvimento da sociedade.

Para tanto, era essencial, segundo Che, que todo o povo soubesse do significado dessa grande mobilização coletiva pró-produção. Tinha que estar claro que esse esforço coordenado e sob o comando de um planejamento objetivava o desenvolvimento da economia do país e, subseqüentemente, a melhoria da vida da população. Conforme Guevara (1982a, p.34):

[...] ninguém pretende, neste país, nem em qualquer país de justiça social, desenvolver-se para obter melhores rendas pessoais ou para conquistar um triunfo pessoal. O desenvolvimento será para que o país melhore; para que cada homem individualmente obtenha melhores rendas e uma vida melhor. Se é assim, então cada homem, cada habitante do país, está interessado neste plano e deve estar.

Desse modo, os trabalhadores deveriam ter ciência de como se inseria a sua tarefa individual dentro do grande esforço coletivo que estava projetado no plano que buscava elevar a qualidade da vida material e, subseqüentemente, cultural de todos. Asseverou Che: “[...] um

⁷⁶ Junta Central de Planificação.

plano é profundamente democrático em sua realização, e isso é a base essencial para ele. [...] se deve conhecer minuciosamente, chegar às bases, discutir, e não aprovar mecanicamente, sem estudá-lo.” (GUEVARA, 1982a, p.34)

Não obstante o fundamental papel do proletariado de, num primeiro momento, apenas executor das tarefas e deliberações orquestradas pelo governo revolucionário, Guevara acreditava que somente uma centralização das decisões econômicas mais importantes em um órgão da vanguarda poderia fazer frente aos rebotalhos da ordem mercantil ainda presentes nas relações sociais e comerciais daquela fase de transição socialista. A criação da Juceplan é a resposta organizativa e política da vanguarda da Revolução de 1959 para tentar consolidar definitivamente o controle da economia e da produção pelos dirigentes cubanos⁷⁷.

O tema central dessas preocupações é assim o processo pelo qual a coletividade dirige a economia, ocupando o lugar das cegas leis do mercado. No raciocínio de Guevara, o reforço da centralização das decisões aparece como um dos fatores fundamentais para concretizar essa via. Assim, a Junta Central de Planificação (JUCEPLAN) dava as linhas gerais do plano... (SADER, 2004, p.47)

Dessa forma, os organismos centrais de poder controlavam a contabilidade e as transferências de recursos entre as unidades de produção. Não havia venda com lucro; havia o envio do produto de uma unidade à outra e a subsequente transferência do valor para a unidade que produziu. “O Sistema Orçamentário de Financiamento se baseia em um controle centralizado da atividade da empresa; seu plano e sua gestão econômica são controlados por organismo centrais, de uma forma direta...” (GUEVARA, 1982i, p.189). De modo que, enquanto ainda tramitando entre empresas ou unidades de produção, os produtos não adquiriam a característica de mercadoria, pois não eram produzidos e disponibilizados diretamente no mercado, nem eram concebidos tendo esse destino final como objetivo.

Conseqüentemente, os produtos (matérias-primas, bens intermediários etc.) que passavam de uma fábrica (ou unidade produtora) a outra não chegavam a ser qualificados como mercadorias – afinal, não foram ao mercado, apenas se “locomoveram” dentro da única

⁷⁷ O esquema hierárquico idealizado pela vanguarda da revolução concernente à organização da planificação do país seria aquele em que um plano elaborado pela Juceplan era passado ao Ministério das Indústrias que, igualmente, o repassaria para as Empresas Consolidadas e às suas respectivas Unidades de Produção (Fábricas). Lá o plano seria discutido com os operários, que poderiam propor modificações e sugerir novas medidas mais atinentes com a realidade cotidiana da produção. As colocações subiriam em sentido inverso ao caminho que vieram (dos trabalhadores vai para a direção da fábrica, desta para o Ministério, até chegar, finalmente, de volta à Juceplan que, assim esperava-se, analisaria as idéias dos trabalhadores).

e grande empresa que é o Estado. De acordo com Guevara (1982i, p.195): “[...] negamos a existência da categoria mercadoria em relação às empresas estatais, e consideramos todos os estabelecimentos como parte da única grande empresa que é o Estado.”

Todo esse esforço e trâmite produtivo tão-somente teria sentido e seria colocado efetivamente em prática no cotidiano da revolução, caso o povo cubano abraçasse as idéias e os planos sugeridos e elaborados pela direção política da ilha. Apenas com o envolvimento popular – principal fator de produção – maciço e substancial, poder-se-ia alcançar as metas almejadas e projetadas. Isto posto, para garantir a participação consciente e efetiva da massa seria necessário que ela fosse consultada nos momentos de confecção de um plano. A vanguarda está à frente e comanda, mas, segundo acreditava Che, com poder decisório totalmente lastreado nos anseios da população. De acordo com GUEVARA (1982a, p.34):

O plano é uma coisa viva que está destinada fundamentalmente a extrair do país as reservas adormecidas até esse momento e colocá-las a serviço da população. Para isso é necessário despertar o grande fator de produção que é o povo. Isso quer dizer que o povo tem de conhecer o que é que queremos, discutir o que queremos em cada caso, apresentar suas contraposições, aprová-lo depois de entendê-lo e, então, um plano pode seguir adiante. Isto é, o plano tem um caminho que, naturalmente, começa desde cima e vai de cima para baixo, porém volta de baixo para cima.

Guevara não somente ressalta a participação popular na elaboração dos planos (porque, afinal, é a população que vai executá-los e porque essa prática acostuma a participar de decisões de talhe coletivo), como coloca que são os trabalhadores que “têm de dizer a palavra final quanto ao plano.” (1982a, p.34) Ao novamente ressaltar a imprescindibilidade de uma participação consciente e ativa no processo de planificação da sociedade cubana, Che aponta o quão importante é o fato de o povo saber (e aprovar) o que está acontecendo no país. A classe trabalhadora só estará consciente dos processos transformadores que estão em voga a partir do momento em que fosse sistematicamente informada e consultada. Conforme sentenciou Che: “A divulgação é coisa muito importante em um regime no qual o conhecimento por parte da população do que se vai fazer é fundamental para que se faça. E não somente o conhecimento, mas o *conhecimento* e a *aprovação*.” (GUEVARA, 1982a, p.27, grifos nossos)

Poder-se-ia inferir, pertinente ao exposto logo acima, que se tratava Cuba de uma sociedade de relações sociais e de produção mais democráticas do que aquelas observadas nas

sociedades burguesas, organizadas sempre abaixo e em torno da ditadura do capital e de suas infundáveis necessidades de acumulação. Podem ser adjetivadas de mais democráticas aquelas relações à medida que o trabalhador na sociedade cubana – pretensamente em transição rumo ao socialismo e ao comunismo – ao menos era consultado sobre uma planificação que participaria direta e objetivamente com o seu empenho e com a sua força de trabalho. Não obstante, reconhecemos aqui o fato irrefutável de que nem a concepção do plano nem a do produto estava a cargo da maioria do, ainda, proletariado⁷⁸.

Ademais, o outro benefício material direto trazido com a planificação seria uma bem orquestrada coordenação da economia do país, intimidando eventuais ímpetos individualistas de unidades produtoras que porventura tentassem pautar a sua direção de acordo com o sistema de autogestão da fábrica (em voga na União Soviética de então). Esse sistema, acreditavam os signatários do Sistema Orçamentário de Financiamento, limitaria o alcance do planejamento estatal, haja vista que a unidade de produção poderia decidir o que, como e quanto fabricar, independente do bem-estar coletivo e buscando somente um resultado positivo imediato, localizado e específico. Continuaria assim a alienação, o estranhamento e a produção desregulada e descontrolada (situação em que cada um produz o que vai lhe gerar maiores lucros e benefícios materiais diretos). Este fato propiciaria um desenvolvimento desigual e intermitente, entremeado por concentração de riqueza e miséria material e espiritual.

Para Guevara, obstinado na busca da construção do homem novo – antes de qualquer coisa, consciente e portador de uma nova moral (comunista) –, a planificação, e seu apelo junto à população, poderia contribuir para a formação de novas práticas entre a classe trabalhadora cubana, práticas estas cada vez mais correspondentes com o espírito do novo tempo que se descortinava na ilha caribenha. Isto se justifica pois a atividade de planejamento era um trabalho de desenvolvimento econômico e de desenvolvimento de consciência política concomitantemente. Afinal, conforme sempre afirmou Che Guevara, sem consciência – sem a ação consciente do homem na história – não pode haver comunismo. As contradições estavam

⁷⁸ “Ainda proletariado” no sentido de que, mesmo com a irrupção de uma revolução auto-proclamada socialista, os cubanos não reconquistaram o infinito potencial criativo do ser humano emancipado, aquele ser cujo intelecto e capacidade de reflexão livre possibilitam uma vida realmente genérica e infundável em suas múltiplas manifestações de existência. Assim, os cubanos, em sua maioria, eram ainda “apenas” proletários, não podendo realizar-se dentro das inúmeras possibilidades propiciadas pela imensa inteligência e criatividade humanas – estavam presos e condenados a uma vida única e limitada por sua atividade de reprodução social, que determina e reduz a amplitude e magnitude humanas de todos que vivem sob o jugo da sociedade capitalista.

lá e só seriam resolvidas quando os sujeitos históricos comandassem consciente e integralmente todo o processo de transformação radical da sociedade.

Considerações Finais

A Cuba dos anos 1960 impôs a Che Guevara o enorme desafio de tentar realizar algo até então não-realizado: teorizar e efetivar a construção de uma sociedade verdadeiramente comunista de homens emancipados sobre as frágeis bases de uma economia capitalista miserável, dependente e subdesenvolvida. Che não se furtou e nem se esquivou do enorme problema, antes preferindo doar toda a sua energia e (grande) capacidade intelectual para tentar solucioná-lo. Pensou a transição socialista e especulou, baseado no seu conhecimento da obra de Karl Marx, uma teoria que pudesse orientar os cubanos naquela difícil travessia rumo ao comunismo.

Indubitavelmente, a questão salientada como mais importante por Che é aquela concernente à necessidade do advento de uma nova moral e de uma nova consciência comunistas, antes mesmo do desenvolvimento de novas forças produtivas e da criação de um novo trabalho humano – fatores objetivos essenciais para a realização de uma revolução e transição comunistas. Não obstante o serviço que presta ao marxismo, afundado durante a maior parte do século XX no mecanicismo e no stalinismo, ao abordar e concentrar as suas atenções às questões da consciência, Che parece ter esbarrado e interrompido a sua trajetória teórico-política justamente neste aspecto.

Conforme descrito em toda a dissertação, parecia não haver mesmo na Cuba insurgente muitos meios imediatos e objetivos essencialmente socialistas para concretizar na realidade material as novas acepções revolucionárias de solidariedade, coletivismo etc. disseminadas pela vanguarda. Excetuando o trabalho voluntário (sem considerar todas as limitações e questionamentos que possam advir de uma análise mais pormenorizada dessa categoria – entre elas, *grosso modo*, a noção básica de que uma revolução socialista ou comunista deveria redundar em uma menor quantidade de horas trabalhadas e em novos meios objetivos de realizar tal atividade e não simplesmente, mesmo que em um primeiro momento – e partindo de uma nova moral idealizada –, sobrecarregar ainda mais os já depauperados trabalhadores cubanos), tem-se a impressão de que a maior parte da transformação objetiva (sem dúvida aquela inicial que torna imprescindível o mínimo desenvolvimento econômico e industrial na ilha) se assentava em paixões e ideais que podiam ser detonados com discursos, educação e exemplos, a despeito da noção de que “a questão não

está tampouco naquilo que os homens pensam. O que importa são as suas relações reais.” (LIMA FILHO, 1997, mimeo)

Fidel e Che atribuíam ao processo de conscientização do povo cubano o êxito e a perenidade da Revolução. Isto significava para ambos que não bastava apenas, com o objetivo de garantir a vitória do socialismo na ilha, desenvolver-se industrialmente e distribuir esses ganhos de forma coletiva e burocrática – sem um sentido e significado claros daquela transformação para os trabalhadores.

Desse modo, o que salta às vistas de Fidel Castro como a grande contribuição histórica e teórica de seu parceiro de revolução e de governo Che Guevara – a prevalência da problemática da consciência – é o que consideramos ser, concomitantemente, o limite da tentativa deste último na sua elaboração de uma teoria da transição socialista em um país de capitalismo miserável e dependente. Acreditamos que o desenvolvimento de uma consciência pretensamente comunista, sem a objetivação de uma atividade produtiva e de uma sociabilidade concretamente comunistas, não propiciará o advento e o estabelecimento de uma revolução verdadeiramente comunista.⁷⁹

Che acreditava que os proletários mais conscientes deveriam dedicar-se mais que os outros à sua atividade, mesmo que a forma de execução dela ainda fosse a mesma de outrora – o que remetia a séculos de exploração e espoliação colonial e capitalista. Não obstante esse limite objetivo, Guevara acreditava no poder da compreensão que os trabalhadores pudessem ter a respeito do sentido desse mesmo trabalho – olhando-o com olhos “revolucionários” o proletariado sentiria paixão em relação a algo que, até pouco tempo atrás, lhe causava aversão e repulsa. Assim, ao invés de livrar-se do trabalho – o máximo que fosse possível diminuindo drasticamente as horas dedicadas às atividades de reprodução social –, o homem, na revolução socialista cubana, teria que buscar a sua liberdade mediante o exercício de mais trabalho⁸⁰.

De acordo com Éder Sader (2004), Che fazia uso de um “voluntarismo revolucionário” (valor do exemplo, da educação, da compreensão) para tentar criar nos trabalhadores uma consciência socialista e solidária – o que redundaria, assim esperava-se – em uma *nova* relação objetiva do proletariado com o *velho* trabalho. Portanto, *a consciência*

⁷⁹ Lima Filho sentenciou a respeito dessa verdade factual: “Não se pode, por um puro ato de vontade consciente, construir uma nova ordem social sem que as bases materiais desta estejam lançadas ou em vias de surgir.” (1997, mimeo)

⁸⁰ Conforme afirmação de Florestan Fernandes: “O trabalho, por sua vez, passou de objeto da liberação para fator da liberação. Ele está no eixo da política revolucionária e no centro da reconstrução do homem e da sociedade de Cuba.” (FERNANDES, 1979, p.151)

seria transformada pela consciência dos problemas e das necessidades da Revolução e não, ao menos naqueles primeiros momentos revolucionários, por uma realidade objetiva radicalmente diferente – diferente principalmente no que tange a um novo modo de se desenvolver e organizar a atividade humana e a produção social.

Ao abrir mão de estratégias políticas, como a criação de conselhos de operários e de comunidades, a vanguarda da Revolução Cubana – encabeçada por Che e Fidel – acaba por não estimular a contento a participação direta da população nas discussões concernentes à sua vida e à vida da nação. O super-poder apregoado à vanguarda consciente de impulsionar a apreensão dos novos valores pelos outros agentes sociais, parece ser a contrapartida de um vilipêndio destinado – por essa mesma vanguarda – àquelas contribuições teóricas que versavam sobre os problemas da transição e, especificamente, a respeito daqueles concernentes ao desenvolvimento dos coletivos de representação política das revoluções socialistas pretéritas⁸¹.

Insistindo na importância da centralização das decisões políticas e econômicas em torno de um Estado controlador, Che parece não ver no trabalhador coletivo consciente a capacidade de comandar toda a transformação social que propugnava e buscava junto com Fidel. A relação entre a vanguarda e a população se estabelece de forma mais unilateral do que bilateral, apesar das diversas iniciativas do governo revolucionário que buscavam criar mecanismos de interação e comunicação com as massas. O próprio fato anterior de não enxergar no trabalhador coletivo a força capaz e necessária para se fazer avançar a revolução, impele Guevara a essas diretrizes referentes à concentração do planejamento e da organização da economia em torno da vanguarda. Diante desse quadro por ele visto, Che opta por intensificar a questão moral, ética e do exemplo para dinamizar o processo de transição socialista – ainda parecendo enxergar os trabalhadores de maneira individualizada e não como um coletivo potencialmente consciente e revolucionário⁸².

⁸¹ “Procurando evitar as deformações do modelo soviético é expressivo que o Che não tenha feito uso das contribuições de toda uma experiência teórica e prática dos conselhos operários como fundamento da transformação das relações sociais.” (SADER, 2004, p. 48)

⁸² “Por não ver no trabalhador coletivo consciente uma nova categoria social, ela sim a própria definição do socialismo, a transição pensada navega sem margens e sem objeto, embora firme nas intenções, em seus objetivos maiores. Estamos ainda nos marcos do indivíduo, do homem e de sua nova e necessária moral, permanecemos ainda nos marcos das necessidades do homem novo e não do trabalhador consciente como reitor dos novos tempos. Este, entretanto, só se constitui enquanto categoria autônoma, força simultaneamente econômica, política, cultural em contraposição ao Estado, com o qual está e permanecerá em tensão [...]. Guevara não resolve a questão, apesar de apontar a quilha no rumo certo, o que, aliás, não deixa de ser um grande mérito.” (LIMA FILHO, 1997, mimeo)

Che Guevara indica a seguir a ilação que faz da importância da aplicação da teoria em um contexto revolucionário ao afirmar a possibilidade de se fazer uma revolução em um país mesmo sem uma teoria revolucionária correspondente – muito embora reconheça que o caminho para a vitória e afirmação definitiva de tal conquista poderia ficar mais dificultoso sem aquela. Conforme Guevara: “[...] podemos fazer a revolução, se interpretamos corretamente a realidade histórica e se utilizamos corretamente as forças que nela intervêm, *mesmo sem conhecer a teoria*. É claro que o conhecimento da teoria simplifica a tarefa e impede que se caia em erros perigosos...” (2004b, p.113, grifos nossos)

Por mais que Che Guevara aponte os seus próprios limites teóricos, exaltando, em várias passagens, a posição essencial que uma teoria revolucionária deva ocupar em uma revolução, torna-se patente em alguns momentos – provavelmente devido às pressões das decisões imediatas e objetivas naquele instável, miserável e beligerante contexto histórico – um certo esquecimento, dele mesmo, em relação à teoria – rechaçada em sua aplicação ali em território cubano, mas indicada como panacéia para os “males” do socialismo soviético. Éder Sader diz que seria então o pensamento de Che mais uma resposta aos problemas imediatos e práticos surgido nos primeiros anos da Revolução Cubana – não possuindo, assim, as suas obras, grandes sistematizações teóricas e generalizações. Florestan Fernandes (1979, p.221 e p.223) sintetizou concernente à questão teórica na Revolução Cubana:

O que importa assinalar é que não ocorreu um esforço criativo para engendrar uma teoria revolucionária adaptada a essas condições de eclosão histórica do período de transição, que propusesse as contradições emergentes e a política para enfrentá-las [...]. Enquanto as questões cruciais mais elementares permaneciam sem equacionamento ou eram solucionadas de maneira precária, provisória e semi-socialista, as questões mais candentes encontravam solução definitiva na representação ideológica (e utópica).

Ainda:

Pra dizer o mínimo, isso só pode evidenciar a debilidade ou a inexistência de uma doutrinação marxista-leninista formal (através do PCC ou por outras vias). Ou seja, que a educação socialista revolucionária do proletariado ainda se acha esmagada pelas célebres ‘correias de transmissão’ em que ela chega a inserir-se.

Outra imprecisão teórica (ou dedução equivocada), a nosso ver, se verifica quando Che sentencia que o fato de chegar ao poder pela via revolucionária e declarar o caráter

socialista da revolução já demonstraria a existência de condições objetivas para concretizar a edificação do socialismo naquele cenário. Isto é, se a vanguarda do povo tinha chegado ao poder e estipulado o socialismo como sistema econômico e social a organizar a sociedade cubana, tal fato já era a comprovação de que havia em Cuba todas as condições materiais para a construção e consolidação do socialismo.

[...] chegamos à conclusão de que em Cuba se fez uma Revolução Socialista e que, portanto, *havia condições para isso*. Porque realizar uma revolução sem condições, chegar ao poder e decretar o socialismo por arte da magia é algo que não está previsto por teoria alguma [...]. Se ocorre *o fato concreto do nascimento do socialismo* nestas novas condições, é que *o desenvolvimento das forças produtivas se chocou com as relações de produção* antes do racionalmente esperado para um país capitalista isolado. (GUEVARA, 1982d, p.263, grifos nossos)

Destarte, a simples declaração de que Cuba era socialista já evidenciava, segundo Guevara, que haviam condições materiais suficientemente desenvolvidas para que os cubanos vivessem em um sistema econômico e social verdadeiramente socialista. Assim, naquele momento (meados de 1960), era possível afirmar que o socialismo estava consolidado como um “fato concreto”(sic) na ilha. Porém, cabe o questionamento: como um país vítima, por mais de 400 anos, de uma exploração colonial que jamais propiciou um desenvolvimento industrial – o sistema econômico era baseado quase que tão-somente na monocultura e exportação de produtos primários – pode declarar-se suficientemente desenvolvido para se auto-proclamar socialista?⁸³

É provável que o maior legado teórico de Che tenha sido a dura crítica que faz à tentativa de se criar modelos herméticos de revolução socialista a partir da teoria marxista. Segundo ele, não se poderia perder de vista, mesmo baseando-se em algumas verdades comprovadamente absolutas, as peculiaridades que conformavam cada etapa histórica. A construção do socialismo nunca será igual em dois lugares – terá (e irá) responder às

⁸³ A esse respeito, Florestan Fernandes, em conhecido estudo da Revolução Cubana, assevera: “Dá-se por suposto um avanço que deveria ser realizado e por existentes condições que deveriam ser criadas. O estado socialista e o planejamento, como realidades históricas plenamente constituídas, mal se anunciavam no horizonte. Os revolucionários pensavam à luz do futuro e queriam modelar o presente por ele.” (FERNANDES, 1979, p.149). Karl Marx, em carta a Pavel Annenkov de 1846, sentenciou: “Podem os homens eleger esta ou aquela forma social? Nada disso. A um determinado nível do desenvolvimento das forças produtivas dos homens corresponde uma determinada forma de comércio e consumo. A determinadas fases de desenvolvimento da produção, do comércio, do consumo correspondem determinadas formas de organização social, uma determinada organização da família, das camadas sociais ou das classes; em síntese: uma determinada sociedade civil.”

vicissitudes econômicas, históricas, políticas, culturais e sociais do local onde se propõe colocá-la em prática. Levar em conta essas condições e características objetivas e peculiares somando-se à aplicação ortodoxa e, ao mesmo tempo, dinâmica da teoria poderá qualificar uma prática que responderá mais eficazmente àquelas necessidades enraizadas em determinado solo histórico específico. Conforme Che: “Deve-se trabalhar dialeticamente, apoiar-se nas massas, estar sempre em contato com elas, dirigi-las através do exemplo, utilizar a ideologia marxista, utilizar o materialismo dialético e *ser criadores a cada momento.*” (GUEVARA, 2004f, p. 243-4, grifos nossos)

Tentar livrar-se deliberada e conscientemente das categorias capitalistas que estavam presentes não só nas relações sociais entre e os cubanos, mas, principalmente, no modo de produção herdado dos destroços do antigo sistema neocolonial do capitalismo da miséria de Cuba, foi outra preocupação muito presente nos textos e discursos de Che, que nunca aceitou como modelo o tipo de organização do sistema econômico e industrial que pôde observar na União Soviética – para ele repleto de categorias típicas do capitalismo. Se não soube dar a resposta teórica a esse desafio tão gigantesco – como criar e organizar uma produção comunista e um novo trabalho também comunista na ilha, ao menos soube que caminho não deveria seguir⁸⁴. Igualmente indicou o novo ponto de partida do marxismo do século XXI: dever-se-ia retomar a teoria da construção de uma sociedade comunista a partir do marxismo do próprio Marx, destinando ao ocaso o obliterado marxismo mecanicista “oficial” que marcou tragicamente – do ponto de vista teórico, histórico e ideológico – o século passado.

Ademais, cabe sempre ressaltar a heróica tentativa de Che e Fidel de construírem o socialismo sobre uma base econômica subdesenvolvida, miserável e dependente⁸⁵ e, o mais importante, objetivando o alcance de tal honorável propósito *não* a qualquer custo. Isto é, os fins não justificariam os meios e, se o povo fosse prejudicado ou aviltado no desenrolar do processo de transformação da sociedade, este perderia o sentido e deveria ser interrompido e repensado. Tentavam, diante dos enormes obstáculos, ser criativos e revolucionários concomitantemente. Afirmou Florestan Fernandes: “A revolução não era, em suma, um

⁸⁴ Lima Filho sumariza a lacuna teórica deixada por Che: “[...] as duas categorias que para Marx eram centrais ao capitalismo e à transição ao comunismo, o capital enquanto forma de ser, categoria ontológica unificadora e matrizadora do universo categorial da sociedade capitalista e trabalhador coletivo cooperado consciente e autônomo, proprietário dos meios de produção, inexistem nos termos do debate em questão. Guevara não soluciona a questão que deseja responder, muito embora entenda que a plena vigência dos estímulos materiais somente recria as categorias do valor, reforçando e bloqueando a transição ao socialismo.” (mimeo, 1997)

⁸⁵ “Uma revolução condenada a suprimir a lacuna civilizacional deixada como herança colonial, consolidada pelo capitalismo crescido sob essas condições de dilacerantes assimetrias escravocratas.” (LIMA FILHO, 1997, mimeo)

‘experimento de laboratório’ e o mínimo que se pode dizer é que, em um período rico de história, pensamento e ação interagiam de maneira extremamente criadora...” (1979, p.146)

Portanto, se Che Guevara e Fidel Castro não conseguiram realizar a árdua tarefa de liderar a transição de uma sociedade capitalista miserável ao comunismo e criar o homem novo – devido às limitações teóricas e graças às condições materiais encontradas –, ambos contribuíram e foram fundamentais, *ao menos*, para propiciar uma vida mais digna material, cultural e espiritual a todo o povo cubano – além de terem feito desta pequena ilha um grande referencial de esperança para todos os povos oprimidos do planeta. Cumpriram as tarefas de uma revolução patriótica e nacional que a sua burguesia – entreguista e parasitária – nunca se permitiu realizar⁸⁶. Conforme Florestan Fernandes (1979, p.145 e p. 222-3): “esperou-se deles [Fidel e Che] o que não poderiam fazer em Cuba e, da revolução cubana, o que ela não poderia ser. [...] é possível acompanhar-se, pelas críticas sinceras e explosivas de Fidel Castro, o grau de limitação teórica dos dirigentes [...] e também dos quadros.”

A análise das afirmações, e praticamente de toda a obra teórica de Che, também deve levar em consideração que grande parte dos seus textos, aqui estudados e com seus trechos expostos, são oriundos de discursos, proferidos aos trabalhadores e ao povo de Cuba ao longo de sua jornada como um dos líderes da Revolução iniciada em 1959. Daí que, obviamente, todas as suas idéias – por não terem encontrado, justamente, o formato imposto por um rigor metodológico e científico encontrados nas grandes teorizações – sofrem prejuízo na sua interpretação e devem, conseqüentemente, limitar o alcance da maioria das críticas que possam ser a elas destinadas.

Não obstante as lacunas e vazios teóricos apontados modestamente neste trabalho, cabe aqui reiterar a importância e o peso histórico da figura de Ernesto Che Guevara. Revolucionário conseqüente com uma ética humanista e solidária, Che ajudou a construir um dos principais capítulos da história da América Latina. A sua dedicação a causas tão nobres, sua disposição de entregar-se totalmente a elas e a coerência entre o seu modo de pensar e agir fizeram dele um exemplo de caráter e de homem a ser seguido. Fidel assim sintetizou o revolucionário indispensável que foi Guevara:

Um homem de pudor, de uma dignidade e de uma integridade enormes, isso é o que era Che e que o mundo admira. Um homem inteligente, um visionário. E Che não morreu defendendo outro interesse ou outra causa

⁸⁶ “[...] tiveram que criar as bases materiais para a produção mecanizada moderna, resolver as tarefas históricas não realizadas pelas burguesias nativas.” (LIMA FILHO, 1997, mimeo)

senão a causa dos explorados e dos oprimidos da América Latina. Não morreu defendendo outra causa senão a dos pobres e dos humildes da Terra. [...] Uma força moral indestrutível. (RAMONET, 2006, p.281)

Como vimos nos capítulos anteriores, Che imaginava que o exemplo de quem estava à frente, ou seja, na vanguarda do processo de transformação, deveria servir de estímulo para aquela sofrida população cubana que tentava (e conseguia) se reinventar – não se sabe ainda seguindo que trilha – após a derrota do imperialismo e do absolutismo na ilha. Todavia, Guevara talvez não imaginasse que o seu legado ultrapassaria anos e décadas, fazendo dele inspiração para milhões de pessoas que ainda hoje sofrem com a exploração e a opressão capitalistas.

Referências

- CASTRO RUZ, Fidel. *Discurso en La Velada Solemne en Memória del Comandante Ernesto Che Guevara*. Plaza de La Revolución, 18 de outubro de 1967. Extraído do sítio <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f181067e.html> em 18/10/2008.
- ENGELS, F. *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. 1ª ed. Neue Zeit, 1896. Extraído do sítio <http://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm> em 23/08/2006.
- FERNANDES, F. *Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana*. 1ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- GUEVARA, Ernesto Che. A Classe Operária e a Industrialização em Cuba. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982a.
- _____. A Concepção do Valor. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982b.
- _____. A Planificação e seus Problemas na Luta contra o Imperialismo. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982c.
- _____. A Planificação Socialista e seu significado. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982d.
- _____. Certificado de Trabalho Comunista. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982e.
- _____. Contra o Burocratismo. In: SADER, Eder (org.). *Che Guevara – Política*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004a.
- _____. Cuba: sua Economia, seu Comércio Exterior, seu significado no Mundo Atual. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982f.
- _____. *El Medico Revolucionario*. Discurso en el acto de inauguración del curso de adoctrinamiento organizado por el Ministerio de Salud Publica el 20 de agosto de 1960a. Ernesto «Che» Guevara. Obras. 1957-1967 Casa de Las Américas. La Habana. 1970. Tomo II. Pp. 70-80. Extraído do sítio <http://www.archivo-chile.com> em 17/08/2008.
- _____. Homenagem aos Operários Padrões. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982g.

- _____. Notas para o Estudo da Ideologia da Revolução Cubana. In: SADER, Eder (org.). *Che Guevara – Política*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004b.
- _____. O Plano e o Homem. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982h.
- _____. O que deve Ser um Jovem Comunista. In: SADER, Eder (org.). *Che Guevara – Política*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004c.
- _____. O Sistema Orçamentário de Financiamento. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982i.
- _____. O Socialismo e o Homem em Cuba. In: SADER, Eder (org.). *Che Guevara – Política*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004d.
- _____. Sobre a Construção do Partido. In: SADER, Eder (org.). *Che Guevara – Política*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004f.
- _____. Uma Atitude Comunista frente ao Trabalho. In: *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982j.
- _____. *Una Historia de la Revolución Cubana*. Revista “O Cruzeiro”. Brasil, 1959b. Extraído do sítio <http://www.archivo-chile.com> em 17/08/2008.
- KONDER, Leandro. *Marxismo e Alienação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- LIMA FILHO, Paulo Alves de. *O Retorno de Saturno: A Saga de Che Guevara e os Limites da Economia Política do Socialismo no Século XX*. Mimeografado, 1997.
- LÖWY, M. *O Pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 1999.
- MANDEL, Ernest. O Debate Econômico em Cuba durante o período 1963-1964. In: GUEVARA, Ernesto Che. *Textos Econômicos para a Transformação do Socialismo*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares, 1982.
- MAO JÚNIOR, José Rodrigues. *A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868-1963)*. São Paulo: Núcleo de Estudos do Capital, 2007.
- MARX, Karl. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- _____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Lisboa: Edições Avante!, 1994.
- _____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- MARX, Karl & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 6ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.
- PÉREZ, Manolo M. *Che Guevara: Contribuição ao pensamento revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- PÉREZ-GALDÓS, V. *Un hombre que actua como piensa*. La Habana: Editora Política, 1988.
- RAMONET, I. *Fidel Castro: Biografia a duas vozes*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- ROJO, R. *Meu Amigo Che*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

- SADER, Eder. Che Guevara – Política. Introdução. In: SADER, Eder (org.). *Che Guevara – Política*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004. pp. 11-54.
- SILVA, Newton F. *A Alienação no Trabalho em Marx nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Monografia de Conclusão do Curso de Ciências Econômicas. Unesp/Araraquara. Mimeografado, 2001.
- TAIBO II, Paco Ignacio. *Ernesto Guevara, Também Conhecido como Che*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

Bibliografia Consultada

- CASTRO RUZ, Fidel. *A História me Absolverá*. 5ªed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986.
- _____. Introdução à Edição Cubana. In: GUEVARA, Ernesto Che. *Diário*. 2ªed. São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, 1980. pp.5-21.
- COGGIOLA, O (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.
- ENGELS, F. *Princípios Básicos do Comunismo*. Novembro de 1847. Extraído do sítio <http://www.marxists.org/portugues/marx/1847/11/principios.htm> em 27/07/2008.
- GUEVARA, Ernesto Che. *Apuntes Críticos a la Economía Política*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006.
- _____. *Cartas*. 1ªed. São Paulo: Edições Populares, 1980.
- _____. *Discurso de Argel: Fragmentos del Discurso en el Segundo Seminario Económico de Solidaridad Afroasiática*. Argel, 24 de fevereiro de 1965. Extraído do sítio <http://www.archivo-chile.com> em 17/08/2008.
- _____. Discurso e Réplica na 19ª Assembléia Geral das Nações Unidas, 11 de dezembro de 1964. In: GUEVARA, Ernesto Che *et alii*. *Soberania e Autodeterminação: A Luta na ONU – Discursos Históricos*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- _____. *Mensaje a los Pueblos del Mundo a través de la Tricontinental*. Publicado pela primeira vez em Havana - Cuba, abril de 1967. Extraído do sítio http://www.marxists.org/espanol/guevara/04_67.htm em 27/07/2008.
- _____. Moral y Disciplina de los Combatientes Revolucionarios. Revista Verde Olivo. 17 de março de 1960b. In: *Obras Escogidas*. pp. 105-8. Extraído do sítio <http://www.archivo-chile.com> em 17/08/2008.
- _____. Palabras a Obreros Destacados. 22 de fevereiro de 1961. In: *Obras Escogidas*. pp. 195-8. Extraído do sítio <http://www.archivo-chile.com> em 17/08/2008.
- _____. Prólogo a Guerra del Pueblo, Ejército del Pueblo de Vo Nguyen Giap. Editora Política: La Habana, 1964. In: *Obras Escogidas*. pp. 101-5. Extraído do sítio <http://www.archivo-chile.com> em 17/08/2008.
- _____. *¿Qué es un "Guerrillero"?*(1959a). Extraído do sítio <http://www.marxists.org/espanol/guevara/59-quees.htm> em 21/07/2008.
- _____. Reforma Universitária e Revolução. In: SADER, Eder (org.). *Che Guevara – Política*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004e.
- KOSIC, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- LÖWY, M. *Para uma Sociologia dos Intelectuais Revolucionários*. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979.

- LUKÁCS, György. *Ontologia do Ser Social – Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução. In: *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. *Crítica do Programa de Gotha*. 1875. Extraído do sítio (em 27/07/2008): <http://www.marxists.org/portugues/marx/1875/gotha/index.htm>.
- _____. *Para a Crítica da Economia Política*. Introdução. In: Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARX, Karl & ENGELS, F. O Manifesto do Partido Comunista. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- MÉSZÁROS, Istvan. *MARX: A Teoria da Alienação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- PERICÁS, L. B. *Che Guevara e o debate econômico em Cuba*. São Paulo: Xamã, 2004.
- SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. 2ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1985.
- SAENZ, T. *O Ministro Che Guevara*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- STÉDILE, João Pedro. O Legado de Che Guevara. In: PÉREZ, Manolo M. *Che Guevara: Contribuição ao pensamento revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2001. pp.11-21.